

DUOLOGIA AMADOR | VOLUME II

DE
VAS
TA
DOR

JASMIN PALUMBO



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DUOLOGIA AMADOR | VOLUME II

DE VAS TAS DOR

JASMIN PALUMBO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

SINOPSE

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

PERIGOSAS NACIONAIS

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

EXTRA

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

EXTRA

XXXV

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XL

XLI

XLII

XLIII

XLIV

XLV

XLVI

XLVII

XLVIII

XLIX

L

LI

LII

LIV

LV

NOTA DA AUTORA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Devastador

Copyright © 2019 Jasmin Palumbo

1ª edição 2019

Revisão: JPalumbo

Design Capa: JPalumbo

Diagramação digital: JPalumbo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do

Direito Autoral.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da
Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução
de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer
meios — tangível ou intangível — sem o
consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo
artigo 184 do Código Penal.

Sinopse

Após Tentador.

Depois de meses, Christopher retorna para a capital, encontrando Agatha. Se um dos dois acreditava que com o passar do tempo o que sentiam antes esfriaria, estavam enganados. Estão além de tentados, devastados pelo outro.

No entanto, é além de um mero desejo. É além da tentação. Se rendem a paixão e logo descobrem que há um segredo. Christopher guarda um segredo que mudará a sua vida, o seu futuro.

Agatha terá que decidir se o que sente por Christopher é forte o bastante para fazê-la arcar com as consequências futuras. Seu segredo a abala, mas será que a desestabiliza?

Além disso, o seu passado também bate à sua porta, a amedronta demonstrando que mesmo as mulheres mais fortes, também têm seus medos.

“Devastador” é a sequência final de “Tentador”. É sobre o amor, a paixão em seu ápice e, principalmente, sobre amadurecimento.

I

Agatha

Era fim de tarde e eu estava

com um taco de beisebol na mão.

Vestia nada além de uma camiseta folgada e uma calcinha de algodão quando ouvi um barulho no andar de baixo em minha casa.

Benny estava no hospital e eu estava sozinha, ele não voltaria por agora, logo eu não hesitei em vestir um roupão, pegar um taco de beisebol no quarto dele e descer devagar as escadas para

imobilizar o invasor.

A única luminosidade em minha casa era da rua, já que eu não ligava as lâmpadas tão cedo, porém, o dia de hoje nublou e escureceu mais rápido do que de costume.

Com passos lentos desci todo o lance de escadas e encontrei um olhar escuro em minha sala.

Apenas Benny tinha as chaves de minha casa, por, obviamente morar nela, mas antes disso o mesmo já as tinha. Logo não era de se esperar que eu gritasse e levantasse meu taco no ar ao encarar o invasor em questão.

Antes de meu taco acertar sua cabeça ele o pegou com uma mão e acendeu à luz da minha sala, sorrindo e estendendo os braços em sinal de rendição.

Um sorriso frouxo, que fazia seus olhos brilharem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um segundo o taco já estava no chão, longe de mim e eu cruzava meus braços, sem saber o que fazer.

Eu abria minha boca, mas não sabia por onde começar. Eu dava um passo à frente e recuava dois. Eu não sabia, nem sequer, quais movimentos tomar.

Ele apenas riu, mas parecia tão sem jeito quanto eu.

Gesticulando para o taco no chão, comentou:

— Bom saber que você está preparada para tudo!

Eu sorri de volta.

— Espero não precisar usar novamente. — rebati.

Ele abaixou seus braços e sacudiu um molho de chaves na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe sobre isso, eu acabei ficando com as chaves de Benny, há algum tempo. Como você não ouviu à campainha, mas eu vi seu carro, resolvi entrar. Sinto muito!

Assenti, mas queria mesmo era saber o motivo dele estar ali.

Ele passou a mão pelo seu cabelo e eu enfim, deixei-me analisá-lo, como há quase oito meses não fazia.

E ele estava tão diferente.

Christopher Tyler, meu antigo Chris estava na minha casa depois de quase oito meses! Seu cabelo estava mais curto, *muito mais curto*, mas sua barba permanecia em seu rosto, no entanto, também muito melhor aparada. Ele vestia uma calça skinny e uma camisa de mangas folgada em seu corpo.

Suspirei feliz em reconhecer que seu estilo continuava o mesmo, mesmo seu olhar estando

PERIGOSAS ACHERON

mais amadurecido e seu cabelo cortado.

Eu adoraria dizer que eu não sentia absolutamente nada por aquele garoto parado a menos de um metro em minha frente. Adoraria descrever que havia um outro homem em minha vida ou que, até mesmo, ele estava em meu quarto. Adoraria comentar que eu não sentia falta nenhum de Chris ou que seus olhos negros não me remetiam a nada.

Eu não somente adoraria, como amaria descrever o irreal.

Mas o real era estúpido demais para eu falar de uma única vez. O real era que, simplesmente, eu estava trêmula da cabeça aos pés e não tinha uma fodida noção do que fazer sobre o garoto em minha casa.

Era ali meu Chris, o garoto que eu havia me apaixonado de maneira tão intensa, tão real, tão

PERIGOSAS NACIONAIS

insana. Era ali na minha frente o garoto que sabia de toda a minha vida. Era ali na minha frente o garoto que era um homem. O tipo homem-moleque eu nunca pensei que fosse me interessar tanto quanto me interessassei. Era, ali na minha frente, o garoto que tinha me dado um “até logo” com cara de “adeus” para ir fazer uma turnê nacional com sua peça de teatro. Duraria um semestre e ele estava ali em quase oito meses.

Não me interessava pensar que ele demorou mais tempo para vir até mim, somente me interessava o fato de que ele estava ali. E eu não sabia o que fazer.

Poderia abraçá-lo? Beijá-lo e fingir que os oito meses nunca existiriam e que, nesse meio tempo, nós não havíamos nos envolvido com mais ninguém? Quando, obviamente, haveria acontecido? Poderíamos fingir que os oito meses

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não mudaram em nada? Fingir que nossas ambições, desejos e dia a dia ainda eram os mesmos? Poderíamos fingir que não conhecíamos bem o outro?

O que poderíamos fingir, quando, nada mais sobre o outro era uma novidade, desde o sexo ao passado tempestuoso?

No entanto, aqueles quase oito meses eram uma lacuna. Não mantivemos contato. Eu sabia que Chris falava com Benny, mas não comigo; Ian e Júlia tornaram-se frequentes tanto em minha vida quanto de meu amigo, mas eu não sabia sobre Chris. Evitava saber.

Percebi ele engolir em seco e educadamente colocou as antigas chaves de Benny no braço do sofá.

Chris sorriu e passou, novamente, suas mãos em seu cabelo.

PERIGOSAS ACHERON

— E então, como você vai, *Ruiva*?

Eu sorri de volta e respirei aliviada quando constatei que não fingiríamos sobre nada, porque não tentaríamos recomeçar, embora, continuaríamos.

Porém, eu não soubesse dizer se continuaríamos nossa relação ou apenas continuaríamos a não fingir.

Descruzando meus braços eu respondi tranquilamente:

— Muito trabalho. E você?

Ele sorriu largamente relaxando seus braços e ficando tão tranquilo quanto eu estava.

Merda!

Ele continuava lindo com seu sorriso presunçoso e a minha constatação era óbvia: quase oito meses não mudaram nada. Eu continuava

sentindo tudo e mais um pouco por Christopher Tyler.

Porém, agora era pior, além de *tentador*, o garoto era *devastador*.

II

Christopher

Além de tentadora, a Ruiva era devastadora. Principalmente por vestir um roupão, que por mais discreto que ele fosse, eu imaginava o que ela teria — ou não teria, por baixo.

— O mesmo. — eu respondi — Nunca conheci tantos estados como nesses últimos meses.

— Chris-Christopher, — ela se corrigiu no

último momento — eu gostaria de conversar com você, mas...

— O que eu estou fazendo aqui?

Riu e acenou, balançando seu cabelo ruivo. Ele, por sua vez, estava numa confusão, mas ainda assim, eu achava que estava pendendo por sexual.

Encarei meu relógio de pulso ao comentar:

— Não achei que era tão tarde e resolvi vim depois de passar no hospital.

Agatha assentiu, parecia não ter ou não querer falar. Deixou o taco de beisebol no chão, em um canto em pé da parede e se abraçou. Seu roupão não era fino ou excessivamente sensual, mas entrava em contraste com a sua pele bronzeada.

— Há quanto tempo você voltou para a Bahia? — ela queria saber.

— Poucas semanas. Estou voltando a me

estabilizar, arrumando algumas coisas em meu apartamento.

— *Aquele* apartamento. — não sabia se tinha a intenção de falar em voz alta, mas falou, em um sussurro.

Aquele apartamento, fazendo referência ao que meu pai tinha me dado. Sobre ele, era uma longa história.

Oito meses não era tanto tempo, era? Eu tentava raciocinar se o tempo passado realmente havia feito diferença entre nós. Eu sabia que havia feito diferença sobre mim. Eu tinha amadurecido e me encontrado. Na verdade, ainda me encontrava em um estágio de aprendizado, porém boa parte dele já havia sido completa. A grande questão que atormentava minha mente há alguns meses tinha sido resolvida.

Eu sabia o que eu queria fazer. Não teria

problema em ainda “servir” como modelo, mas esse não era o meu atual foco mental. Modelar realmente não era algo que eu me via fazendo por muito tempo, mas sim ocasionalmente, quando desse, quando aparecesse a oportunidade e não procurar por ela.

Era deprimente não passar em seleções porque você não tinha o perfil de uma empresa. Quem definia esse perfil? Os donos da mesma. Por que eu não passava? Meu cabelo era comprido demais. Minha barba também. Meu corpo não era tão forte quanto eles queriam, eu não media quase dois metros.

Mas eu deveria admitir mentalmente que o pior deveria ser para Ian, meu melhor amigo. O porquê de ele não ser selecionado para muitas campanhas? Ele não era branco. Entrelinhas as empresas admitiam que não queriam contratar um

homem negro.

Soprei o ar e balancei minha cabeça. Atuar era o meu lugar. Claro que eu não seria hipócrita em não admitir também que a imagem importava, mas não era o único critério.

— Ótimo, ótimo. — a Ruiva falou e caminhou em direção a sua cozinha, apontando para eu segui-la — Você deve estar com sede.

— Sim, claro. — Eu nunca pensei que seria constrangedor estar na presença de Agatha.

— Água, suco ou... não sei? — Ela abriu a geladeira.

— Água está ótimo.

Ela estava de costas para mim e se fosse uma outra ocasião ou outro momento, eu me aproximaria e colocaria minhas mãos em volta de sua cintura, porém me contentei em me manter

próximo da pia, em um lugar não tão distante, tampouco próximo dela.

Após um momento, com a água em um copo, ela se virou e caminhou alguns passos até mim, me estendendo o copo. O peguei com incerteza, sentindo os dedos dela roçarem no meu.

Engoli em seco e me senti um idiota. Idiota por me preocupar tanto com um toque ingênuo de seus dedos com os meus e idiota por continuar próximo de uma pia. Logo eu, que já tinha visto aquela mulher de todo o jeito possível, em toda a posição possível, estava tenso com um toque de seus dedos.

Bebi alguns goles de água imaginando o sabor de seu líquido. Parecia que havia décadas que não a sentia, que não a provava.

— Você está bem? — perguntei e me senti ainda mais idiota.

PERIGOSAS NACIONAIS

Afinal, que porra de pergunta era essa?

— Estou. — Agatha olhou para o chão e trocou o peso de seus pés — Como está o trabalho?

— Promissor. Começaremos uma nova peça.

— Uau. Sério? — Eu assenti e ela continuou:
— Sobre?

— Você vai achar que é uma loucura sem fim.

Agatha riu.

— Poucas coisas me surpreendem.

— Tem certeza? — Eu bebi o resto da água e lavei o copo de uma vez ao continuar: — É sobre a vida e a morte, representadas como pessoas, entidades, ainda não sei bem. Será uma comédia, mas será um pouco triste também.

A Ruiva continuou rindo.

— Será um tipo de *dramédia*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, uma *dramédia* de vida real.

— Vida real, huh?

— É. O slogan será algo como “todo mundo já experimentou a morte”.

— Polêmico. Eu gostei.

— Demais, né? Estou realmente animado.

Ela sorriu e eu engoli em seco. Seus olhos azuis brilharam. Agatha era a mulher mais bonita que eu já tinha visto em toda minha vida. Mas a beleza externa dela não era tudo. Em resumo: era claro que ela era gostosa, porém ela também tinha uma personalidade excitante.

Eu não tinha percebido quanto falta sentia dela, até estar com ela. Queria que ela risse, gargalhasse alto, falasse os palavrões de sempre, despenteasse seu cabelo, acordasse nua — de roupa e de maquiagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu... — comecei — tenho que ir. —
Passei uma mão em meu cabelo. — Só quis dar um
oi e avisar que estou por aqui para o que você...
Benny... precisar.

— Claro. Claro. — Me acompanhou até a
porta, a abrindo para mim.

Coloquei um pé para fora, mas queria me
despedir. Só não sabia como. Beijaria no rosto? Um
abraço? Um aperto de mão? Nada parecia o
suficiente.

Abri meus braços. Ela estendeu uma mão.
Estendi a minha. Ela abriu seus braços.

Estava aliviado.

A Ruiva — minha Ruiva — *sente o mesmo
que eu, pensei.*

No fim, a puxei para um abraço. Sentia a sua
respiração entrecortada em meu ombro e tentei

PERIGOSAS ACHERON

controlar a minha.

Meus braços passavam por sua cintura e o tanto de pano em seu hobby atrapalhava que eu pudesse senti-la, mas o meu rosto encostava no dela e sentia seu cheiro. Suas mãos passavam por meu pescoço e tocava em minha pele. Não era muito para o que já tivéssemos, mas, naquele momento, eu acreditava que era o máximo que poderíamos ter.

Não a culpava de nada, apenas sentia que eu ainda precisava de um tempo. Não podia pular de volta para a sua cama — ou levá-la para a minha — e, no fim, precisar novamente fazer uma viagem de meses. Não podia complicar com meus sentimentos. Muito menos com os dela.

Contudo, ao me afastar de seu abraço, a minha constatação era óbvia: quase oito meses não mudaram nada. Eu continuava sentindo tudo e mais

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco por Agatha Lancellotti.

PERIGOSAS ACHERON

III

Agatha

Depois que Chris foi

embora, eu continuei encarando a porta. Não sabia explicar meu sentimento, uma parte de mim queria correr atrás dele; a outra, consciente, se mantinha no lugar.

No fim, suspirei e corri atrás de meu celular,

PERIGOSAS NACIONAIS

ligando para Benny.

— Benny Benny Benny. — falei, sem pausa, quando ele atendeu.

— Que foi, mulher?

— Chris. Ele veio aqui em casa.

— *Ah*. — Meu amigo foi seco.

— Por favor, Benny. — Revirei meus olhos.

— O quê?

— Quero empolgação.

— Só me empolgarei quando você me contar os detalhes sórdidos, *baby*.

— Não há detalhes sórdidos. Ele apenas veio e foi.

Imaginava meu amigo colocando uma mão em sua testa e me xingando tão baixo que pelo celular, eu não ouviria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero ouvir história de adolescentes. Sou um homem de quase quarenta anos. — ele falava tão sério, que, se alguém que não o conhecesse o ouvisse, acreditaria; mas quando continuou, era o meu Benny: — Quero saber de sexo selvagem, *A-ga-tha!*

— Por que você falou meu nome assim, *Benny?*

— Não sei, *A-ga-tha*. Achei propício.

Eu gargalhei.

— Meu Deus, eu te amo.

— Eu sei. Agora me conte cada detalhe.

— Não há muito para contar.

— Se não há muito significa que há alguma coisa.

Ri e acenei, mesmo que ele não me visse. contei o pouco do que tinha acontecido e era claro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que o comentário de Benny só poderia ser:

— É isso? Você me liga enquanto eu estou em meio a uma coleta de sangue para isso?

— Você queria saber.

— Não isso. — Percebi que ele segurava seu riso. — Qual o fim da história? Vai segui-lo?

— Você acha que eu deveria?

— Você está pensando mesmo em segui-lo?

— Não — rebati. — Claro que não.

— Você estava.

— Talvez... Um pouco.

— Baby, vá.

— Atrás dele?

— Vocês precisam conversar como adultos. Precisam decidir o que vai acontecer com vocês daqui para frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu não sei se estou preparada para ouvir que não vai acontecer nada. Que ele se envolveu com outra pessoa ou está com outra pessoa.

— Foram só oito meses, não oito anos. Você está criando um temporal.

Uma música de *Pitty, Temporal*, surgiu a minha mente.

Se o tempo hoje vai depressa

Não tá em minhas mãos

Cada minuto me interessa

Me resolvendo ou não

— Você tem razão...

— Sempre tenho. — Riu.

PERIGOSAS ACHERON

Parágrafos aleatórios da música saltavam pela minha mente.

Chega simples como um temporal

(Os medos e as armas)

Parecia que ia durar

(Os medos e as armas)

Tantas placas e tantos sinais

Já não sei por onde caminhar

— Eu tenho que desligar. — disse, já desligando.

Benny poderia dizer que eu era uma péssima amiga naquele momento, mas ele ainda me agradeceria. Às vezes ele dizia que não queria que eu estivesse no hospital com ele, porque ele não

queria que eu o visse fraco. Porém, o que ele não entendia era que eu nunca o vi fraco. Benny era a minha cara metade; enquanto eu me sentia fraca, ele era a minha força. A minha personificação de força humana.

Agora era o meu momento de ser a força dele.

Seriam dois coelhos em uma cajadada só.

Saí correndo de minha casa, me abraçando, para o nó precário que tinha dado em meu hobby não saísse.

Chris ainda não tinha partido com seu carro. Ele morava próximo do centro de Salvador já eu, em Vilas do Atlântico, um bairro no município de Lauro de Freitas, região metropolitana da capital baiana. Com isso, não morávamos tão perto em um dia de trânsito intenso.

Ele franziu seu cenho e desceu de seu carro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando me viu.

— Aconteceu alguma coisa? — E tocou em seus bolsos. — Eu esqueci alguma coisa?

— Não, — Umedeci meus lábios. — é que Benny odeia que eu vá vê-lo no hospital.

— E? — Novamente ele franzia seu cenho, tentando entender meu raciocínio.

— Ele precisa passar a noite no hospital hoje e está sozinho. Eu sei que talvez seja pedir muito, mas se eu for com você, ele não discutirá comigo por horas — brinquei e me fiz de boba quando dei de ombros. — Ele achará que estará servindo de cupido.

Engoli em seco enquanto trocava o peso dos pés ao vê-lo sorrir presunçosamente ao passar sua mão em seu cabelo. Chris se aproximou e seus olhos negros cravaram nos meus. Segurei meu ar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele achará que você o estará usando para ficar próxima a mim.

Soltei meu ar e abri minha boca, tentando falar alguma coisa inteligente e inteligível.

— É. Ele achará. — Sorri.

— E duvido que ele se incomode com isso.

Eu ri.

— Com certeza, não. Não disse que vai se achar um cupido?

Chris assentiu, também sorrindo.

— Vamos. — Maneou sua cabeça em direção ao seu carro.

— Melhor irmos separado...

— Eu te trago de volta. — Chris sorria. — Não se preocupe.

— Certo. — Aceitei e dei um passo à frente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no entanto, parei, me olhando de cima a baixo. —
Acho que preciso me trocar.

— É, talvez seja bom. — Ele ria e eu sentia vontade de batê-lo, mas não o fiz, apenas dei a volta e entrei em minha casa com Chris ao meu encalço.

Era estranho, mas ao mesmo tempo era tão comum, tão natural saber que os passos que me seguiam eram dele. Que o cheiro que estava no ar, era dele. Que o riso baixo, presunçoso, era dele.

Era bom estar na presença dele.

— Se você quiser comer alguma coisa enquanto eu subo... — Apontei em direção a cozinha enquanto caminhava para a escada. — Fique à vontade.

— Tudo bem. — Ele ainda sorria como se soubesse todas as respostas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não duvidava que ele estivesse pensando que já conhecia toda a minha casa muito bem, sem eu ter a necessidade de apontar para ele qualquer direção. Eu tinha feito algumas mudanças e poucas reformas em minha casa ao decorrer dos últimos meses, mas nada muito grande, apenas colocar um móvel, tirar outro. Nada que o fizesse se assustar com a diferença.

Subi com certa pressa em direção ao meu quarto e me deparei encarando minhas roupas. Há muito tempo eu não me preocupava qual seria a minha roupa da noite ou do dia. Não que eu tivesse diminuído a minha vaidade, apenas não me sentia tentada a buscar por uma peça diferença das quais já estivessem mais próximas a mim.

Porém, agora, eu as olhava. Tinha que pensar que dormiria no hospital e Benny não era uma pessoa de conversa e cama. Era muito provável que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele quisesse que Chris e eu andássemos por todo o hospital com ele enquanto ele nos apresentaria a todos que já conheceu apenas nessas últimas horas.

Um macacão. Decidi por um macacão preto de alças finas e bocas largas. Era confortável e ao mesmo tempo discreto, também bonito. No último momento peguei apenas minha bolsa e um casaco de pano fino para, no ar condicionado do hospital, proteger meus ombros.

Desci as escadas ao compasso que prendia meu cabelo de qualquer jeito com uma presilha.

Encontrei o garoto bebendo mais um copo de água na cozinha.

— Vamos? — questionei.

Ele levantou seus olhos em minha direção e, como da primeira vez, lavou o copo antes de colocá-lo na pia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos. — confirmou.

PERIGOSAS ACHERON

IV

Christopher

Evitei olhar para Agatha de

cima a baixo. Porém, o fato de eu não a ter

olhado de cima a baixo não fazia com que não

tivesse absorvido como ela estava. Cada detalhe.

Cada detalhe que conseguia olhar em segundos.

Cada detalhe que guardei para mim como se tirasse

uma fotografia.

Quando ela apareceu na entrada da cozinha e a olhei, pensei que estivesse de vestido, mas reparei que era um macacão. Alças finas o suficiente para eu me imaginar quebrando-as. Não usava um decote muito exposto, apenas me dava um vislumbre da inclinação entre seus seios.

Deixei que ela andasse na minha frente para que eu pudesse olhar para a sua bunda balançar a cada passo seu. Gostaria que a Ruiva estivesse usando saltos altos para seu balançar ser mais intenso, porém, mesmo com uma sandália baixa, seu rebolar era excitante.

Ela abriu a porta para eu passar primeiro e me senti incomodado em não ser a pessoa que tranca a sua casa, mas, devido aos meses passados, entendia a sua educação de me mandar passar na

frente.

Contudo, pude abrir a porta de meu carro para Agatha entrar. Acenou, me agradecendo ao subir. Nesse momento gostaria que meu carro não fosse um rebaixado popular e sim uma alta caminhonete.

Dei a volta rapidamente e entrei no carro. De Vilas do Atlântico para o bairro de Brotas, em Salvador, seria algo em torno de vinte quilômetros, por isso, acelerei. Era verdade que eu tinha vindo do hospital há pouco tempo, mas não me incomodava em voltar, mesmo sentindo que, na verdade, Agatha estava mesmo usando Benny para me manter mais próximo dela.

— Você pode ir embora quando quiser, okay? — ela falou — Eu sei que você falou que veio do hospital e...

— Não se preocupe. — Sorri. — Se eu me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cansar, prometo te deixar lá e ir para minha casa.

— Certo. — Agatha acenou.

Eu apenas ri.

— No que você está pensando? — ela me perguntou um momento depois ao perceber que eu sorria.

Maneei minha cabeça de um lado para o outro.

— Nada importante. — Mas eu ria. — Nada.

— O quê? — Agatha bateu em meu braço e também ria, aquele tipo de riso que acompanha o seu, mesmo quando não sabe o motivo pelo qual você ri.

— Estou pensando em Benny.

— O que *ele* fez dessa vez?

— Não ele, eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que *você* fez dessa vez? — ela se consertou.

— Admiti que achava que ele estaria careca.

— Meu Deus, Chris! — De canto de olho a vi colocando uma mão em seu rosto. — O que ele disse?

— Me explicou didaticamente sobre uma touca ou algo do tipo que ajuda com que o cabelo não caia e disse que eu estou ‘fora da realidade’.

— Ele tem razão.

— Para mim, isso era novidade.

— Está bem, — Mesmo que eu não olhasse para ela, notei que ela virou seu rosto para olhar diretamente para mim. — eu também não sabia.

— Viu? Isso é novidade para nós.

— Horrível, não é? Só nos preocupamos com a realidade que vivemos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, conversei exatamente isso com ele. Um dia mesmo, Júlia me disse que no bairro que ela se mudou, lá em Vitória da Conquista, está com vários buracos. Eu me importo por ser ela, mas não pesquisaria para saber onde tem asfalto esburacado porque não passo por ele.

— É. Você só se importa quando passo por isso e realmente sente, se não, você não tem acesso a tal informação, como o asfalto esburacado, por exemplo.

— Exatamente.

— E como está Júlia, por sinal?

Minha melhor amiga, Júlia, provavelmente estava melhor que eu.

— Você não teve contato com ela?

— Um pouco. Sei que ela está entre Vitória e Salvador, Salvador e Vitória.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, por causa de Ian. Acho que eles decidiram que agora não é o momento para nenhum dos dois dar o veredito final de onde vão morar.

— Ian morando em Salvador e ela em Vitória complica um pouco.

— Muito. São, sei lá, seis horas de viagem. Não é como se ela pudesse vir quando quisesse também pelo trabalho.

— Vantagem que ela pode fazer alguns turnos e ficar alguns dias sem precisar ir trabalhar.

— Verdade, mas deve ser cansativo.

— Com certeza.

Houve um momento de pausa e eu emendei logo com uma pergunta:

— Como você acha que Benny está lidando?

Seu suspiro foi tão intenso que eu o ouvi.

— Eu não entendo nada de câncer, por mais
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu pesquise, por mais que eu o ouça falar. Parece sempre para mim, técnico demais. Porém, pelo que o médico me diz, Benny está em uma situação estável. E, pelo que sinto de Benny, ele está... *bem*, na medida do possível.

— Ele é do tipo que procura uma boa perspectiva em uma situação ruim?

— Exatamente. Ele é esse tipo de pessoa. Às vezes acho que ele lida com isso melhor do que eu...

— Ou demonstra lidar melhor do que você.

De canto de olho a vi acenando e repetiu minhas palavras.

— Ou demonstra lidar melhor do que eu.



PERIGOSAS ACHERON

No hospital, deixaram que Agatha e eu entrássemos no quarto de Benny. O encontramos deitado na cama, como se estivesse fazendo uma estrelinha em um chão de neve.

— O que é isso, senhor? — Agatha brincou.

Apenas nesse momento Benny percebeu nossa presença e se sentou na cama. Ele tinha emagrecido, era claro em sua fisionomia, porém, eu poderia admitir que o homem continuava bonito. Eu sentia a esperança que emanava dele, a sua presença que nada era triste ou monótona.

Ele nos olhou com um cenho franzido, mas, após uma fração de segundo, sorriu.

— Vocês aqui!

— Nós aqui. — Agatha comentou caminhando em direção a ele.

— Baby, — Benny olhava para a sua amiga

PERIGOSAS NACIONAIS

— você não veio para dormir? Diga que não.

— Vim sim.

Ele revirou seus olhos.

— Não são nem sete horas da noite. O que diabos vamos fazer a partir de agora até amanhã?

— Nada? Não me interessa. — Ela sorria.

— Mas me interessa. Odeio pessoas entediadas do meu lado.

— Podemos ver filmes. — eu dei a ideia, inclinando minha cabeça em direção a televisão.

— Você também vai ficar? — Benny me encarou.

A Ruiva respondeu por mim:

— Não, ele apenas veio para me dar uma carona.

— Eu vou ficar por alguns minutinhos. —

PERIGOSAS ACHERON

menti, não tinha nenhum problema em ficar por algumas horas.

Afinal, eu me colocava no lugar dele. Era Benny quem estava saturado e cansado de estar dentro de um hospital. Não seria eu quem me estressaria de ficar por algumas horas.

— Certo. — Benny respondeu olhando de mim para Agatha — Mas não assistiremos a nenhum filme, muito deprimente. Vamos socializar!

— Benny, — Agatha começou — estamos em um hospital.

— Exatamente, um hospital, não um necrotério. *Vamos socializar!* — E se levantou da cama, não esperando pela ajuda de ninguém.

— E por que você vai passar a noite no

PERIGOSAS NACIONAIS

hospital? — quis saber enquanto caminhávamos para onde eu não sabia direito.

— Exames, resultados, mais exames. — Ele deu de ombros — Os médicos acreditam que eu me alimento mal, por isso me dão suplementos e cálcios.

— É sério?

Ele acenou.

— Não acontece todo dia, mas é sério.

Eu ri.

— Tem que se alimentar direito.

O homem me olhou fixamente.

— Vai me passar uma lista de comidas nutritivas também?

— Quem fez isso? — eu ainda ria.

— Seus amiguinhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Júlia e Ian?

— Quem mais seria?

Nesse momento, até Agatha riu.

— Que mal humor.

— Apenas verdades. — Benny piscou para mim, como se me mostrasse uma piada interna apenas nossa. — Vamos conhecer as crianças.

O próprio pareceu uma criança ao pegar na minha mão e de Agatha nos direcionando para uma ala infantil.

PERIGOSAS ACHERON

V

Agatha

Engoli em seco ao

entrarmos na ala infantil. Não era sombria

ou cinzento, como eu, em um clichê ambulante,

imaginava. Era viva. Muito viva. Havia cores pela

parede de inúmeros desenhos e marcas de mãos

espalhadas por todos os cantos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas crianças estavam sujas pelas cores, as fazendo parecer um mini arco-íris; outras, corriam; mas, uma certa quantidade delas, estavam deitadas, porém nada tirava o largo sorriso de seus rostos.

— Você vem sempre aqui? — perguntei a Benny que me olhou com um sorriso.

— Se você fosse um cara, perguntaria se está dando em cima de mim, assim, tão descaradamente. — E gargalhou da sua própria piada idiota, no entanto, ficou sério de um momento para o outro — Infelizmente você não é um cara. Mas, te respondo mesmo assim: sim, venho sempre que fico para dormir por aqui.

— Por que você não me chamou para vim antes?

Benny deu de ombros.

— Você nem gosta de crianças.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas aqui é diferente — sussurrei.

Ele abaixou seu tom de voz:

— Por quê? Porque elas têm câncer?

Não o respondi, apenas abaixei minha cabeça, envergonhada. Percebi que Chris ouviu nossas trocas de frases, porém não se intrometeu, apenas deu um passo à frente e começou a conversar com as crianças antes que eu sequer tivesse tempo de dar-lhes um olá.

Era claro que oito meses não era tempo o suficiente para mudar uma pessoa. Talvez se fosse dois meses a mais, sim. Seria tempo o suficiente para um nascimento. No entanto, oito meses apenas um prematuro, sendo assim, eram só oito meses.

Por isso, não diria que o tempo fazia diferença na forma como Chris reagia. Pelo contrário. Parecia que eu o tinha visto há oito dias. Ele era o mesmo garoto conversador de sempre, até

PERIGOSAS ACHERON

com os pequenos.

Eu, por outro lado, não soube o que fazer quando uma das crianças se aproximou de mim. Com suas mãos sujas de tinta, tocou na bainha de meu macacão e sorriu.

— *Brincá?* — à sua maneira me perguntava se que queria brincar com ela.

Benny falou no meu ouvido.

— Elas não quebram, baby. Pode tocar.

E me deixou, assim, sem mais nem menos ele se afastou de mim, me deixando com a menina. Me ajoelhei à sua frente e sorri.

— Brincar de quê?

Ela deu um pulinho e levantou suas mãozinhas.

— *Pintá!*

— Okay, vamos pintar. — Olhei de um lado
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o outro, vendo um Chris que já brincava com as crianças, mas, de canto de olho me olhou e piscou.

— Vai ficar tudo bem. — ele sinalizou.

Eu balancei minha cabeça de um lado para o outro e apesar de estar com a criança há menos de um minuto, já me sentia sem jeito algum.

A pequena pegou na minha mão como se já me conhecesse e me puxou para o fim da ala infantil, me mostrando sua cama e a parede completamente suja ao lado da cama.

Enquanto a menina tentava me puxar para me fazer misturar as tintas que ela tinha sobre um recipiente no chão, me virei para Benny que nesse momento estava próximo de mim.

— Por que elas se aproximam *assim*?

Meu amigo revirou seus olhos, mas ria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso se chama espontaneidade, baby.

— Eu sei, são crianças, mas...

Ele riu.

— Elas estão acostumadas com visitas. Sabem que são... digamos assim, para elas.

— Entendi. — Mas franzia meu cenho e finalmente me sentei no chão, sem jeito e tentei não pensar muito enquanto brincava com a menina.

Crianças pareciam viver em um mundo à parte, mesmo com a doença, não choravam e não reclamavam. Pelas horas que passamos na ala infantil junto com outros adultos que vez ou outra apareciam, percebi que eles, os pais, eram mais tristes que seus filhos.

Eu entendia também que, afinal, os pais entendiam da seriedade da doença de seus filhos enquanto os pequenos, não supunham. Porém,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo assim, elas sentiam. Nem todas as crianças da ala infantil estavam aparentemente bem como a garotinha que brincava comigo. Algumas estavam deitadas e não se levantavam.

A menininha que ainda me puxava de um lado para o outro, ainda tinha seu cabelo. As únicas marcas claras de que ela não estava bem, era de uma tirinha em volta de seu pulso, como havia na identificação para bebês e das marcas de pontos em suas palmas e veias.

Mesmo assim, a pequena conversava e brincava como se nada tivesse acontecido.

— Porque para ela nada aconteceu. — Benny falou e eu notei que tinha falado em voz alta, ainda bem que era em voz alta apenas para ele ouvir.

— Como assim? — O olhei me afastando um pouco das crianças e pegando um copo d'água descartável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós sabemos que ela está dentro de um hospital com uma doença séria. Ela também sabe que está no hospital, mas ela não tem noção da doença e seu estágio, ainda bem, não é dos mais graves. Não sente tanta dor ou qualquer coisa.

— Você acha então que as crianças são ignorantes?

Nesse momento Chris também se aproximou.

— Não ignorantes, Ruiva. — Chris acenou. — Inocentes. Ingênuas. Elas não precisam de muito para serem felizes.

— Um dia nós também fomos assim. — Benny completou.

Dei de ombros. Não entendia como aqueles dois gostavam tanto de crianças. Eu não tinha nada contra elas, tampouco tinha a favor. Muito disso se dava diante ao fato de que eu não tive uma infância comum.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a menina correu novamente até mim, eu me inclinei para ela, não conseguia ser grossa com uma criança e no fim acabei me vendo fazendo tudo que a menina queria. Talvez não fosse grosseria se eu admitisse a ela que estava cansada para brincar, mas se nem mesmo ela estava cansada, eu não era quem reclamaria.

Com isso, passei as próximas horas brincando com algumas crianças desconhecidas.

— Se divertiu? — Benny quis saber quando fomos para a praça de alimentação do hospital.

— Estou cansada. — Arfei.

— As crianças estão melhores que você. — Chris brincou.

— É verdade, Agatha. Você está só o caco.

— Muito obrigada. — Sorri.

Ambos riram da minha expressão e Benny

levantou suas mãos.

— Só falo verdades.

— Mas... — Balancei minha cabeça de um lado para o outro — essas crianças, meu Deus, não param.

— Crianças são crianças.

— Nunca tive contato com nenhuma.

— Sério? — Dessa vez foi Chris quem quis saber.

— Nunca precisei. — Dei de ombros — E você, filho único, por acaso já teve contato com alguma?

— Antes de vim para a capital eu trabalhava como babá.

— Babá? — Benny gargalhou — Chris babá.

— É sério, rapaz. É tão difícil acreditar? Eu queria ter algum dinheiro e me virava como babá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha tia às vezes me ajudava, mas, na maioria, era só eu e meu instinto.

— Como alguém deixava você cuidando de uma criança só com ‘seu instinto’? — questionei.

— Eu sei lá. Era confiável. — Ele riu, mas continuou: — Sabia me virar.

Continuei rindo, porque mesmo que eu não cuidasse de uma criança sabia que era mais do que saber se virar.

Deixamos aquele assunto de lado por um momento quando comemos um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

VI

Christopher

— *Acho que vocês deveriam ir embora.* — Benny abaixou seu tom de voz, já em seu quarto.

Agatha tinha ido ao banheiro.

— Não se preocupe. Podemos dormir aqui sem problemas.

— Há problemas sim. Acha que o hospital é motel? — Eu ri. — O hospital não deixará que os

PERIGOSAS NACIONAIS

dois durmam aqui de toda a forma.

— Sei — comentei.

— Chris, — Ele encarou a porta com receio de que Agatha aparecesse. — eu não quero que vocês durmam aqui.

— Por quê, cara? — Cruzei meus braços e me sentei em uma cadeira de plástico no quarto.

— Não quero vocês aqui. — enfatizou — Eu amo Agatha, é verdade. Mas não gosto quando ficam ao meu redor. Eu ainda não preciso que vocês limpem minha bunda.

— Espero que nunca precisemos fazer isso. — Gargalhei e Benny revirou seus olhos enquanto passava uma mão em seu cabelo.

Ele continuou me encarando.

— Posso contar com você para arrastá-la para fora daqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe. — pisquei.

Em menos de um minuto, Agatha voltou.

— Por que vocês estão me olhando com essa cara? — ela comentou assim que colocou o pé para dentro do quarto e nós dois a olhamos.

Eu comecei:

— É que eu estava falando com Benny sobre que por mais que nós gostaríamos de dormir aqui com ele, não poderemos.

— Por quê? — Ela ainda fazia uma careta.

— O hospital não vai deixar. Às vezes temos que persuadi-los para deixar uma mulher com um homem.

A Ruiva sorriu e apontou para Benny.

— Mas Benny é gay.

— Mas eles não sabem disso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris, — ela me cortou — eu sei o que você está tentando fazer: me puxar para fora daqui. Mas eu já dormi aqui antes e não tive problema nenhum.

— Porém, — Me levantei. — parece que as regras mudaram.

— Assim de uma hora para outra? Não tem lógica, Chris.

— É, baby, — seu amigo interveio — regras de hospital mudam toda hora.

— Parem com isso. — Ela levantou suas mãos — Não sou idiota. Sei que isso não pode acontecer, mas sei que vocês estão com algum complô. Provavelmente *você* — Ela apontou para Benny antes de continuar: — pediu para ele me tirar daqui porque não quer companhia e não queria me falar de uma vez isso.

Seu amigo franziu seus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é bem assim.

— É totalmente assim. Sei que você é individualista. — Ela seguiu em direção a sua bolsa. — Estamos saindo.

— Você não vai se estressar comigo, vai?

Agatha deu dois passos em direção a porta e virou sua cabeça encarando o homem que já estava deitado na cama.

— Não. Claro que não. — Porém ela apenas lhe deu um meio sorriso e saiu do quarto.

Acenei para Benny e a segui, correndo. Deixei que ela andasse uns passos a minha frente e a vi encarar seu celular e sorri enquanto balançava sua cabeça de um lado para o outro. Ao me ver mais próximo, guardou seu celular e me encarou.

— Desculpe, — comentou — te fiz perder seu tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não me fez perder nada. — confirmei e inclinei meu braço para ela.

Ela passou sua mão pelo meu braço e caminhamos em direção a saída do hospital. Antes, eu achava que Agatha estava usando Benny como desculpa para ficar mais tempo ao meu lado; agora, eu acreditava que Benny estava usando Agatha para fazer com que nós fiquemos mais tempo a sós um com o outro.

No estacionamento, antes de chegarmos até meu carro, decidi arriscar:

— Ele fez uma cena, não foi?

— Benny? — Acenei confirmando e a Ruiva sorriu. — Não exatamente. Ele realmente prefere ficar sozinho.

— Mas?

— Mas me mandou uma mensagem assim

que saímos de seu quarto.

— Que foi?

— “Você me deve uma.”

Eu gargalhei. Benny sendo Benny.

— Já que ele está fazendo um favor para a gente, acho que podemos ir para algum lugar, não é?

— Chris...

— Agatha... — brinquei — Podemos só sair por aí e comer alguma bobagem em algum lugar. Sei que você não deve estar nem com fome agora, mas podemos, sei lá, caminhar por uma das praias de Vilas.

Percebi que ela engoliu em seco e quando eu abri a porta do carona, ela entrou sem hesitar. Corri para entrar de uma vez no banco do motorista e liguei o carro. Antes que desse partida, Agatha

colocou uma de suas mãos em meu pulso.

A olhei esperando que ela falasse.

— Sobre antes...

— Antes? — Franzí meu cenho.

— Antes de você viajar.

Abri minha boca e fechei. A Ruiva pareceu respirar fundo.

— Eu queria conversar sobre.

— Eu estou bem. — a confirmei — Se você quiser conversar sobre isso, eu conversarei. Mas estou bem, te respeito e acredito que não sou ninguém para aceitar o seu passado.

Agatha tinha feito o que ela fez. Tinha passado pelo que ela passou. E eu não precisava pensar mais sobre isso. Ela não estava comigo, mas se voltássemos a ter algo, eu queria que fosse um recomeço. Isso não significaria que eu esqueceria o

que tinha acontecido, eu me lembraria, apenas não pensaria mais nisso.

A Ruiva. *Minha* Ruiva sorriu.

— Eu não quero mais conversar sobre isso.

— Tem certeza?

— Tenho — ela não hesitou em sua resposta.

— Podemos recomeçar?

— Por mim, sim. — também não demorei ao respondê-la.

Agatha olhou para o porta-luvas do carro, depois novamente para mim.

— Então como faremos?

— Nós não precisamos fingir que não nos conhecemos. Eu quero ainda me lembrar de como é conhecer você, desde seu gosto ao seu jeito. Eu apenas não quero que precisamos nos basear no agora sobre o que aconteceu ou deixou de

acontecer.

— E com isso? — Ela inclinou sua cabeça.

— E com isso, como estamos recomeçando, acho justo que nós possamos sair para jantar.

Agatha riu e assentiu, no entanto, antes que eu desse a partida, ela se inclinou em minha direção.

— Podemos recomeçar de um segundo encontro?

— O que você quer dizer com isso?

— Que teremos um pouco mais de intimidade.

— E? — Eu sorria, mas estava parado, esperando que o primeiro movimento fosse dela.

— E como é nosso segundo encontro do recomeço, sentimos falta um do outro...

— Claro, hipoteticamente.

— Isso, hipoteticamente sentimos falta um do outro e como qualquer casal sadio em um segundo encontro, nos nós beijamos.

— Ainda pela hipótese? — brinquei.

— Não mais pela hipótese.

E foi Agatha quem se aproximou de mim, quebrando qualquer distância entre nós dois e me beijando de uma vez.

Não poderia mentir que em oito meses não provei outros lábios. Experimentei alguns. Porém, poderia afirmar que nenhuma foi Agatha. Nenhuma tinha o mesmo sabor, a mesma doçura, a mesma tentação.

Nenhuma me devastava.

VII

Agatha

*Beijar Chris não era como
beijar qualquer homem.* Não era pelo

prazer, não era pelo desejo. Era de dentro para fora
e de fora para dentro. Era intenso. Mexia dos meus
pés à cabeça.

Sua língua não era invasora, pedia passagem

PERIGOSAS NACIONAIS

e ao perceber que minha boca se abria mais para ele, ele chupava meus lábios, às vezes mordiscava. Seus dedos se entrelaçaram em meu cabelo, puxando mais meu rosto para ele, meu corpo se inclinava mais para ele, minhas mãos se apoiavam em seu corpo e eu não sabia se tentava respirar, se tentava tocá-lo, se tentava subir sobre ele ou se simplesmente tentava me parar.

Acabei me afastando, não demais, apenas o suficiente para respirar um pouco e olhar para os olhos escuros de Chris.

— Praia? — Sorri.

Ele manteve seus olhos abertos apenas por pouco tempo e os fechou novamente, suspirando.

— Sim, praia.

Finalmente ele deu partida no carro e no meio do caminho, eu decidi saber:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer me contar?

— O quê?

— Sobre você nesses últimos meses.

Percebi o seu suspiro, mas, dessa vez, diferente. Era de exasperação.

— Não quero ser hipócrita com você, Ruiva.

— Então não seja.

Ele não me olhava, mas falava sério. Olhei para seus dedos cerrados no volante, mas apesar disso ele não me parecia tenso, parecia em um misto de cansaço e diversão. Sim, diversão. Talvez ainda estivesse sobre a ótica de nosso beijo.

— Nem quero mentir. — ele completou.

E eu me repeti.

— Não seja.

— Certo. — Acenou. — Verdade, verdade:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me envolvi com outras pessoas, mas... Nada comparado a você. Não quero que pareça uma mentira estúpida apenas porque estou do seu lado. Não quero exagerar também ao dizer que não dormi pensando em você. Mas pensei demais em você, em tudo relacionado a você.

Eu ri.

— Eu sei que sou única, Chris.

Mas ele continuou sério.

— Não é nem apenas isso. Todas as pessoas são únicas, mas você é simplesmente você.

Dessa vez, gargalhei.

— Porque sou única como todas as pessoas do mundo.

— É, mas ainda assim é além disso. Estar com você é diferente de estar com outra qualquer pessoa única no mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco. Era uma das melhores coisas que eu já tinha ouvido em toda minha vida. Simples, mas bonito. Benny me dizia com certa recorrência que me amava, mas além dele ser meu melhor amigo, o seu “eu te amo” e às vezes seu explícito “eu preciso de você” era isso. Não havia entrelinhas em seu amor, era amor e ponto. Não havia entrelinhas em seu precisar de mim, ele precisava e ponto.

Mas com Chris era diferente porque havia entrelinhas.

Ele dizia que era diferente estar comigo e não era simplesmente isso e ponto. Era mais. Eu apenas não sabia expressar em palavras, precisava que ele me dissesse, mas ele não me dizia, se calou.

Sendo assim, eu também falei, admitindo.

— Comigo acontece o mesmo. Você é diferente...

PERIGOSAS ACHERON

Ele ri e balançou sua cabeça de um lado para o outro.

— Não tenho certeza se gosto de ser apenas diferente.

— Diferente de todos que eu já conheci soa melhor para você?

— Sim, muito obrigado. — Ele sorria.

— Chris... — comecei.

— Diga.

— Eu aceito que possamos recomeçar com calma, mas não tenho certeza se eu estou tão calma quanto antes.

— Sobre o que exatamente?

— Sobre nós. Sobre nos definirmos. Eu sei, ainda nem recomeçamos e eu já estou neste assunto, mas é que eu percebi que muita coisa não foi dita e talvez se fosse, nós evitaríamos tanta

coisa...

— Eu entendo você, Agatha. E concordo. Acho que deixamos levar demais.

Acenei e continuei:

— Não quero que pense que eu pretendo nos definir agora ou que após a primeira transa de recomeço já o pedirei em casamento, mas é que quero que as cartas estejam sobre a mesa.

— Novamente, eu concordo — ele falou. — Podemos fazer um trato. Parece idiota, mas acho que dará certo...

— Estou disposta a ouvir.

— É simples. Falar a verdade.

— Mas nós já falamos a verdade, sempre, eu presumo.

— Mas suponho que não falamos sobre todos os nossos sentimentos. A partir de agora podemos

falar?

— Despejar tudo?

— Despejar tudo.

— Por mais que doa? — insisti, mas não tinha certeza sobre o que poderia falar para ele que faria doer, nem o contrário.

— Por mais que doa. — Ele riu — O que vocêalaria para me deixar tão dolorido?

Eu também ri.

— Não tenho certeza...

— Espero que nada. — Ele tirou suas mãos do volante por uma fração de segundo. — Então, trato feito?

— Trato feito.

Não poderia ser ruim. Não teríamos nada a esconder. Nunca tivemos. Às vezes, apenas, evitávamos dizer sobre nossos sentimentos, no
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entanto, pelo que eu sentia por ele e não falava sobre, sabia que era uma questão de autopreservação e não de timidez.

Eu não poderia dizer agora, por exemplo, que continuava me sentindo apaixonada por ele? Poderia? Afinal, o trato contava a partir de agora, mas agora, neste exato momento, eu não me sentia apaixonada. Ou será que sentíamos a paixão por todos os minutos do dia?

Eu estava divagando. Apenas não queria dizer que estava apaixonada. “Estava” não seria a palavra apropriada. *Continuava* sim.

Continuava apaixonada por Chris e não sabia o que dizer. Ou como dizer. Acabei de selar um trato e acabei por não cumpri-lo. Falaria tudo que passasse em minha mente a partir de agora, menos sobre a paixão. Ainda não isso.

PERIGOSAS ACHERON



Fomos à praia. Acreditava que nunca tínhamos ido. Apenas andávamos pela região próxima de minha casa, calados, sem dar as mãos, mas lado a lado. Não poderia saber se ele ouvia a minha respiração, mas eu ouvia a dele. Ocasionalmente sua respiração era abafada pelo som do mar ou das pessoas passando ao redor, mas a praia estava vazia o suficiente para passarmos longos minutos como se estivéssemos sozinhos.

Às vezes andávamos pelo calçadão, outras vezes passávamos pela praia, sentindo a areia em nossos pés. Era revigorante e ainda mais por não sentir que precisava falar alguma coisa a todo o momento. Não era constrangedor continuar em silêncio. Não era constrangedor por causa de Chris. Todo o momento com ele era natural, tanto a ida

PERIGOSAS NACIONAIS

para um hospital quanto o caminhar pela praia.

Seu braço roçou no meu e eu o olhei. Seus olhos escuros brilhavam e ele sorria, aquele sorriso presunçoso, mesmo quando parecia não haver motivo para isso.

— Eu sentia a sua falta — ele admitiu.

Era pelo nosso trato.

— Eu também sentia a sua. Muita.

Para mim, não era pelo trato, era porque eu precisava dizer.

Paramos de andar e nós nos olhamos. Não sabia mais o que dizer, não sabia se qualquer palavra naquele momento era o suficiente para tudo que eu sentia.

No fim, me resumi ao carnal, já que ainda estava em um debate interno em meu subconsciente.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos para minha casa?

— Vamos. — Ele já sorria.

Em minha casa, após descermos do carro, não nos demos muito tempo após eu conseguir achar a chave para abrir a porta. Não tentávamos nos beijar com calma, como o recomeço dava a ideia. Eu não pensava em jantar romântico a luz de velas. Não agora, não ainda.

Agora, eu queria que ele batesse a porta da minha casa como bateu, sem jeito, porque estava desesperado demais para tirar sua camisa sobre sua cabeça e puxar sua calça para baixo. No entanto, ela se enrolou em seus pés, ainda calçados e eu ri.

— Chris... — Não sabia se deveria dizer para ele ter calma, porque eu não tinha, sendo assim, deixei no ar.

— Agatha... — Foi como uma resposta, mas também ria de si mesmo quando finalmente tirou

PERIGOSAS ACHERON

seus sapatos e sua calça.

Chris estava de cueca no meio da minha sala e eu me senti tragada para os meses anteriores, para mais longe que isso, para as primeiras vezes que o vi. Era tão sexy, tão vil... Tão tentador que me fazia estremecer pelo desejo que eu tentava reprimir.

No entanto, era claro que não tinha passado tempo o suficiente para ele estar diferente das primeiras vezes o vi, porém, os meses que *não o vi* mudaram a forma como o encarava agora.

Era como se ele estivesse novo para mim. Diferente, mesmo que não.

Demorei alguns segundos para entender que a diferença não era como ele estava, mas como eu o olhava. Porque eu sentia mais do que já tinha sentindo. Nunca tinha sentindo tanta falta quanto naquele momento.

Estar com ele em minha sala enquanto
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tirávamos a roupa não matava a minha falta, a sufocava mais.

Felizmente eu sabia como fazê-la passar.

Chutei meus sapatos para longe e me despi daquele macacão. Precisávamos tomar um banho pelas horas que tínhamos passado no hospital. Precisávamos lavar nossos pés e mãos por termos tocado na água e areia da praia. Porém, no instante que sua boca encontrou a minha, eu sabia que tudo o que precisava era ele.

PERIGOSAS ACHERON

VIII

Christopher

*Beijei minha Ruiva como se
minha vida dependesse disso.* E eu sabia

que aquela não era a primeira vez que eu a beijava
sentindo o que sentia naquele instante. Não era a
primeira vez, tampouco seria a última que a beijaria
de todo meu coração e paixão.

Eu necessitava daquilo. Seus toques, seus gemidos, suas frases entrecortadas, seus arranhões. Eu sentia a sua falta. E era ainda mais esmagador quando a tocava. Era a realização materializada do que meu coração, inconsequente, não saberia descrever muito bem.

Falta. Fome. Desejo. Desespero.

Eu necessitava de Agatha.

No meio de sua sala, eu ainda vestia minha cueca e ela seu lingerie em um tom de marrom-escuro, entrando em contraste com sua pele clara.

— Coloque seus saltos — pedi, gesticulando para os saltos deixados ao lado do sofá.

Ela tinha passado o dia de rasteiras, mas aqueles saltos me levavam para um outro momento de nossos encontros. Os mais intensos.

Agatha os calçou sem hesitar e sorriu de

canto para mim.

— E agora? — questionou.

Meu Deus! Pensei devido ao pulsar constante em minha cueca.

— Sente-se.

Quando ela se sentou no sofá, eu não aguentava mais me controlar e simplesmente me ajoelhei entre as suas pernas.

Segurei Agatha pelas coxas com minhas mãos, enquanto suas pernas enroscavam-se em minha cintura e suas mãos em meu cabelo, puxando e acariciando.

Reparei nela, por completo. Seu cabelo estava uma bagunça e seu olhar azul estava animal, selvagem.

Despi primeiramente seu sutiã — com um pouco de esforço ao passar minhas mãos por suas

costas naquela posição. Seus mamilos estavam duros, só por eu estar observando-a ela já ficava excitada e imaginei o quanto deveria estar molhada.

Não precisei imaginar muito. Tirei sua calcinha, que saiu fácil e joguei em qualquer lugar, sem nem olhar. Minha visão estava focada em sua genitália exposta, rosada e brilhante de seus sucos que escorriam. Como eu, Agatha deveria estar me esperando, nesse tempo afastados, ela deveria ter pensado em mim, como eu pensei nele.

Minha Ruiva estava agora com seus joelhos flexionados, deixando sua vagina brilhante totalmente visível para mim. Ela estava mais linda do que eu imaginava. Seu corpo tão gostoso quanto antes, seus seios tão fartos e perfeitos quanto antes, sua bunda tão dura, e ao mesmo tempo, tão macia, quanto antes.

Perfeita. Não havia palavra melhor para

descrever essa mulher.

Mudei a posição dela, que nem discutia, deixando-a meio sentada, meio deitada no sofá. Coloquei suas coxas em meus ombros, sentindo a ponta de seus saltos baterem em minhas costas, sem demorar mais lambi toda sua fenda, provando seu gosto natural e provocando-a gemidos entrecortados e respiração irregular. Sabia também que minha barba raspava em sua pele, a fazendo arrepiar.

Depois de lambe sua fenda uma e outra vez, lambi seu clitóris, primeiro provocando-a mais lentamente com movimentos de vai e vem, em seguida, fazendo como toda mulher gostava, movimentos circulares, devagar, sem pressa, rápido, selvagem.

Seu gosto era definitivamente minha bebida favorita. Eu não precisava tanto de água — ou de

café — quanto eu precisava daquilo. Era a melhor coisa do mundo saber o quanto eu provocava à minha mulher.

Continuei com os movimentos circulares com minha língua em seu clitóris. Não abandonando-a em nenhum momento. Ela gemia, miava, gritava, falava. Era perfeito. Eu sentia muita falta daquilo.

Apertei suas coxas em minhas mãos e soltei uma delas indo até sua entrada cada vez mais úmida. Enfiei dois dedos e olhei para cima, vendo-a arquear as costas, fazendo seus seios pularem.

Dei estocadas rápidas com meus dedos e acrescentei outro. Minha Ruiva jogou sua cabeça para frente, para me olhar, fazendo seu cabelo esconder metade de seu rosto, mas ela o jogou para trás. Depois colocou suas mãos em meu cabelo, puxando para frente, fazendo minha boca ficar mais

próxima de sua vagina.

Afastei minha língua de seu clitóris para lamber toda sua fenda, sentindo seu gosto, e não me dando por satisfeito, tirei meus dedos de sua entrada, fazendo-a resmungar baixinho, mas chupei meus dedos, sentindo ainda mais seu gosto. Ela riu, selvagem, gostosa, tentadora.

Voltei a lamber seu clitóris e enfiei novamente meus dedos dentro dela, procurando seu ponto G. Quando o achei, Agatha gemeu alto.

— Chris! — era exatamente isso que eu queria ouvir — Chris! — meu pau latejava apertando na cueca — Chris! — minha Ruiva estava bem perto.

Mal ouvi alguns de seus palavrões e meu nome quando ela gozou. E devo dizer que foi uma cena maravilhosa. Parecia novidade, parecia que eu nunca a tinha visto gozar. Hoje parecia tudo uma

PERIGOSAS ACHERON

novidade. Nós estávamos diferentes, restava eu saber o que mudava.

Não parava de chupá-la enquanto ela gozava e segundos depois quando todos os seus espasmos passaram e o relaxamento lhe abateu, eu me afastei de sua vagina, de um jeito quase relutante, por mim ficaria por mais tempo.

Sentei-me no sofá ao lado dela. Minha Ruiva me olhou de um jeito diferente, quase manhoso, ela não era normalmente assim, era selvagem, mas adorei aquele seu olhar diferente.

Suas bochechas estavam rosadas, suas pupilas dilatadas fazendo seus olhos brilharem mais, seu cabelo uma bagunça sem fim, sua pele arrepiada, seu sorriso no rosto era pura satisfação e seus sucos sujavam até mesmo o chão e podia apostar que o sofá também.

— Acho que é minha vez. — Agatha se

aproximou de mim, beijando minha nuca.

Eu nunca fazia nada por ela esperando retorno. Fazia tudo por ela, porque queria, porque gostava de vê-la satisfeita. Mas eu amava ser satisfeito também. Por isso sexo era tão bom, agradava aos dois.

A boca macia de Agatha estava mordiscando e beijando meu pescoço enquanto suas mãos desciam para a braguilha de minha bermuda, sua outra mão estava em meu cabelo.

Fiquei de pé, para deixá-la tirar minha cueca, depois sentei-me novamente. Queria ficar tão relaxado quanto ela tinha ficado. Adorava uma mulher de joelhos na minha frente, mas hoje eu queria poder enxergar seu rosto enquanto me chupasse e não apenas o topo de sua cabeça.

Meu pau estava orgulhosamente ereto e minha Ruiva ao vê-lo gemeu em antecipação,
PERIGOSAS ACHERON

sabendo que ele em breve estaria dentro dela.

Agatha primeiro sentou-se em meu colo, me fazendo sorrir. Se ela continuasse nessa posição eu enfiaria nela ali mesmo, sem esperar para mais nada.

— Eu — Agatha começou sorrindo, um sorriso selvagem, naturalmente dela — queria *provar* o quanto senti sua falta.

Seus beijos desceram devagar de meu pescoço, passando por meu ombro, omoplata, peito e parando um pouco acima de meu umbigo. Agatha saiu de meu colo e ficou de joelhos, como eu estava a pouco, entre minhas pernas. Então ela voltou a beijar minha barriga, parando para lambeir meu umbigo, o que me fez arquear as costas, enviando-me arrepios por todo meu corpo.

Agatha sorriu, satisfeita por descobrir uma nova sensibilidade, e desceu novamente, parando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para me infernizar um pouco acima de meu membro. Sem eu esperar ela lambeu devagar com movimentos circulares a minha glândula.

Seus movimentos eram leves, agonizantes e prazerosos. Uma de suas mãos cravou-se em minha coxa com suas unhas compridas e a outra segurou delicadamente meu membro.

Segurei minha respiração sabendo que ela acabaria comigo. Me destruiria, se quisesse. Me devastaria, se quisesse. Eu era dela. Entregue.

Agatha sugou minha glândula com sucções rítmicas, rápidas, prazerosas como o inferno. Gemi alto, tão alto quanto ela.

A Ruiva continuou a sugar minha cabeça e aos poucos enfiá-lo mais fundo, cada vez mais fundo. Seus olhos não largavam os meus, suas unhas cravavam-se mais em minha coxa e sua outra mão segurava meu membro de uma maneira

PERIGOSAS ACHERON

sensual para cacete.

Com a mão que estava em meu pênis, minha Ruiva deslizou para minhas bolas, massageando, e com a boca chupou mais fundo meu membro.

Coloquei minhas mãos em seu cabelo, afastando-o de seu rosto. Eu queria ver o movimento de sua cabeça enquanto me chupava profundamente.

Eu não fazia ideia de quanta falta eu havia sentido dela. Não só do sexo, mas da sua presença dessa forma, sempre imposta, quase dominadora, sensual e sexual toda dirigida para mim.

Agatha tirou sua boca de meu membro para lambar toda a extensão, sem tirar seu olhar azul brilhante do meu. Ela queria que eu visse tudo que ela fazia comigo. Eu não tinha intenção nenhuma de perder aquele show particular. Depois de me lambar, ela abocanhrou novamente quase todo meu

pau e continuou com seus movimentos profundos.

Ela chupou um de seus dedos e eu fiquei sem saber o que ela faria. Em seguida ela chupou profundamente meu membro, me fazendo esquecer de seu rápido abandono e com a mão, do dedo que havia chupado, voltou a acariciar minhas bolas, mas desceu, indo até meus a entrada de meu ânus.

Sem eu ter chance de recuar ela enfiou e tocou, onde eu teoricamente sabia, que era o ponto G masculino, na próstata. Não tive nenhuma reação. Meu corpo todo estava preste a ter um orgasmo celestial. Eu podia sentir vindo.

Tentei me afastar, para gozar fora de sua boca, mas ela me encarou.

— Exames? — Não era uma pergunta sexual, mas necessária.

— Em dia. — Sorri tranquilo, quanto a isso, nunca mentiria. Até mesmo para o teatro eu
PERIGOSAS ACHERON

precisei apresentar exames para comprovar que não tinha nenhuma doença que fosse possível a ser transmitida pelo beijo.

— Remédio também. — Ela piscou, falando sobre si mesmo, e voltou a me chupar.

Eu gozei com meus olhos abertos, vendo-os de Agatha em mim. Ela não tirou sua boca de meu pênis enquanto eu gozava e ela engolia sem discussão cada gota de meu sêmen.

Eu gozei meio falando seu nome, seu apelido, palavrões, gemidos, entre respirações oscilantes, numa mistura estranha de ótimo e maravilhoso.

E conseguiu ser ainda melhor quando ela sentou sobre mim e eu a abracei. Nossos corpos se transformaram, naquele abraço, uma mistura de suor, tesão e falta, a falta que estávamos suprimindo do outro. Nada mais nos dividia. Nada

estava entre nós.

Dessa vez, gemíamos em uníssono enquanto ela decidia o nosso ritmo. Suas mãos cravaram em meus ombros. Sua boca em minha bochecha, me fazendo escutar a sua respiração e gemidos bem próximo de meu ouvido. Não havia outro som em sua casa sem ser o que nós produzíamos.

Era como se o mundo tivesse pausado por nós, para nós. Não era tão tarde, mas parecia que todas as pessoas dormiam, apenas nós acordados.

O mundo estava em completo silêncio para nós.

Enquanto Agatha fazia seu movimento como queria e eu inclinava minha cabeça no encosto do sofá, eu sentia tanto o prazer emanar por todo o meu corpo quanto o desejo por ela crescer — se era possível.

Meu coração batia depressa. Pulsava.

Finalmente sentia que a falta que eu sentia por ela estava sendo exteriorizada, mas ainda não era o suficiente. Eu precisava mais dela. Ela era meu vício.

A abracei mais forte e com uma mão segurei seu rosto, a beijando enquanto gozava.

IX

Agatha

Não dormimos tão tarde

naquela noite, por já termos começado cedo,

sendo assim, eu acordei após alguns raios do sol

invadirem a fresta da janela. Me remexi em minha

cama, não me esquecendo por nenhum momento

que tinha ido dormir com um homem, logo o

PERIGOSAS NACIONAIS

procurei pela cama e quando não o senti ao meu lado, abri meus olhos devagar.

Não foi difícil me acostumar com a claridade, já que, na verdade, não estava tão claro assim. Passei uma mão por minha testa e percebi que eu estava suando, esse deve ter sido o maior motivo para acordar, esqueci de ligar o ar condicionado.

Pulei da cama — ou tentei. Não tinha trazido meu celular para o quarto, mas meu relógio ao lado da cama me indicava que beirava às seis da manhã. Listei mentalmente meu plano matinal.

- a) Me arrumar o mais rápido possível.
- b) Ir ao hospital.
- c) Trazer Benny para casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- d) Chamar alguém para cuidar dele, da casa, da comida, enquanto eu ia trabalhar.
- e) Meu Deus, e Chris! Eu precisava inclui-lo.

Respirei fundo. Ainda era quase seis da manhã. Não havia motivo para desgaste mental. Uma coisa de cada vez.

A primeira, um banho. A segunda, uma roupa, já para pegar Benny no hospital e trabalhar. A terceira, tomar nem que fosse um gole de café.

Enquanto descia os degraus olhava para os lados, procurando por Chris. Não gritei seu nome do quarto, porque supunha que ele já tinha descido, porém, ao descer as escadas e não o vê-lo, mas ouvir um barulho vindo da cozinha, o chamei.

— Chris?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

Primeiro, parecia uma piada dele, mas eu conhecia bem aquela voz para saber que realmente não era Chris. Desci os degraus com pressa e encarei meu amigo sentado em uma cadeira e bebendo seu café com toda a calma do mundo.

— Benny!

— Baby!

— O que você está fazendo aqui? Eu iria te buscar no hospital e...

— Chris fez isso antes. Parece que ele madrugou. Ele disse que te ligaria mais tarde.

— Que estranho. — Massageei minhas têmporas, não me lembrava de um dia sequer que Chris acordou tão mais cedo que eu.

— Também achei, parecia com pressa.

— Pressa? Às, o quê, cinco da manhã?

— É, pelo visto. — Meu amigo bebeu um

longo gole do café e inclinou a xícara na minha direção. — Beba, você precisa beber.

— Pare de falar como se fosse bebida alcoólica. — Mas ri. — É só cafeína.

— Você precisa disso também.

— O quê? Álcool?

— Claro, por que não? É sempre bom.

— Benny, você às vezes fala como um alcoólatra.

— Não, baby, câncer no pulmão já é o suficiente para mim. No fígado não aguentaria.

Não sei porque, mas mesmo com essa piada maldita, Benny me fez rir.

Passei pelo menos cinco minutos conversando trivialidades com Benny, até entrar no assunto que ele detestava:

— Vou chamar alguém para cuidar da casa e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de você.

— Não, nem pensar, Agatha.

— Benny, você precisa e a casa também.

— Tudo bem, chame uma diarista, mas não uma enfermeira.

— Precisamos dos dois.

— Não precisamos não.

Eu suspirei e me inclinei para a pia, pensando no que diria para fazê-lo mudar de ideia.

— Benny... — Mas não achei palavras.

— Não, somente não.

Suspirei novamente.

— Tudo bem, só a diarista.

— Agradeço.

— Como está se sentindo? — Me virei para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu amigo me encarou.

— Estou bem, não se preocupe.

Mas ele parecia mais magro, mais cansado. Benny estava abatido, no entanto, havia coisas das quais mesmo os melhores amigos não poderiam dizer um para o outro.

— Você está ótimo.

— Eu sei. — Fiz Benny sorrir.

Antes que eu saísse de casa, ele começou:

— Você achou que Chris estava diferente?

Calcei meu sapato na sala e franzi meu cenho.

— Não. O mesmo de sempre.

— Ele dormiu aqui, não foi?

Sorri de canto enquanto Benny se sentava no sofá da sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, dormimos juntos e decidimos ser sincero um com o outro.

— Bom, acho que ele já não está sendo completamente sincero.

— Por que diz isso?

— Não sei, pressentimento.

— Não, não é possível. Ele está igualzinho como antes.

— Sei lá. — Deu de ombros. — Se você diz...

— Tenho que ir trabalhar.

— Tem certeza que não quer me ajuda?

— Faça ao menos uma coisa que eu te peço e não trabalhe, certo? Só aproveite seu dia.

— Não sei aproveitar meu dia sem trabalhar, baby.

PERIGOSAS ACHERON

Rosnei, brincando. Me levantei do sofá com pressa e praticamente corri para fora da casa, antes que Benny se grudasse em meu colo e não me deixasse ir trabalhar sem ele.

No trabalho, tudo correu bem. Entrevistas para alguns novos funcionários. Reunião com possíveis contratos. Almoço rápido. Jerry e suas maravilhosas fotos. Contato com outros fotógrafos. Outros modelos.

Porém, mesmo com tudo na medida do normal, eu não conseguia deixar de pensar em Chris. Não exatamente nele, mas, principalmente no que Benny havia falado dele.

Não havia estranhado nada. Nada. Ele continuava delicado. Gentil. Inteligente. Delicioso. Não havia uma fração dele que estava agindo estranha. Pensei até mesmo em uma trivialidade se, quando estávamos na praia, ele tinha olhado para

outras mulheres ou estava passando tempo demais no celular e eu não reparei, porém... *Não*. Nem mesmo isso. Chris era só respeito.

Finalmente tirei essa maldita ideia da cabeça e confiei plenamente nele. O que eu sabia que era um perigo. Não por ele ser quem era, muito pelo contrário, mas por eu ser quem sou. Eu não diria que eu tinha um dedo podre, mas, provavelmente, tinha a mão inteira.

Escolhi um relacionamento com um homem mais novo e filho de um antigo conhecido que me aliciou para um mundo completamente depravado. Ao menos, dormia tranquila ao saber que não tinha me envolvido fisicamente com o pai de Chris. Essa dor eu não carregava. Carregava “apenas” a dor de saber que seu pai estava comigo, enquanto sua mãe estava sofrendo de depressão intensa.

E, depois do Chris-pai e antes de Chris-filho,

PERIGOSAS NACIONAIS

havia meu marido. Meu *ex* marido. O homem que disse que me aceitava com todo o meu passado. O homem que disse que me amava. O homem que dizia me respeitar.

Mas não essas as primeiras pessoas que decepçionavam? Não são essas as primeiras pessoas que machucavam?

Ele me machucou. Me machucou todas as vezes que me chamava de puta, de vadia, que gritava que eu precisava dele e de que sem ele, eu não seria nada.

Chris apenas não sabia dos detalhes mais a fundo. Eu havia mentido, preferi omitir certos acontecimentos. Poucos sabiam. Somente Benny que tinha me conhecido nesse período. Benny não só sabia, como tinha visto. Como tinha me defendido.

Agressões físicas.

PERIGOSAS ACHERON

Aprendi com a vida que todas as pessoas têm um extremo e esse extremo normalmente é sempre aumentado para um outro nível.

Quando meu ex marido me xingou de puta pela primeira vez, eu — logo eu — chorei. Esse era meu extremo, o xingamento. Mas quando ele me bateu pela primeira vez, eu criei um novo extremo. Então, quando ele me xingou uma outra vez, eu já não me importava. As palavras já não doíam tanto quanto os tapas.

Meu extremo se intensificou. As palavras que um dia me fizeram chorar, me faziam rir. Os tapas que me faziam estremecer, me fizeram calejar. Eu estava me acostumando com o pior cenário possível. Meu extremo estava indo longe demais.

Felizmente, eu estava longe desse tipo de realidade e sabia que não era nada sobre isso ao qual Benny estava falando. Chris nunca

demonstrou qualquer traço de agressividade ou possessividade. Mas, ainda assim, minha mente estava martelando com a ideia solta por meu amigo.

Suspirei e no fim da tarde, mandei uma mensagem para Chris, perguntando se poderíamos nos encontrar em minha casa, o convite estava aberto para Ian também. Não comentei Júlia já que não sabia se ela estava ou não por Salvador.

Mandei uma mensagem para Ian também e ele me respondeu mais rápido que Chris, confirmando que estaria em minha casa à noite.

Quando cheguei em casa, Benny encontrava-se deitado no sofá.

— Tudo bem? — perguntei.

— Sim — ele foi vago.

— Como foi seu dia?

— Péssimo, um tédio. E o seu?

— Trabalho. — Dei de ombros e tirei meu celular da bolsa, colocando sobre a barriga despida de Benny. — Se Chris ligar, me avise. Vou tomar um banho.

— Ian está vindo?

— Sim... Ele falou com você?

— Me ligou mais cedo, disse que você convidou para jantar.

No primeiro degrau, me virei para olhá-lo.

— Fiz mal?

— Não... — ele estava divagando — Só estou desanimado.

Voltei para onde meu amigo estava e beijei sua testa. Vê-lo triste, me deixava triste.

— Vá logo tomar seu banho. — Ele sorria enquanto me mandava subir com um aceno de mão.

Dei um leve tapinha em seu ombro e subi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para meu quarto.

PERIGOSAS ACHERON

X

Christopher

Vi a mensagem de Agatha

um par de horas depois de ela ter sido

enviada. Nesse momento acreditava que ela já

estava em sua casa e como evitava passar o tempo

na minha, saí dela o mais rápido possível e peguei

meu carro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de dar a partida mandei uma resposta para a Ruiva dizendo que estava a caminho.

Com a ajuda do trânsito livre, em quase meia hora já estava dentro de seu condomínio. Ter acesso livre a ele era uma boa maneira de poder fazer surpresas. Porém, naquele momento de minha vida eu não queria surpreender ninguém, muito menos ser *mais* surpreendido.

Toquei à campainha da casa de Agatha e esperei menos que um minuto para a porta ser aberta.

— *Demorô!* — Era Ian.

— Como você chegou antes de mim? Nem tive tempo para te convidar.

Ele piscou e abriu mais a porta para eu passar.

— Já sou da casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Quê? — O encarei e ele riu.

— Converso com Agatha também. Ela provavelmente copiou e colou a mensagem que mandou primeiro para mim, depois enviou para você.

Revirei meus olhos e balancei minha cabeça, em um bufo.

— Ainda bem que não chegou tão tarde. — Agatha saiu da cozinha naquele instante, passando suas mãos na calça que vestia.

— Você está cozinhando?

Ela riu.

— Não querido, colocando simplesmente no prato.

Eu dei risada. Certas coisas não mudavam. Eu também não tinha qualquer intenção de esperar por mudança. Gostava dela exatamente assim, sem

saber fritar um ovo direito. Eu, nos últimos meses, tinha piorado — se fosse possível — meu desempenho na cozinha. Depois de passar de hotel por hotel, comendo sempre em restaurantes e lanchonetes no fim da estrada, não poderia esperar de mim mesmo qualquer habilidade adquirida nos últimos meses. Muito pelo contrário.

Eu estava pior na cozinha do que nunca estive.

— Pediu o quê? — Tirei de meus pés meu sapato, preferindo andar descalço e caminhei em direção a cozinha.

— A diarista fez. — Benny que encarava seu prato, falou.

— Por que essa cara? — quis saber e olhei para seu prato também.

— Porque está lindo. Nunca vi um filé à parmegiana tão bonito. E eu nem sou tão fã de PERIGOSAS ACHERON

carne.

— Parece muito bom mesmo.

— Por que essa cara? — Agatha repetiu a minha pergunta, porém, a direcionava para mim.

— Comi há pouco tempo.

— Mas eu te convidei para jantar... Não disse?

Percebi que ela estava procurando seu celular no bolso de sua calça.

— Convidou — avisei. — Mas eu só vi sua mensagem há pouco tempo. Foi um dia corrido.

— Ah. — Agatha sorriu. — Tudo bem. Você ainda pode beber alguma coisa e comer depois, se quiser.

Ian quem fez todos rirem quebrando qualquer possível gelo:

— Esse pessoal do teatro é meio medieval.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só por que não olho para meu celular a cada segundo? — questionei.

— Exatamente! — Ele apontou para mim — Quem não mexe em seu celular a cada segundo?

Rimos. Ian tinha esse poder de mudar o clima do ambiente. Mas, não deixei de notar quando a Ruiva trocou o peso de seus pés e os encarou por um segundo. Estava pensativa e, pela primeira vez, eu esperava que ela não estivesse pensando em mim.



Era quase dez horas da noite quando Ian foi embora. Benny perguntou se Agatha e eu não iríamos querer que ele fosse dormir e a Ruiva riu, dizendo que não precisava. Sendo assim, ele

PERIGOSAS ACHERON

aproveitou para a deixa para colocar um filme.

Eu já estava piscando de sono. Tinha acordado mais cedo que o normal. Resolvi alguns problemas, passei no teatro com Yas, irmã de Ian. Depois em algumas agências de publicidade. Não estava desesperado para conseguir um anúncio, mas queria me manter o máximo de tempo possível fora de casa. Yas também dizia para um ator, o máximo de experiência na vida, era bom. Ela não colocava em argumento nada épico ou aventureiro, às vezes as menores coisas, como ir comprar pão e reparar em como as pessoas andavam e falavam, trejeitos, gírias.

Para Yas a vida era um enorme laboratório todos os dias, a toda a hora.

— Como foi seu dia? — Agatha sorria quando colocou uma mão em meu ombro.

— Cansativo. E o seu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Trabalho e trabalho. Você ainda pretende trabalhar como modelo?

— Sim, hoje mesmo foi para algumas agências, fiz alguns ensaios. Não sei se me chamarão, mas não quero ficar parado.

— É bom, mas como você não tem agente, só precisa ter mais cuidado com as campanhas que modelar.

— É... — Acenei. — Não quero que a minha imagem seja desgastada por nada muito estúpido, nem mal falada.

— Não ser mal falado é para poucos. — Benny falou calmamente em meio as almofadas que tinha jogado no chão.

— Você foi muito mal falado ao longo da carreira, Benny? — perguntei.

Ele riu por um momento. E, no outro, se

PERIGOSAS ACHERON

manteve em silêncio, quando acreditava que ele não diria nada, falou:

— Muito. Principalmente quando uma agência me convidou para ser um ator pornô gay.

Eu não sabia se era piada, não parecia, mas, mesmo assim, eu gargalhei. Agatha deu um tapa em meu ombro e eu continuei rindo até conseguir respirar fundo o suficiente para falar.

— Você aceitou?

— Por favor, Chris. — Percebi Benny revirando seus olhos, mas riu um pouco.

— Eu apoiaria. — Agatha brincou.

— Até você! — Benny se inclinou e a fuzilou com seu olhar.

— Mas é verdade.

Benny me encarou logo depois.

— É mentira dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro, porque se você não falasse eu juraria que Agatha te apoiou para ser uma estrela pornô.

Ele riu e balançou suas mãos, como quem dissesse que tinha desistido de nós dois.

— Imagine como seria a reação das pessoas quando eu contasse a profissão de meu amigo. “Ele é só uma estrela do pornô gay”.

— Eu riria, — respondi a Ruiva — acharia que você está brincando com a minha cara.

— Provável. — Ela sorriu. — Não é uma coisa que ouvimos todo dia.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa referente ao assunto, meu celular vibrou em meu bolso e eu encarei as horas em meu relógio.

— Tenho que ir para casa... Já está tarde.

— Tarde? — A Ruiva riu. — Para quem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho que acordar amanhã muito cedo.

— Enquanto falava, já me levantava.

— Não quer dormir aqui?

— Não, é melhor eu ir. Mas posso passar em sua agência amanhã de manhã?

— Claro. — Ela acenou. — Amanhã então.

— É um encontro. — Me despedi a dando um beijo no canto de sua boca e passando uma mão no cabelo de Benny, para pirraçá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

XI

Agatha

*Assim que Chris saiu,
Benny se sentou sobre as almofadas e*

continuou me encarando por um longo momento
enquanto eu trancava a porta.

— O que é? — questionei — Diga de uma
vez!

— Você o achou diferente também, não

achou?

Balancei minha cabeça e me sentei no sofá, colocando minhas mãos sobre meu colo.

— Ele não estava assim ontem. Estava realmente presente. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente. Hoje ele parecia... distante.

— É exatamente o que eu senti quando ele foi me buscar — meu amigo falou. — Estranhei de início ele ter deixado você sozinha para ir até o hospital. Depois estranhei ainda mais ao saber que você ainda dormia.

— Você acha que ele está se esquivando de mim?

— Não, não tem qualquer lógica. Se não, ele não teria vindo aqui só para trazer a minha chave que estava na sua mão.

— É verdade. — Suspirei. — E o que você

PERIGOSAS NACIONAIS

acha que pode ser?

Meu amigo dessa vez não olhou para mim. Seu olhar escapou para o chão e para a televisão desligada.

— Benny, só me diga! Você acha que olha para mim pensando no meu passado?

— Não... — Ele se levantou. — Ele é bom demais para isso.

— Então me diga de uma vez o que se passa pela sua cabeça.

Dessa vez meu amigo me encarou fixamente antes de despejar, como um jato:

— Já pensou na hipótese de que ele pode ter outra pessoa?

Primeiro, eu ri e repeti a frase que ele já tinha dito há minutos:

— Ele é bom demais para isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Segundo, eu parei de rir e pensei, simplesmente pensei a respeito.

— Chris com outra pessoa?

— É o clichê. — Meu amigo não ajudava em nada. — Ele te quer o suficiente para estar com você, mas tem medo de largar a outra pessoa.

— Medo? Não, isso não faz o perfil de Chris.

— Ter medo ou ter outra pessoa.

— Os dois, eu acho. Principalmente ter outra pessoa.

— Pergunte a ele.

— Quê?

Ele se sentou ao meu lado e falou:

— Amanhã quando ele for para a agência pergunte a ele se ele tem outra pessoa.

— Mas se ele tiver, ele não me falará.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas ele sendo quem é não conseguirá responder sem hesitar. — Ele me encarou com um sorriso, como se tivesse me dado a ideia do século — Quando Chris já mentiu?

— Mas agora você acha que ele está me traindo. Quem trai, mente.

— Você já configura como traição?

— Claro que é! — Me levantei do sofá e controlei a minha respiração.

O que passava pela minha cabeça era que talvez ele não estivesse me traindo, mas traindo alguém, comigo.

Não, não pode ser; pensei.

— Desculpe, baby. Você tem razão. Se ele estiver com outra pessoa, ele está te traindo. O mínimo que ele tinha que fazer é ter admitido que estava com alguém, mesmo que não fosse sério.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me sentia pequena. E eu detestava me sentir assim. Sentia que tinha entregado meu coração e agora ele poderia fazer o que fosse com ele, inclusive esmagá-lo.

Eu teria que confiar em Chris, mas eu precisava perguntar a ele.

Olhei para meu suporte ainda sentado no sofá.

— Pode dormir comigo esta noite?

— Adoro quando você precisa de mim. — E se levantou, me abraçando apertado.

Agora, eu me sentia uma completa egoísta. Benny estava doente e precisando de mim firme, porém, eu quebrava e me apoiava nele.

Depois que eu tomei um banho e encontrei ele jogado sobre minha cama, senti como se ele lesse meus pensamentos quando bateu no espaço

PERIGOSAS ACHERON

vago da cama e repetiu:

— Adoro quando você precisa de mim.

Repetiu porque sabia que eu precisava ouvir de novo. Repetiu porque sabia que eu precisava acreditar nisso.

Me deitei na cama de barriga para cima e encarei o teto, um trecho de uma música dos *The Beatles* surgiu em minha mente. A música era *If I Fell*.

Se eu confiar em você

Oh, por favor

Não corra e se esconda

Se eu amar você também

Oh, por favor

Não fira meu orgulho como ela

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco e senti a mão de Benny apertar a minha.

Pois eu não poderia aguentar a dor

E eu

Ficaria triste se nosso novo amor

Fosse em vão

Uma coisa eu colocava em mente: amanhã eu acordaria melhor. Independente do que Chris me respondesse, eu me manteria firme. Por mim e por Benny.

Eu não era como a música dos *The Beatles*. Eu aguentaria a dor. Eu tinha o meu extremo. E ele era muito maior do que uma simples traição.

PERIGOSAS ACHERON

Fechei meus olhos e foi como tomar um tapa. Não de Chris. Nunca dele. Do passado. Lembrava da dor estalante do tapa, de meu corpo não se sustentar direito em pé, das minhas lágrimas, dos meus gritos.

Era dor demais e eu achava que não suportaria, que não era forte o suficiente, que quebraria. Ou pior, que aceitaria aquilo como minha nova normalidade.

Mas eu consegui abrir a minha empresa. A minha agência *Hot Help* funcionava por uma coligação de funcionários. Eles eram essências também. No entanto, o começo da agência só aconteceu por mim — e pelo homem que já roncava ao meu lado, tanto que a sua mão já não segurava a minha com firmeza.

Eu consegui. Consegui ainda mais quando devolvi cada centavo para o mesmo homem que me

fez sofrer tanto. Era complexo e paradoxal. O mesmo homem que tinha me feito sofrer, tinha me dado a possibilidade de conquistar um dos meus maiores orgulhos na vida.

Porém, não o colocava nesse patamar. Ele não merecia. Era bem possível que Benny tivesse conseguido um empréstimo apenas para nós abrirmos a agência. Eu conseguiria sem *aquele* homem.

De olhos fechados, suspirei.

Eu conseguiria. Mesmo tendo o coração esmagado. Eu viveria.

XII

Christopher

Acordei mais cedo que o necessário e fiz um café da manhã. Ou

melhor, fiz o café da manhã, com tudo que eu tinha direito, mesmo que eu, na verdade, não fosse comer nada.

Saí de casa após tomar apenas um café e

PERIGOSAS NACIONAIS

comer metade de um pão. Era a refeição mais importante no dia, mas naquele momento eu só queria passar mais tempo afastado de minha própria casa. Mesmo decorada, mesmo como eu queria, ainda estava errado. Não estava *exatamente* como eu queria.

Com isso, eu preferia me afastar.

Trabalhei. Estava fazendo um pouco de tudo para ajudar o teatro que já tinha me apresentado há alguns meses. Não queria me manter parado e por isso ajudava nas menores coisas possíveis, fosse de pintar a mudar o que quer que fosse de lugar enquanto o roteiro estava em desenvolvimento.

Ao mesmo tempo estava animado que teria Agatha nesta manhã. Eu sabia que ela não gostava de flores, por isso lhe comprei um cacto e um café preto. Mas, levei também comigo, uma rosa simples.

PERIGOSAS ACHERON

Fui tão bem recebido como sempre na agência. Jerry, o fotógrafo, conversou comigo por um momento. Ele se mostrava preocupado com Benny, mas também confiante. Subi as escadas para a sala de Agatha sem companhia e encontrei Vicky teclando em seu computador.

— Bom dia, Vicky! — a cumprimentei, esticando a rosa para ela.

Estava com o cacto preso em meu antebraço e a rosa em meus dedos, enquanto, na mão livre, levava o café.

— Bom dia. — Ela acenou, me cumprimentando de volta e se levantando de sua cadeira. — Para mim?

Sua mão em seu peito, me fez rir.

— Uriel não está te dando flores? — brinquei, implicando sobre o irmão de Ian que estava em um relacionamento com Vicky.

— Se eu pedir. — Ela sorriu e abaixou seu rosto, tímida.

— Pedir por flores não é o mesmo que receber sem pedir.

Ela continuou rindo.

— Como você poderia saber?

Eu gargalhei.

— Suponho, espertinha. — Pisquei e continuei inclinando minha cabeça para a porta que me distanciava da Ruiva. — Agatha pode me receber?

— Pode sim, — Sorria. — mas cuidado, ela pode estar em alguma ligação.

Assenti.

— Entendido!

Bati duas vezes na porta com a mão que segurava o cacto e a abri de uma vez, logo em
PERIGOSAS ACHERON

seguida.

— Agatha? — falei baixo, com receio de que ela estava em alguma ligação, como Vicky tinha me alertado.

No entanto, ela estava como Vicky: teclando em frente a uma tela de seu computador. Ela levantou sua cabeça em minha direção e sorriu, mas não mostrou seus dentes.

Me aproximei de sua mesa com um sorriso, mas, diferente do dela, eu sorria de verdade. Coloquei o copo de café sobre a sua mesa e empurrei em sua direção, já o cacto estendi para ela.

— Um cacto? — Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu sei que você não gosta de flores.

— Eu acho que nunca disse que não gosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se não disse, eu supus.

Ela se levantou e pegou o cacto em minhas mãos.

— Posso perguntar por que um cacto?

Dei de ombros.

— Flores dão trabalho; cacto, não.

— Obrigada.

Agatha abraçou o jarro com o cacto, tendo cuidado para não se cortar e o colocou em uma das janelas de sua sala, onde havia um espaço para se sentar.

— Café também? — Gesticulou para o copo fechado.

— Sim, café preto. — Passei uma mão em meu cabelo, envergonhado. — Não me lembro nem se você toma café, mas comprei um preto.

Ela balançou sua cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que não falamos sobre isso, mas eu já tomei café com você. Preto, sempre preto.

— Café é maravilhoso demais, não é? — falei, aleatório, mas não tanto.

— Você ainda não tomou?

— Só um pouco, em casa.

— Quer metade do meu?

— Não... não precisa.

Minha Ruiva sorriu novamente.

— Vou pegar as xícaras. — E pegou duas xícaras em uma prateleira que eu nunca tinha visto antes em sua sala.

Ainda bem que eu tinha comprado uma caneca grande para ela, porque, ao dividir o café em duas xícaras, ainda sobrou na caneca.

Nós nos sentamos na varanda e Agatha encarou a sua xícara por um longo momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está achando que eu te envenenaria?

Ela sorriu, mas parecia triste. Estava me sentindo incomodado com a sua expressão, no entanto, respirei fundo e engoli para mim, talvez fosse algo relacionado ao trabalho.

— Nunca. — E suspirou — Você é bom demais para isso.

— Que bom. — Eu gargalhei e franzi meu cenho.

Em um segundo eu pensava que não iria me intrometer perguntando, no outro, eu já estava perguntando:

— Aconteceu alguma coisa? — Estávamos sentados lado a lado em espreguiçadeiras e eu me aproximei dela. — É com Benny?

— Não, não. Ele está bem, na medida do possível, claro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então?

— Precisamos conversar. — Percebi seu outro suspiro e como ela segurava a sua xícara, deixando seus dedos apertados em volta dela. — É sério.

— Suponho que sim, você nunca falou assim.

Ela acenou e bebeu um longo gole de sua xícara. Esperei para que começasse a falar e quando não aconteceu, me adiantei:

— O que houve?

— Eu preciso que você seja sincero comigo.

— Eu sempre sou — falei.

Eu nunca vi Agatha daquela maneira, olhando para os lados e buscando as suas palavras. Ela normalmente era incisiva, direta. Notei o seu milésimo suspiro e ela bebeu o resto de seu café antes de se levantar da espreguiçadeira, se

PERIGOSAS ACHERON

inclinando ao muro e me olhando nos olhos.

Em um segundo. Apenas um segundo e ela mudou de expressão, de postura. Em um segundo Agatha estava inclinada no muro como se necessitasse de uma muleta, no outro segundo ela estava com suas costas eretas, me fuzilando com seu olhar azul.

Eu não fazia ideia como uma mulher tão linda, conseguia aparentar tanta dureza. Por muito anos eu assimilava a beleza a um certo tipo de vulnerabilidade, fragilidade. Não a fragilidade da mulher, mas a fragilidade de seu espírito, tendo — muitas vezes — facilidades simplesmente por sua aparência. Já a vulnerabilidade em um meio social ou em um relacionamento.

O quanto alguém se aproxima de você por sua aparência? Essa era uma das questões que eu conversava com Júlia. Ela sempre teve ideais muito

além de um típico estereotipado de ‘menina-do-interior’.

Em uma de nossas conversas, ela me disse certa vez algo que não fugiu de minha mente. Era algo que a própria tinha ouvido do pai. Em um telefone sem fio, a mensagem veio até mim com resquícios da música de *Legião Urbana*, *O Descobrimento do Brasil*.

Será que você vai saber

*O quanto penso em você com o meu
coração?*

Era isso. Apenas esse trecho da música separava quem continuava com uma mulher — ou até mesmo um homem — apenas por sua aparência. Julgar pessoas que se aproximavam das outras pela

aparência me soava até mesmo bobo, já que, infelizmente — ou não — era, em sua maioria esmagadora das vezes, normal. Agora, quem continuava com uma pessoa pela sua aparência era uma história diferente. E nessa história o trecho da música se encaixava.

Eu pensava em Agatha no físico, no toque, no tato. Eu pensava, neste exato segundo, em puxar o seu vestido marrom, em um tom de café, com os meus dentes.

No entanto, eu também pensava nela com o meu coração. De fazê-la doer a cada batida mais rápida, a cada batida desesperada. Principalmente aquelas batidas das quais eram de falta, falta dela, do toque dela, da presença dela, dos sorrisos dela.

— Você está me traindo? — Ela levantou um dedo antes que eu pudesse responder. — E antes que você diga que não temos um relacionamento

sério, eu acredito que o que já temos é o suficiente para caracterizar como sério.

Eu engoli em seco.

— Ruiva...

— Não me venha com essa. — Outro dedo levantado, mas não era como se ela o quisesse direcionar em minha direção, mas como quem quisesse apenas colocar mais um ponto a questão. — Seja direto, Chris. É uma pergunta de uma resposta só: sim ou não.

— Agatha... — Tentei novamente.

Como eu poderia explicar para ela? Como ela poderia me entender?

XIII

Agatha

— *Agatha...*

— Sim ou não — repeti.

Era simples, não era? Era apenas dizer que sim, estava com outra pessoa. Ou não, não estava com ninguém.

— Não — ele foi enfático, porém, quebrando meu coração em pedaços, continuou: — mas...

— Mas o quê?

— Mas... — Ele passou uma mão em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelo, mais bagunçando-o que o arrumando.

— O quê? — praticamente gritei.

— Eu estou... grávido.

Eu abri minha boca. Primeiro para gritar, depois para questionar, por fim, a fechei e respirei fundo, pensando.

Ainda segurava a xícara e a coloquei sobre a espreguiçadeira, como ele tinha feito depois de se levantar. Passei minhas mãos em meu vestido e o encarei.

— Do que você está falando?

— Grávido. Não é isso que os homens dizem quando estão esperando um filho?

— Não. — Balancei minha cabeça achando que ele estava brincando comigo. — Grávida. É isso que *as mulheres* dizem quando estão esperando um filho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas o que os homens devem dizer quando engravidam uma mulher?

Dei de ombros.

— Que vão ser pai? Que estão esperando um bebê?

— Em resumo: grávido. — Chris bateu uma mão na outra. — Eu estou grávido. Eu vou ser pai. Eu engravidei uma mulher. Eu estou esperando um bebê. Ela, eu. Tanto faz.

— Você vai ser pai? — Nesse momento a ficha começava a cair.

— Sim — ele confirmou.

— Pai. — Me virei e encarei os carros que passavam distante de nós, indo, provavelmente em direção a Salvador. — Christopher será pai.

— Sim — repetiu. — Eu vou ser pai. E ela está dormindo na minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Novamente olhei para ele.

— Quantos meses?

— Seis ou quase. Ela fala em semanas, me confunde.

Acenei.

— É, as grávidas têm essa mania. Ainda não entendi porquê.

— Verdade. Eu sei lá quantos meses são vinte e duas semanas.

Eu ri, sem humor.

— Quase seis meses.

— Aparentemente, sim. — Ele também riu.

— E ela está na sua casa?

Chris se aproximou de mim e estávamos a um palmo de distância nesse momento.

— Eu descobri há pouco tempo. Voltei para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Salvador há quase dois meses e há mais ou menos um, ela bateu na minha porta. Não sei como me achou, só sei que agora está lá. Não quis te procurar antes porque achei que ela queria me enganar, eu sei lá.

— Mas?

— Mas graças a ciência é possível fazer o teste de DNA antes do nascimento e sim, é meu filho.

— Então, deixa eu ver se entendi: há uma mulher, grávida de seu filho, há quase um mês em sua casa?

— Sim.

— E você quer que eu acredite que vocês não têm qualquer tipo de envolvimento?

— Não temos — ele foi duro. — Não quero que você *acredite* em mim, quero que você *saiba*.

PERIGOSAS ACHERON

Não temos. Eu mal fico em casa, porque quando ela está nela sinto que não estou de verdade em minha casa. Mas temos contato, é claro. A levo para exames, estou sempre do lado quando tem enjoos e desejos e meu celular está sempre ligado para ela.

Acenei.

— E o que vai acontecer depois?

— Como assim?

— Quando o bebê nascer.

— Ela não quer ser mãe. — Chris deu de ombros, como se fosse óbvio. — Mas ela também não queria abortar. Ela acha que se abortar, Deus não a concederá mais a possibilidade de ser mãe um dia. Porém, agora, ela recusa criar essa criança.

— E o que isso significa?

— Que eu vou ser pai solteiro.

— Você está brincando, certo? — Riu. —

Tudo isso é uma piada?

— Infelizmente, não. Ela até já aceitou assinar os documentos que nega a sua maternidade no futuro. Isso dá brecha para que ela, *um dia, quando quiser*, veja a criança, mas não poderá interferir na criação, nem contar que é a mãe, caso eu não tenha falado sobre.

— Ela é como um pai que abandona o filho para a mãe criar sozinha.

— Não — Chris a defendeu de imediato. — Ela tem todo o direito de não querer ser mãe, Agatha. Ela não concorda com o aborto, tampouco quer criá-la. Ela viu minha casa, viu a estrutura que tinha, conversamos de verdade. Disse até que me ajudaria financeiramente, se eu precisasse.

Ele deu um passo para trás e encarou o céu sobre nós antes de olhar para mim. Seu olhar negro parecia querer me dizer tantas coisas, coisas das

quais eu não sabia interpretar.

Continuou após um momento:

— Eu vejo como ela se importa com a sua gravidez. Como cuida da sua alimentação, atividades físicas, sono. Não é relapsa. Mas também não toca em sua barriga com amor, não se importa quando chuta, não pensa em dar um nome.

Eu assenti.

— Claro. Você aceita essa situação e acredita nela.

— Você não a conhece. Ela é... genuína.

— Genuína, — repito — que lindo.

— Você não a conhece — ele quem repete dessa vez.

— Você acha completamente natural uma mulher grávida bater à porta de sua casa e pedir abrigo, falando até que ajuda financeiramente com

o bebê, mas não quer contato com ele? Você acha normal? Acha que ela não tem nada a esconder? Acredita mesmo nela?

— Sim. — Ele bate em seu peito. — Eu, diferentemente de você, acredito nas pessoas. Eu vejo sinceridade nela. Ela não quer ser mãe. Qual a dificuldade de você entender isso? É bem provável até que ela tenha muito mais dinheiro que eu. Também não é sobre interesse.

— Claro... Claro que você, o ingênuo Christopher, acredita nessa história!

— Porque não tem o que desconfiar, Agatha! — Ele não altera o seu tom de voz, mas a firmeza dela. — Ela só não quer ser mãe, porra! A família dela provavelmente deserdaria se soubesse que ela está grávida.

— Piorou. — Bati palmas. — Ela diz que está sem ver os pais?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela sempre viajou muito. Nunca foi anormal ficar mais um ano sem vê-los.

— Será super natural ela os ver depois do parto. Estará igualzinha. É claro.

— Esse será um problema dela, não meu. O meu é confiar nela e cuidar dela e do bebê.

— Meu Deus! — Eu andei pela varanda. — Você acredita que ela irá embora depois que parir! Ela deve ser uma qualquer que quer se encostar em sua casa, em você.

— Você não a conhece! — Chris caminhou atrás de mim.

— E nem quero.

Ele tocou em meus braços, me virando para olhá-lo.

— Por que você não a leva para a sua casa? Por que não a conhece? — sugeriu — Tenho

PERIGOSAS ACHERON

certeza que você entenderá sobre o que estou falando.

— Levar uma grávida para a minha casa? Uma grávida que não é um problema meu?

Chris tirou suas mãos de mim como se eu queimasse.

Seu tom de voz continuou firme, mas baixo quando disse:

— Eu vou ser pai, Agatha. Ela está esperando um filho meu.

E eu entendi o que ele queria dizer.

De certa forma, era um “problema” meu. Se eu quisesse continuar com ele, aquilo era sobre mim também.

XIV

Christopher

*Eu sabia que Agatha era o
tipo de mulher culta.* Mas, mesmo uma

mulher culta poderia querer me dar um tapa na
cara. E eu esperei por isso. Achava qualquer tipo de
agressão extremamente desrespeitosa, mas, a
depender de seu tapa, eu aceitaria. Talvez não fosse

para fazer doer, apenas para extravasar.

Mas isso não aconteceu. Nem mesmo após eu dizer que seria pai. Deixei subtendido que aquilo seria um problema dela também. Era sobre ela também. A não ser, claro, que ela não quisesse que fosse. No entanto, não haveria outra saída senão tomarmos caminhos diferentes. Até este momento eu estava evitando o assunto, já que não sentia a necessidade de falar sobre quando o bebê ainda não tinha nascido.

Mas ele nasceria. E eu seria pai. Teria que arcar com isso.

— Eu aceito — a Ruiva finalmente disse.

— Aceita?

— Aceito que ela fique alguns dias na minha casa. — Deu de ombros. — Vou trabalhar em casa nesta semana de toda a forma, já que Benny ficará

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em casa, acho importante que tenha sempre, ou quase, alguém com ele.

— Você tem certeza? Cuidar de Benny e dela não será demais para você?

— Eu não vou precisar limpar a bunda de ninguém. — Sorriu sem humor. — No máximo, segurar um cabelo na hora do vomito.

— Ela não passa muito mal. Te juro. Às vezes tem desejos, só.

— Não se preocupe. Quanto a desejos ligarei para você resolver.

Eu sorri e levantei minhas mãos.

— Sem problemas, resolvo! Se você quiser, posso dormir na sua casa também...

— Não — ela foi pragmática. — Nesses dias tudo que eu preciso é apenas conhecê-la.

— Tudo bem. — Acenei. — Como você

PERIGOSAS ACHERON

quiser.

A Ruiva também acenou e eu acreditei que ela fosse mudar de opinião e me mandar embora, mas o que ela fez me pegou desprevenido. Ela encarou o chão e sua voz, sempre tão segura de si, parecia quebrada e vulnerável.

— Eu quero confiar em você.

Agarrei suas mãos e beijei os nós de seus dedos.

— Você sempre poderá confiar em mim.

Coloquei suas mãos em minha cintura e toquei em seu rosto, beijando sua bochecha, seus olhos, seu nariz, seu sorriso, sua boca, seus lábios que fechavam-se e abriam-se para mim.

Suas mãos deslizaram de minha cintura para minhas costas, levantando minha camisa, puxando-a para fora de meu corpo. Eu ri e a puxei para

longe, jogando-a sobre a espreguiçadeira.

Com uma mão entrelacei em seu cabelo e quebrarei qualquer espaço que ainda havia entre nós.

O beijo que ela me deu não foi desesperado. Foi lento. Como se fosse o nosso primeiro, como se estivesse me conhecendo melhor.

Sua varanda não era completamente exposta, mas, mesmo assim, a puxei para a espreguiçadeira, para nos escondermos um pouco que fosse de qualquer curioso.

Lambi meus lábios para seu vestido e o puxei para fora de seu corpo antes de deitá-la na espreguiçadeira. Ela não usava sutiã, apenas uma fina calcinha e, ainda, seus saltos. Como sempre, altos. Dessa vez, não vermelho; preto.

A beijei. De seus pés até seu pescoço, raspando minha barba em sua pele, a vendo arrepiar

PERIGOSAS ACHERON

no percurso, a ouvindo gemer baixo, no percurso.

Seria possível eu me apaixonar mais? Seria possível meu coração bater mais rápido do que batia?

Não demorou muito para eu estar nu sobre o corpo de Agatha. Eu não podia esperar muito. Eu queria estar dentro de minha Ruiva o mais rápido possível.

Passei minha barba no pescoço de Agatha por mais um momento enquanto puxava sua calcinha. Apoiei minhas mãos na espreguiçadeira e após senti-la úmida em meus dedos e provocá-la por mais um momento, a penetrei, devagar, sentindo-a aos poucos, fazendo-a se acostumar comigo aos poucos. Ambos gememos como se fosse nossa primeira vez juntos. Gemíamos como se a sensação do corpo do outro fosse novidade.

Nossos corpos se encaixavam perfeitamente,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se fôssemos feitos um para o outro. O prazer que eu sentia estando dentro de Agatha era indescritível e surreal.

Eu saía e entrava nela rapidamente, fazendo a espreguiçadeira sair do lugar.

Agatha controlava seu gemido enquanto eu me mexia sem dar um segundo para nós. Nossas respirações estavam irregulares, mas não cansadas. Nós nunca ficávamos cansados do outro.

— Oh! — Agatha cravou suas unhas compridas em meu ombro, em seguida desceu uma delas para minhas costas, arranhando bastante, com certeza deixando marcas.

Ela levou sua outra mão ao meu cabelo e puxou.

— Puta que pariu, Ruiva! — disse entre gemidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris... — Agatha prolongava meu nome enquanto gemia.

Eu grunhi de um jeito um pouco selvagem demais e Agatha riu, sem deixar de gemer e rebolar seu corpo delicioso embaixo do meu.

Mordisquei sua orelha e rocei minha barba por todo seu pescoço, me lembrando que ela sentia cócegas por essa região. Sorri ouvindo Agatha meio gemer, meio rir, em seguida soprei em sua orelha e passei minha língua por ela, dessa vez Agatha parou de rir e senti seu corpo arrepiar.

Eu não parava em nenhum momento de dar fortes estocadas em minha Ruiva, a espreguiçadeira mexia junto, cada vez mais alto e nossos corpos eram uma mistura intensa de suor, espasmos, prazer e pura satisfação.

— Agatha... — Eu não estava muito longe de gozar e ela parecia que também não.

PERIGOSAS ACHERON

Beijei a bochecha de minha Ruiva, sua mão que estava em meu cabelo acariciou minha barba. Eu não sabia como ela conseguia ser tão sensual e ao mesmo tempo tão carinhosa.

Minhas mãos, que antes, passeavam pelo corpo de Agatha, me deram apoio ao lado de sua cabeça. Eu queria vê-la gozar.

Ela me olhava, mesmo aproveitando sua própria onda de prazer ela parecia que me invadia com seu olhar azul. Ela não abandonou o meu olhar em nenhum instante, parecia que sabia que eu não queria que ela fizesse.

Eu senti o orgasmo me abater quase em sincronia com o orgasmo dela. Ainda assim, não deixava de olhar atentamente para Agatha enquanto ela me fitava e deixava sua boca semiaberta para depois morder seu lábio inferior.

Ainda curtindo meu prazer e a visão de

PERIGOSAS ACHERON

Agatha ter o dela, eu me deitei sobre seu corpo, sem tirar meu pênis de dentro dela. Eu queria estender o máximo de tempo possível dentro de minha Ruiva. Era tão bom estar dentro dela. Ela era quente, confortável e se ajustava perfeitamente em mim.

Agatha descansou suas duas mãos em meu cabelo e eu, mesmo sem querer, me retirei de dentro dela, contudo, continuei deitado sobre ela, tentando não pesar muito.

Depois de um tempo na mesma posição, eu saí de cima de Agatha e me deitei ao seu lado, no pouco espaço que era possível. Ela rapidamente descansou sua cabeça em meu peito e eu a abracei.

Agatha estava com sua cabeça exatamente sobre meu coração, e eu sabia que ele estava batendo rápido e irregular. Era sempre assim quando eu estava na presença dela. Meu corpo,

mais precisamente meu coração, não me obedecia. Ele batia quase como se eu tivesse a ponto de ter um infarto a qualquer momento.

Sorri e acariciei o cabelo bagunçado de minha Ruiva. Ela parecia sentir meu sorriso, porque virou sua cabeça para me olhar e o retribuiu.

— Eu senti sua falta. — admiti.

— Eu também — me respondeu, mas havia alguma tristeza em sua voz, como se ela não quisesse ter que admitir que sentiu a minha falta ou que ela não queria tê-la sentido.

No fim, era claro que não perguntaria sobre. Apenas acenei e sorri.

Um passo de cada vez; Pensei.

XV

Agatha

*Benny me olhou com sua
testa franzida, em dúvida.*

— Você vai aceitar a amante de Chris em sua casa? — Ele gesticulou ao redor. — Em nossa casa?

Era fim de tarde e eu já estava em minha casa. Depois de um banho, conversava com Benny em seu quarto sobre algumas mudanças.

— Ela não é a amante, Benny. Pare com isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você pode ter a certeza absoluta que ele não está mentindo para você?

— Eu quero acreditar nele. É de Chris quem estamos falando.

Meu amigo balançou sua cabeça de um lado para o outro.

— Não sei... Desconfio de todos. A amante está com quantos meses mesmo?

— Pare de chamá-la de amante.

— E qual o nome dela?

— Eu não sei, merda!

— Certo. — Acenou. — A amante está com quantos meses mesmo?

Revirei meus olhos.

— Quase seis.

— Então ela estava sem te ver há dois meses

PERIGOSAS ACHERON

ou algo assim?

— Tínhamos terminado — enfatizei. — Se é sobre isso que você está calculando. Não tinha nada de errado nele transar com a menina.

— Claro, também não imaginaria que ele se manteria no celibatário por você... Mas não sei.

— Não sabe o quê? — praticamente gritei.

— Não poderia ter feito com camisinha?

— Vai que a menina se tornou um caso recorrente?

Dessa vez ele me encarou com seus olhos ainda mais arregalados.

— E você está aceitando um caso dele dentro de sua casa! Grávida.

Suspirei.

— Estou tentando ser racional. Por favor, pare de encher a minha cabeça. — Passei as mãos

PERIGOSAS ACHERON

em meu cabelo, tentando respirar fundo e me concentrar na loucura que já tinha aceitado.

— Tudo bem. — Ele bateu sua mão na minha enquanto estávamos sentados na beirada de sua cama. — Eu apoio você nisso.

— Não quer me chamar de louca?

— Você foi louca, baby — confirma minhas suspeitas. — Você nem gosta da ideia de bebês, nem de mulheres grávidas, nem de enjoo, nem de...

— Eu entendi.

Ele riu.

— Mas eu te apoio. Talvez seja mesmo racional conhecê-la...

— Obrigada — sussurrei.

E ele continuou:

— Pensaremos que ela é uma amiga nossa, grávida, que precisa de ajuda. Não alguém que

PERIGOSAS ACHERON

transou com seu Chris sem camisinha e engravidou dele e...

— Benny!

— E sabe como ele é no sexo. Já o beijou. Fez tudo...

— Benny! — Tampei meus ouvidos e bati no ombro dele, o homem só fez rir, me irritando mais.

— Parei! — Me olhou sério, mas em sequência: — Será que ela gemeu o nome dele?

— Benny! — gritei e meu amigo me abraçou, gargalhando.

— Quando conheceremos a amante?

Suspirei e dando-me por vencida, falei:

— Ainda hoje.



Estava arrumando um dos quartos para a garota, com Benny a tiracolo quando ele perguntou:

— E já sabemos a aparência da garota?

— Não, não sabemos.

— Já sabemos a idade?

— Imagino jovem.

— Você é jovem. Eu sou jovem.

Revirei meus olhos.

— Não jovem mais de trinta ou beirando aos quarenta. Jovem vinte e poucos.

— Sou tão jovem quanto ela.

Ri.

— Já sabemos se vamos odiá-la?

— Não vamos.

— Por quê? *Pelo que sabemos*, — ele ironiza

PERIGOSAS NACIONAIS

— ela transou com seu Chris.

— Pare de me lembrar disso. — Novamente passo minhas mãos pelo meu cabelo. — Mas vamos tratá-la bem. Não temos motivo para odiá-la.

— Não? — Riu.

— Benny... De novo?

— Certo, me desculpe. É lógico que não tratarei mal a menina.

— Que bom. — E voltei a arrumar o quarto, trocando os lençóis da cama.

— Então ela não quer ser mãe?

— Não...

— E vai deixar o bebê com Chris?

— Ela não quer abortar.

— Boa menina.

— Por não querer abortar? — questiono.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não entro nesse mérito, apenas no que ela tem atitude para decidir deixar seu filho.

Tentei não suspirar profundamente, no entanto, escapou no momento que eu dobrava outros lençóis.

— O que foi isso?

— O quê? — perguntei.

— Esse suspiro aí.

— Não sei... Não sei se confio que ela deixará mesmo a criança para ele.

— Ela não assinou um documento lá?

— Assinou, segundo Chris. Mas quem me garante que em alguns meses ela não reaparece e diz que quer o bebê ou quer pensão? Com certeza, terá a possibilidade de se julgar, agora, frágil ou vulnerável. Eu sei lá.

— E o que Chris diz sobre isso?

PERIGOSAS ACHERON

— Que confia nela, simplesmente.

— Veremos. — Benny riu e finalmente me ajudou com o quarto.

Em um par de horas, a campainha de minha casa tocou. Eu vestia apenas uma camiseta surrada e preferi colocar um short simples, prendendo meu cabelo, em seguida.

Benny, que vestia apenas uma cueca, vestiu uma bermuda e camiseta e resmungou.

— Na minha própria casa terei regras de vestimentas.

Apenas o encarei e ele levantou seus braços. Caminhou do meu lado enquanto descíamos os degraus. Parei em frente a porta e suspirei. Benny, ao meu lado, segurou minha mão.

— Seja firme — murmurou.

Eu abri a porta e mesmo que Chris sempre

fosse o foco de minha visão, eu, dessa vez, encarei uma menina.

De início, era o que eu pensava. Não poderia ter mais do que vinte e poucos anos. Não beirava aos trinta em nenhum lugar do mundo. Seu cabelo estava preso por traças laterais, a deixando com a aparência ainda mais jovial. Era em um tom de castanho-escuro com mechas aloiradas. Ela parecia um pouco como Júlia. Talvez esse fosse o tipo de Chris. Meninas de seus vinte e poucos anos, loiras, com aparências de meigas, ingênuas.

Engoli em seco, porque não mentiria que internamente eu esperava que ela não fosse atraente. Ela poderia ter algo errado, não podia? Uma falha no cabelo, no dente, na perna? Qualquer coisa que eu, ingenuamente, acreditasse que tinha ‘melhor’ que ela.

Um pensamento horrível. Era verdade. Mas,

PERIGOSAS NACIONAIS

era sincero também o que pensava e não conseguia controlar. Eu queria me sentir melhor que aquela menina para me sentir melhor comigo mesma. Somente assim me tranquilizaria — ou acharia que estava tranquila.

No entanto, a menina não tinha falha em lugar nenhum. Seus olhos eram grandes, em um tom de castanho-escuro como seu cabelo. Podia ter certeza que eles ficariam em um tom claro, se passasse uma fresta de luz.

Sua pele, levemente bronzeada, sem exagero, sem parecer superficial.

Ela sorriu e eu vi o piercing na sua gengiva.

— Prazer, Soraya; mas podem me chamar de Pri.

Sua mão estava estendida e eu a encarei por um momento, Benny quem a pegou na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, Soraya. Sou Benjamin. — Ele não disse que poderia o chamar de Benny, sabia que estava fazendo isso por mim, evitando cordialidade a mais com a garota.

Eu peguei em sua mão em seguida. Era macia, delicada como ela parecia.

— Agatha. — Foi tudo que disse.

— Certo. — Chris sorria. — Não vão nos convidar para entrar? — A alça de uma bolsa estava em seu ombro e ele puxava uma mala com a mesma mão.

Percebi que Chris não tocava nela, a sua mão livre estava dentro de seu bolso e isso me deixava mais confortável. Porém, eles pareciam um casal. Não apenas por ele segurar a bolsa e mala, mas porque simplesmente pareciam. Me perguntava se, algum dia, nós pareceríamos um também — ou se já tínhamos parecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. — Eu sorri, internamente eu confirmava que não os estavam convidando, mas conclui dizendo: — Podem entrar.

Chris colocou a bolsa sobre a mala e a mala em um canto da sala, próximo do sofá. Após isso se aproximou de mim e me deu um frágil beijo em meus lábios. Tentei reparar na reação da menina, mas ela encarava seus próprios pés enquanto tirava seus sapatos.

— Não precisa. — Benny gesticulou para os sapatos dela.

— Que isso, estão sujos. — Ela tinha uma voz fina, não enjoativa e não como uma princesa da Disney, apenas talvez se elas crescessem. — Trouxe pantufas. Trouxe três pares, — Ela olhou para mim e Benny — caso vocês queiram.

Meu amigo franziu seus lábios. Sabia que ele estava segurando seu riso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu adoro pantufas — admitiu e eu o olhei, de cenho franzido, não poderia perdê-lo para a menina que lhe traz pantufas.

Chris me abraçou e eu me distrai com ele e seu cheiro. Sussurrou em meu ouvido:

— Você vai gostar dela.

Acenei, mas não tinha tanta certeza sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

XVI

Christopher

Soraya não era santa.

Nem era uma meiga menina que levava

de presente pantufas. Porém, ela também não era

arrogante ou enjoada. Era o tipo de pessoa que se

tivesse com internet e uma tomada, ela não

desgrudaria de seu celular e não seria nenhuma

perturbação.

Por isso, eu quis que Agatha a conhecesse e tirasse de sua mente que Soraya e eu tínhamos algum nível de caso. Era mesmo irracional para qualquer pessoa uma mulher e um homem dentro da mesma casa, porém, eu mal ficava em minha casa e agora, que ela estaria na casa de Agatha por alguns dias, me sentiria melhor em passar alguns momentos de bobagem em minha própria, coisa que não fazia desde o dia que Soraya apareceu.

Ela não queria ser um aborrecimento para mim, mas eu acreditava que precisava estar do lado dela. Sua barriga parecia crescer muito mais a cada dia e o bebê já chutava. Além de tudo, ela precisava se alimentar bem e ir ao médico. Eu a levava e fazia sua comida, já que ela mal fritava um ovo.

— Você cozinha? — Por coincidência essa

PERIGOSAS NACIONAIS

foi a primeira pergunta que Benny fez a Soraya.

— Nada. — Ela estava sentada no sofá, já calçada com suas pantufas. — Sei fazer sucos.

Agatha riu, mas não falou nada.

— Mas uma que não cozinha! — Benny continuou. — E no que você trabalha?

Agatha e eu preferimos sentar no chão, enquanto Benny estava no sofá.

— Sou modelo.

A Ruiva me olhou e eu dei de ombros.

Seu amigo não foi mais óbvio:

— Claro que é — murmurou. — E continua trabalhando?

— Não, por causa dele... — Inclinou sua cabeça em direção a sua barriga.

— Você se incomoda por estar grávida?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um sentimento conturbado. — Soraya me olhou brevemente. — Eu não quero mal para o bebê, mas também não me sinto mãe.

— Dele? — Agatha murmurou para mim.

— Não, não sabemos o sexo. Mas ela sempre se refere a barriga, como ‘o’ bebê. Logo, ele.

Ela assentiu, mas percebi que evitava ao máximo falar. Em um momento enquanto Soraya conversava com Benny, Agatha se levantou e foi para a cozinha, a segui e a abracei por trás.

— Se for muito difícil para você, eu volto agora com ela.

— Não. — Ela foi firme. — Eu quero que ela fique. — Agatha se virou para me olhar nos olhos e os seus brilhavam. — Eu acho que será pior vê-lo voltar com ela. Minha mente criará histórias demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acenei e segurei seu rosto.

— Só confie em mim. Pense que eu não faria nada para lhe machucar.

— Nem mesmo antes de bater a minha porta?
— ela questionou.

— O quê?

— Nem mesmo antes de bater a minha porta você se envolveu com ela? Já que me disse que ela está em sua casa há mais ou menos um mês.

— Não, Agatha. Nós só tivemos um caso, de uma noite.

— Um caso?

— Sim — a confirmei.

— E nessa única vez você a engravidou?

Suspirei.

— Se você não acredita em mim, eu sinto

PERIGOSAS ACHERON

muito, mas é a verdade.

— Eu já disse que quero acreditar.

— Querer e acreditar são coisas diferentes.

— Mas já é um começo. — Ela se afastou de mim, caminhando em direção a sua geladeira. — Eu preciso me adaptar a essa nova realidade, só isso.

Assenti.

— Tudo bem, não irei te pressionar

E voltei para sala com minha mente distante demais.

Porém, no momento que observei Benny e Soraya na sala, ainda sentados no sofá, eu não sabia se ria ou se me assustava. Eles riam. Na verdade, riam era eufemismo. Eles gargalhavam, ao ponto de se bater um no outro.

— O que aconteceu aqui? — Agatha

sussurrou ao meu lado.

— Eu não faço ideia. — A puxei pela mão.
— Acredito que eles ficarão bem juntos. — E a puxei, subindo os degraus.

Ela não hesitou em me acompanhar, mas parecia um pouco mais rígida.

Em seu quarto, ela se deitou, deixando suas pernas para fora da cama.

— Quero que você conheça meu apartamento — falei. — Você vai adorar...

— Você não me falou nada sobre seu pai. — A Ruiva foi direta.

Suspirei e me sentei na beirada da cama.

— Não há o que falar.

— Como não?

Eu não olhava para ela. Ela não olhava para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não falo com ele há meses. Nós conversamos, afinal ele é meu pai, mas não nos encontramos.

— E sua tia, como vai?

Sorri.

— Mesmo eu tendo passado em Vitória antes de vir para Salvador, ela não para de falar que sempre minha falta.

Agatha ri.

— Você é inesquecível.

— Eu sei. — Me deitei do lado dela e encarei o teto, como ela.

De maneira discreta, encostou sua cabeça em meu ombro.

— Você me odeia, não odeia? — questionei.

— Acho que seria impossível. — Mas ela não falou com humor, parecia triste.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a olhei mudei de opinião. Agatha não parecia triste. Tristeza seria uma melhor expressão. Ela parecia cansada, como quem desiste de uma situação.

Será que está pensando em desistir de mim?
Pensei. *Será que pensa que eu não valho tanto esforço?*

— Você me culpa por isso? — murmurei, minha voz estava sem fôlego.

— Não é isso, Chris...

Me sentei e ela fez o mesmo, também me olhando.

— Então o que é?

Agatha abriu a boca, mas não disse nada. Sendo assim, eu concluí:

— Você me culpa, Você pensa que eu poderia ter evitado.

— Chris, eu tenho mais de trinta e não tenho um filho. Eu consegui evitar.

— Logo, se você conseguiu evitar, eu também deveria...

— Não deveria, conseguiria, sim! — Ela se levantou do sofá e caminhou pelo quarto, sem propósito.

— Mas eu não consegui evitar — digo. — E agora eu serei pai e vou arcar com isso.

— Mas eu não serei mãe!

Franzi meu cenho.

— O que você quer dizer com isso? Que você queria ser?

— Não, — ela praticamente gritou — que eu não serei, que você sim, não eu.

Eu acenei.

— Ótimo, Agatha! O “problema” não é seu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu entendi. Por que não falou isso antes para que eu nem sequer a trouxesse para a sua casa, porra? — Me virei de costas, a ponto de sair do quarto e levar Soraya embora, ela não precisava passar por isso em estar em uma casa onde não era bem recebida, ainda mais, grávida de meu filho.

— Não! — Agatha segurou meu braço e eu parei de caminhar, a olhando. — Eu quero que ela permaneça aqui por alguns dias. Acho que será bom para Benny também.

— Ótimo... agora você está dizendo que Soraya servirá de distração para seu amigo?

— Merda, *nosso* amigo, porra! — soltou — E sim, é tão mal assim eu pensar que ele precisa se distrair? Ele não quer aceitar uma enfermeira, mas talvez, com ela, aceite e mesmo que não aceite, ao menos sua mente fugirá da ideia de que ele tem câncer a todo o momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer isso para ele ou para você? —
questionei puxando meu braço para mim — É você
ou ele quem precisa de uma distração para não
pensar no câncer?

Ela fechou seus olhos por um momento e
respirou fundo.

— Por favor, a deixe por alguns dias. Só isso
que te peço.

— Se ela me ligar...

Não precisei completar, já que ela mesma
falou:

— Você pode vim buscá-la quando quiser.
Ela não terá reclamações sobre mim, eu prometo.

Eu acenei. Confiava em Agatha.
Diferentemente do sentimento dela para mim, eu
confiava nela completamente. Não diria cegamente,
mas diria que não tinha dúvidas sobre o seu caráter.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com isso, se ela falava que Soraya não teria reclamações sobre ela, Soraya não teria.

PERIGOSAS ACHERON

XVII

Agatha

*Eu pensei em não ir
trabalhar no dia seguinte, mas* fui.

Precisava fazer minha mente distrair.

— Está tudo bem, Victoria? — perguntei assim que cheguei à agência.

— Sim, sim, senhora. — Mas sua expressão dizia outra coisa.

Ela estava sentada, se escondendo atrás da

tela de seu computador. Sua cabeça apenas tinha levantando para me cumprimentar, mas seus olhos pareciam marejados.

— Tem certeza?

Minha secretária sorriu.

— Tenho. Desculpe te preocupar.

Às vezes ela era tão boa que me assustava.

— Não precisa se desculpar — murmurei e entrei em minha sala, fechando a porta atrás de mim.

Não tinha ido para a agência tão cedo, sendo assim, não pensei que incomodaria ao ligar para ele. Deixei minha bolsa sobre um sofá e tirei meus saltos, caminhando pela sala com meu celular grudado ao meu ouvido.

— Alô?

— O que seu irmão fez a minha secretária?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Soltei de uma vez.

— Meu irmão? Secretária? Que porra?

— Vamos, Ian, não se faça de desentendido.

— Uriel? Vicky?

— Isso — disse. — Que eu saiba só Uriel está com minha secretária.

Ele riu.

— Bom dia para você também.

— Adiante — fui ríspida e não me importava.

— Nada, meu irmão é o melhor.

— Você não o está defendendo?

— Não. Eu juro que ficaria do lado de Vicky se ele tivesse sido um sacana. — Pausou por um momento, mas logo continuou: — Será que não foi apenas uma briguinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, a minha secretária não é frágil assim.

— E me lembrei: — A única vez que ela demonstrou algo parecido com um choro foi quando Benny foi diagnosticado com câncer.

— E ele como está?

— Bem... — Bati minha mão em minha testa. — Ah... merda!

— O quê?

— É provável que Benny tenha ligado para ela. Ela sempre fica sensível com isso.

Ian riu.

— Benny fazendo alguém chorar?

— Pois é.

— E como estão as coisas?

— Ian, não tem tantos dias assim que não nos vemos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele riu.

— Eu sei, mas agora a situação mudou um pouco...

Me sentei em minha cadeira e a girei, como uma criança. Era claro que Chris tinha conversado com ele.

— É.

— E como está?

— Passei a noite trancada em meu quarto, acordei cedo e fiquei ziguezagueando na rua até chegar a agência.

— Não duvido.

— Não duvide — rebati.

— Então você ainda não teve contato com Soraya?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Terá?

— Não tenho certeza.

Eu estava preste a me despedir, quando ele falou:

— Ele ficaria com você.

— O quê?

— Chris ficaria com você se você estivesse grávida.

— Mas eu não estou para você ter certeza disso — avisei.

— Ele aceitou que Soraya, uma total desconhecida, ficasse alguns dias em sua casa até ter o resultado do teste de DNA. Você acha que ele te dispensaria?

Repeti:

— Mas eu não estou para você ter certeza disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu tenho certeza sem você precisar estar grávida — ele enfatizou. — Ele ficaria do seu lado, ele te apoiaria. Ele cuidou de Soraya mesmo sem ter certeza da paternidade, depois, continuou cuidando e aceitou a decisão dela.

Seria tão fácil parar de ouvi-lo. Seria tão fácil desligar a chamada. No entanto, eu mantivesse o celular grudado a minha orelha.

— Merdas acontecem, Agatha — falou. — Digo, sobre não usar camisinha, mas agora ele terá um filho... E ele será o melhor pai possível.

— Eu sei disso — sussurrei. — Eu sei. Eu só não sei se eu estou preparada para isso.

— Eu posso ser ainda mais sincero?

— Seja, Ian.

— Se você não consegue lidar com isso, é melhor você se afastar.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli em seco, porque sabia que era a verdade.

— Eu... eu preciso desligar.

— Tudo bem — ele falou, — e me desculpe se eu fui rude.

— Não se desculpe — disse antes de desligar a chamada.

Encarei meu celular por um longo momento. Ele tinha razão. Era a mesma coisa que Chris já tinha me dito. Que eu não precisava ter esse “problema”, mas que se eu quisesse permanecer com ele, precisaria.

Eu não sabia se aguentava uma mulher grávida do homem ao qual eu era apaixonada. Mas, havia uma outra questão que Ian estava certo, mesmo que eu não estivesse grávida para ter a certeza absoluta, Chris ficaria do meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele aceitaria meu bebê, mesmo sendo filho de um outro homem. Ele me aceitaria completamente. Mas eu não sabia se conseguia aceitá-lo.

Engoli em seco e me levantei da cadeira, com o celular ainda em minhas mãos. Não esqueci de pegar minha bolsa no meio do caminho e assim que sai de minha sala, Victoria continuava com a mesma expressão triste.

— Agora é sério — falei. — Preciso saber o que está acontecendo com você.

— Não é nada.

— Victoria!

Ela suspirou e se deu por vencida quando me respondeu:

— É Benjamin. Ele me fala algumas coisas que me fazem rir e chorar ao mesmo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que ele disse? — Eu sabia que às vezes ele ligava para conversar com ela, fosse para saber sobre o trabalho enquanto eu não contava nada ou para falar de si mesmo, sendo assim, não estranhava ela falar sobre ele, apenas ela se referir a ele, comigo, como Benjamin.

— Sobre a vida — ela foi vaga e entendi que era algo privado ou ela simplesmente não queria me falar sobre.

Acenei.

— Ele filosofa com você?

Ela deu de ombros.

— Às vezes.

— Benny te ligou quando?

— Hoje, senhora.

— Venha. — Gesticulei para ela se levantar.

— Vamos para minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? Algum problema?

— Se Benny te ligou filosofando ele só pode estar mal.

Victoria desligou seu computador e se levantou, já com seu celular em mãos.

— Posso reagendar tudo para amanhã?

— Ou hoje, a partir das quatro horas da tarde. Vou estender meu expediente apenas hoje.

— Certo, senhora.

PERIGOSAS ACHERON

XVIII

Christopher

*Encarei meu celular, mas
ninguém me ligava.*

— Relaxe, homem! — Ian me falou em um fim de tarde.

— Soraya disse que me ligaria.

— Se ela não ligou ainda, é porque nada aconteceu. — Ele estava em minha casa, já que estava se sentindo entediado na sua sem Júlia que tinha ido viajar para Vitória para organizar algumas

coisas.

Acreditava que ela moraria, em poucos dias, de vez em Salvador.

— É, é verdade. — comentei me deitando em meu sofá.

Ian estava em um canto no chão. Não entendia porque a maioria das pessoas que eu conhecia, inclusive eu, acabávamos sentados no chão.

— Você não tem que trabalhar ou algo assim? — perguntei para Ian.

— Calma porra, estou fazendo meu espaço.

— Significa que você não fez porra nenhuma hoje?

— Não é isso. — Ele me encarou, sabia que me chutaria se estivesse perto, mas, felizmente, a minha casa já não era tão apertada assim. — Muitas

peçoas que dou aula preferem fazer academia pela manhã, então fico livre por volta das três... São exatamente cinco agora. Me deixe descansar em paz.

Eu ri.

— “Dou aula”. Você é personal, não professor. — Eu completaria com um *se coloque em seu lugar*, mas já ria.

— Não posso dizer que dou aula?

— Se tivesse feito uma licenciatura, talvez.

— Preconceito da porra. Personal é menos professor?

Dessa vez, eu gargalhei.

— Com certeza, é menos.

Ele bufou, mas admitiu.

— Tá, tá. Até porque se eu fosse médico como Júlia, não ia querer que um educador físico se

PERIGOSAS ACHERON

chamasse de “doutor”.

— Sei lá, — Dei de ombros. — já que se você fizer, um dia, um doutorado, você é um doutor.

— Dr. Prof. Ian — Ele riu, — gostei.

— Só será professor com uma licenciatura.

— Mas será que se eu fizer mestrado já não posso dar aula?

— Eu sei lá. Nunca nem fiz faculdade — brinquei.

Ele riu.

— É verdade. — E, do nada, completou: — Sabia que um dentista é doutor nos Estados Unidos? Odontologia é uma área da medicina lá.

— Eu nem sabia que dentista não era um doutor aqui.

Ian gargalhou e meu celular finalmente
PERIGOSAS ACHERON

tocou.

Era uma mensagem. Simples e direta de Soraya.

— O que foi? — Ian perguntou enquanto me viu encarando a tela do celular.

— Tudo bem.

— Tudo bem o quê?

— Tudo bem. Foi o que Soraya me mandou na mensagem.

— E está com essa cara por quê?

— Você acha mesmo que está tudo? — eu questionei.

— Ela disse que está, não disse?

— Mas pode não estar.

— Puta que pariu, Chris. Ela diria que não está bem, se não estivesse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco.

— Eu não sei... Não estou com uma impressão boa.

— Eu também não estaria — Ian murmurou.

— Por quê?

Ele me encarou, rindo.

— Chris, há duas mulheres que se relacionaram com você na mesma casa. Em que universo isso daria certo?

— Não é bem assim.

— Como não?

— Às vezes, mesmo que tenhamos tido algum envolvimento com alguém, é possível construir uma nova relação.

— Falou bonito apenas para dizer que você pode ser amigo de sua ex?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quase isso. — Riu.

— Não poderei discordar, já que você e Júlia são amigos.

— Pois é.

— Mas que é estranho, é.

— É estranho nós sermos amigos?

— Estranho vocês conseguirem.

Eu continuei rindo e segurando o celular.

— Vou perguntar se ela está bem mesmo.

— Não... Não. — Ele pegou o celular de minha mão. — Deixe isso para lá. Vamos para a academia.

— Por quê?

— Socializar. Espairar. Malhar porra!

Balancei minha cabeça, mas finalmente me levantei. Precisava mesmo deixar a situação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Soraya-Agatha, Agatha-Soraya e bebê um pouco de lado.

No entanto, o próprio Ian foi o primeiro a trazer tudo que eu não queria pensar à tona.

— Já contou para seu pai?

— O quê? — Eu me deitei no tatame para fazer abdominais e nem via onde estava Ian, apenas reconhecia sua voz e como era noite, a academia não estava com seu som tão alto.

— Sobre você ser pai.

— Futuro pai — o corriji. — Não, não falei e não irei.

— Por quê? Queira ou não, ele é seu pai.

— Não, Ian. — Eu estava fazendo a minha longa série de cem abdominais com uma pausa, mas respondê-lo, fazia minha respiração entrecortar. — Eu quero fazer tudo isso sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou decorar o quarto com minhas próprias mãos e gastar o meu próprio dinheiro.

Não o vi, mas se visse, tinha certeza que ele estava acenando.

— Vou te ajudar.

— Eu sei. Já estava contando com você. —
Ri e mudei de assunto.

Não era que eu não queria que meu pai visse meu futuro filho, seu primeiro e único neto legítimo, era apenas que *agora*, não.

PERIGOSAS ACHERON

XIX

Agatha

*Dirigi no limite, mas não
conseguia tirar minha cabeça de
Benny.*

— Ele deve estar bem. — Victoria parecia saber o que eu pensava.

— Benny tem essa mania de escrever quando está mal. Seja fisicamente ou psicologicamente — admiti. — Ele não quer falar comigo sobre o que

está sentindo. Nunca quer me preocupar e, no fim, eu me preocupo ainda mais.

Suspirei. Não estava falando sobre isso com ninguém, não queria sobrecarregar ninguém com os meus sentimentos e nem queria que ninguém soubesse que eu estava como estava. Preferia que achassem que tudo estava bem e que eu era forte o suficiente para não me preocupar com nada.

Engoli em seco e percebi que meus nós dos dedos estavam ainda mais brancos pela forma como eu segurava o volante.

Mas, internamente, eu sabia que a minha força não estava entrelaçada com o fato de eu não me preocupar com nada. Na verdade, isso seria insensibilidade. E eu estava cansada de fingir que era insensível. Eu sentia. E agora eu sentia muito de tudo, principalmente por Benny.

— Ele vai passar por isso. — Victoria

segurou meu pulso com sua mão fina, tão delicada que mesmo sem se mexer parecia uma carícia.

— Eu não sei como seria a minha vida sem ele. — Eu não aguentava mais fingir que estava segurando o mundo inteiro. Na verdade, eu estava desmoronando, aos poucos. — Eu não sei, Victoria!

— Você não vai precisar saber! — Ela falava o que eu queria ouvir. — Tenho certeza que vocês dois estarão velhinhos um ao lado do outro.

Meus olhos estavam marejados.

— Eu acho que estou sendo tão egoísta. Eu não consigo parar de pensar em como eu vou ficar sem ele e não como ele está.

Conseguia dirigir com normalidade, mas meus olhos ardiam como

— É normal, Agatha. Apenas ter consciência

PERIGOSAS NACIONAIS

disso já quer dizer muita coisa. Você não é egoísta. Você está sofrendo.

Estacionei a minha Mercedes e respirei fundo, tentando conter as lágrimas que rolavam dos meus olhos. Victoria não me julgava. Nunca parei para pensar em como ela reagiria em uma situação dessas, porque nunca achei que eu estaria em uma situação dessas. Porém, agora, pensando, eu supunha que ela ficaria tímida, mas, ela desafivelou seu cinto e me puxou para um abraço.

O meu cinto ainda estava entre nós e o retirei, aceitando o abraço dela. Victoria não falou nada, nem eu. Eu apenas deixei as lágrimas rolarem por um momento.



PERIGOSAS ACHERON

Cheguei em minha casa em menos de meia hora. Assim que abri a porta olhei de um lado para o outro e não encontrei nada incomum. Deixei minha bolsa sobre o sofá e meus saltos na sala. Com Victoria ao meu lado subi as escadas e segui direto para o quarto de Benny.

Quando a porta foi aberta, estranhei. Ele também não estava no quarto, mas, logo em seguida, ouvi um barulho vindo do banheiro. Corri para ele, escancarando a porta que já estava entreaberta.

Não tive muito tempo para registrar a cena. Benny vomitava no vaso e a menina, Soraya, vomitava dentro do box.

— Meu Deus! — Victoria falou e felizmente foi mais rápida que eu enquanto se ajoelhou para ajudar Soraya.

Eu me ajoelhei ao lado de Benny de um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

modo retardatário e tomei em seu cabelo.

— O que houve?

Ele me encarou depois de cuspir no vaso.

— Eu comecei a vomitar e Soraya, aparentemente, tem um estômago fraco.

— Claro. — Acenei, não sabia se ria ou se chorava. — Ela vomitou após você vomitar.

— Exatamente. — Soraya quem confirmou, sentada para fora do boxe, depois de a ajuda de Victoria.

Seu vomito descia pelo ralo do banheiro. Felizmente, eu tinha trocado todos os ralos, deixando-os maiores do que os tamanhos convencionais para que o cabelo descesse de uma vez e não se transformasse em um bolo maldito.

Victoria não teve nojo em se inclinar no boxe e abrir o chuveiro, deixando o vomito desaparecer

PERIGOSAS ACHERON

com a água. Benny fechou a tampa do vaso e eu dei descarga quando ele se sentou no chão.

O banheiro não era muito grande, mas o suficiente para quatro pessoas sentarem no chão sem suas pernas se esbarrem *demais* umas nas outras.

Eu me sentei entre Benny e Soraya. Ele encostado no vaso sanitário; eu, meio inclinada no vidro do box e meio na parede; ela, com as costas grudadas no vidro e suas pernas encostadas nas minhas.

— Vocês estão bem? — perguntei olhando de Benny para a menina e da menina para Benny.
— Quer que eu os leve para o hospital?

— Não — Soraya foi a primeira a responder.
— Não quero ir para o hospital mais do que o necessário.

— Também, baby. — Benny colocou uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão em minha perna. — Eu só quero tentar cochilar um pouco.

Suspirei.

— Mas, se amanhã um de vocês dois passarem mal, irão para o hospital — falei. — Com o consentimento ou não.

— Tudo bem. — Benny sorriu para mim.

— Tudo bem para mim também — a menina confirmou.

— Victoria, — Olhei para a minha secretária. — ajude Benny.

Ela não hesitou em se levantar e ajudar meu amigo a lavar seu rosto e se deitar. Por um momento ficamos apenas Soraya e eu no banheiro.

— Você está se sentindo bem mesmo? — questionei.

Ela acenou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou bem... De verdade. — E riu. — Mas não consegui me segurar quando ele começou a vomitar.

Me levantei e a ajudei em seguida.

— Eu também tenho um sério problema com vomito alheio, mas acho que é pior com sangue.

— Eu detesto sangue.

Parei atrás dela na pia e quando percebi que ela estava estável o suficiente a soltei, deixando-a escovar seus dentes e lavar seu rosto em paz. Havia uma escova ainda na embalagem sobre a pia que ela usou.

— Sangue é péssimo. — Fiquei parada entre o quarto e o banheiro.

— O pior é que eu aguento ver qualquer cena pesada — comentou. — Um dia vi um homem morto na estrada. Nem hesitei.

PERIGOSAS ACHERON

Ela tinha um humor negro estranhíssimo, mas ri.

— Eu também não tenho problema em ver mortes, mas sangue? Uma gota alheia é o suficiente para eu ter enjoo.

Soraya lavou seu rosto por uma segunda vez e saiu do banheiro.

Finalmente percebi que tanto Benny quanto Soraya estavam seminus. Benny apenas com uma bermuda e Soraya vestia um sutiã de pano e uma saia de pano que terminava acima de seus joelhos.

Sua barriga estava nua e eu poderia dizer que não estava bonita, porém, u mentiria. A menina parecia que nasceu para ser mãe — ao menos, grávida. Seu corpo continuava magro, ela não parecia ter engordado mais de dez quilos com a gravidez. Sua barriga estava lindíssima.

Eu imaginava que as grávidas não gostavam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que qualquer um tocassem em suas barrigas, afinal, ela não era uma propriedade pública, no entanto, eu estava com vontade de tocá-la.

Benny se deitou em sua cama e cobriu seu rosto com seu braço. Victoria se sentou apenas da beirada.

— Aceitava até uma ressaca hoje!

Soraya riu e se deitou do lado de Benny.

— Vocês estão mesmo bem? — perguntei pela milésima vez.

Soraya riu ainda mais. Notei que ela só fazia rir.

— Nós vomitamos como amigos que dão risada dá risada do outro.

Eu revirei meus olhos.

— Ele vomitou, você vomitou, ele vomitou porque você vomitou — comentei, entrando na

PERIGOSAS ACHERON

brincadeira.

— Exatamente! — Benny gargalhou.

Eu me dei por vencida e me sentei na beirada aposta a que Victoria estava. Suspirei e deitei minha cabeça nas pernas de Soraya. Meu dia estava cada vez mais estranho, no fim, em vez de chorar, eu ri.

XX

Christopher

Deixei passar alguns dias sem ver Agatha ou Soraya, falei apenas pelo celular com as duas. Eu estava tentando relaxar com a situação, mas precisa vê-las.

Liguei para Agatha que me atendeu no terceiro ou quarto toque.

— Como está?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sorri.

— Bem... E você?

— Bem.

— Aconteceu alguma coisa que eu precise saber?

— Não. Nada.

— Soraya só me diz que está bem — comentei.

— Mas ela está.

— Só isso? Nenhum enjoo, nenhum desejo?

— Nada que você tenha que se preocupar.

— Então houve?

— Não, Chris. Está tudo bem.

— Certo. — Acenei, mesmo que ela não visse. — Daqui a alguns minutos vou pegá-la para uma consulta, certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu posso levá-la.

— De verdade?

— Sim.

— Agatha...

— De verdade Chris, posso levá-la.

— Nos encontramos no hospital — disse, não deixando margens para que ela pensasse que não iria aparecer.



— Seis meses — falei, um tanto quanto estupefato enquanto saíamos do hospital.

Toquei na barriga de Soraya que tinha me avisado que ele estava chutado.

— De tanto que vocês falam sobre “ele” —

PERIGOSAS ACHERON

Agatha começou. — tenho a ligeira impressão que nascerá uma menina.

Eu ri.

— Para mim, tanto faz. Já sabemos que ele está saudável.

— Isso é verdade. — Ela andava em meu lado esquerdo enquanto Soraya estava em meu direito.

Como sempre, Soraya parecia alheia àquele assunto. Eu sabia que ela se importava com a saúde da criança e com a sua, era claro. No entanto, ela não demonstrava nenhuma intenção de tentar descobrir o sexo — ou sequer se importar.

Eu tocava em sua barriga coberta e ela deixava, mas a própria não a tocava, a não ser que fosse com a intenção de a segurar pela dificuldade que tinha de se mexer. Às vezes, eu tinha medo de que ela achasse que aquele bebê era um fardo ou

PERIGOSAS ACHERON

que, após dar à luz, sofresse de depressão pós-parto, por isso, eu tentava animá-la, nunca focando o assunto apenas sobre o bebê.

— Já pensa em um nome? — Agatha falou comigo e era estranho não incluir Soraya nessa equação, porém, era melhor assim.

Eu seria um pai solteiro. Essa criança não teria nenhuma mãe no documento. Só eu. E isso teria que ser o suficiente já que era o máximo que eu poderia dar.

— Para menino, sim. Para menina, não faço ideia. — E a olhei, dando de ombros. — Deixo para você escolher.

Eu acompanhei cada ação dela. Primeiro, Agatha sorriu como se não fosse grande coisa. Depois, ela franziu seu cenho. Ela até mesmo parou de andar por um segundo, antes de balançar sua cabeça e seguir adiante, como se não tivesse me

ouvido bem.

Foi uma melhor reação do que eu imaginava. Eu não sabia o que esperar do futuro. Todo dia eu pensava que Agatha me deixaria. Ela nunca comentou de filhos comigo. Eu supunha que eu nem gostava de crianças. Sendo assim, aqui estava eu, a forçando em uma situação da qual ela não queria estar.

Porém, eu a deixava ir. Ela aceitou manter Soraya alguns dias em sua casa. Eu a levaria em um piscar de olhos se ela pedisse, mas, hoje, eu via que ela mantinha algum cuidado sobre Soraya, não a olhava com desprezo e melhor: não tentava fingir que ela não estava presente.

Eu poderia dizer, com todas as letras, que Agatha estava se tornando mais sensível. Eu amava cada pedaço de sua sensibilidade ainda camuflada com seu jeito impassível, inalcançável.

Eu... amava.

— Em que carro eu vou? — Soraya perguntou.

— O meu. — Gesticulei para o meu carro, queria conversar um pouco com ela antes de levá-la para a casa de Agatha.

— Eu sei o que você está fazendo, Chris. — Agatha me encarou e deixamos que Soraya andasse a nossa frente.

— O quê? — Coloquei uma mão sobre meu coração.

— Você está querendo conversar com ela longe de mim.

— Não é nada disso...

Ela colocou suas mãos em sua cintura e arqueou uma sobrancelha. Seu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo e seus olhos

pareciam mais escuros.

A calça que vestia se ajustava perfeitamente em seu corpo, a abraçando, a agarrando como eu gostaria de estar. Sua camisa de mangas curtas tinha um tom de azul, parecido com seus olhos.

— Você não confia em mim? — Eu demorei para entender o que os seus lábios diziam, estava apenas o admirando.

— Confio — disse, lentamente. — Só preciso conversar com ela também.

Minha Ruiva suspirou e antes que se virasse no caminho de seu carro, eu segurei seu pulso e me aproximei. Passei meu nariz pelo seu pescoço e subi por ele, aspirando o seu cheiro no percurso. Grudei minha boca em sua orelha.

— Precisamos ficar a sós.

— Quer conversar comigo também? — ela

pirraçou.

— Não, com você nada de conversa.

Seu riso foi fraco, mas delicioso, do tipo que sabia que provocava, dilacerava, destruía.

XXI

Agatha

Chris prometeu que passaria alguns dias sem aparecer. Foi um pedido, subliminar, meu. Eu precisava que ele se afastasse por um momento para eu me conectar a menina.

Não era que eu queria ser amiga dela. Não

era que eu queria gostar dela. Era apenas que eu precisava confiar nela, como Chris demonstrava confiar. E, confiar nela com ele ao lado, seria complicado. Seria como ler um livro com apenas um ponto de vista. Eu nunca saberia o que estava acontecendo com os outros e o que os outros sentiam, apenas o que o protagonista imaginava.

Sendo assim, eu precisava afastá-lo para ter a minha própria visão e opinião sobre ela. Sem falso moralismo, sem exagero.

Estávamos sentadas no sofá, assistindo a um filme que Benny tinha escolhido, no entanto, meu amigo já dormia sobre as almofadas no chão, com a boca aberta, babando.

Soraya riu baixinho enquanto encarava Benny e comentou:

— Ele parece bem.

— Sim, acho que sim... — Me consertei: —

PERIGOSAS NACIONAIS

Espero que sim.

— Câncer é uma vadia — ela falou.

— A pior — concordei.

— Eu perdi a minha mãe para ele. Leucemia.

— Sinto muito — falei o clichê. — Posso te perguntar uma coisa bem pessoal?

Ela me encarou.

— Você pode me perguntar qualquer coisa, apenas não espere que eu responda tudo.

Eu sorri.

— Justo. Eu pergunto e você decide se responde. Certo?

— Certíssimo.

— É por causa de sua mãe que você não quer ser uma?

Soraya nem hesitou.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu seria uma ótima mãe. Eu só não quero. Não agora. Não é o momento da minha vida. Essa criança não merece a minha falta de amor e dedicação.

— Como você já sabe que não a amará e não será dedicada?

— Quando minha mãe morreu eu tinha uns dez anos. Ela me falava sobre a sua gestação. Agatha, ela falava suspirando, como se estar grávida fosse incrível, como se houvesse sido a melhor fase da vida dela. Meu pai é um ótimo pai e imagino que sempre foi um bom marido, o que ajudou, mas... Eu não sinto um terço do que ela dizia sentir.

Soraya olhou para Benny, mas quando percebeu que ele continuava dormindo, continuou falando:

— E eu não quero sentir. Eu não quero ser

PERIGOSAS ACHERON

mãe agora. É tão horrível assim?

Deixei o ar escapar de meus lábios.

— Não, não é.

— Isso é o que você verdadeiramente pensa?

— Sinceramente, Soraya? — A encarei. — Agora, é. Estou cansada de desconfiar de tudo. — Eu poderia estar me abrindo para ela, porém, eu continuava sendo exatamente quem era e não me interessava que ela estava grávida quando completei, encarando-a em seus olhos. — Mas, se você voltar, quando o bebê já for uma criança crescida, eu juro, que acabo com a sua carreira e qualquer coisa que você tenha construído. Quando você for embora, você terá que ir de vez. Está me entendendo?

Ela pareceu engolir em seco.

— Eu vou de uma vez. Confie em mim. Eu

não reaparecerei.

— Você tem todo o direito de ficar com essa criança, se quiser. Tem todo o direito de vê-la por vários dias da semana, se quiser. Mas se abdicar disso, você não terá nada.

— Eu não quero nada.

— Você assinou alguns papéis, não é?

— Assinei. Você pode pedir para Chris para ver.

Acenei.

— Eu não tenho nada contra você, Soraya. Também não quero ter.

— Eu entendo, Agatha. Eu realmente entendo você. — Ela sorriu. — Você ainda nem é mãe, mas já está defendendo a sua cria. Exatamente como a minha mãe faria.

Não a respondi. Não sabia o que dizer, afinal,

PERIGOSAS NACIONAIS

não estava dizendo aquilo pelo bebê. Era por Chris. Eu estava pensando em Chris.

Soraya fez uma careta, enrugando seu nariz.

— O que houve? — questionei, me aproximando ainda mais dela.

— Desejo. — Ela me encarou, como se estivesse com vergonha.

— Você só está falando isso para eu sair desesperada para comprar o que você deseja, é isso?

Ela sorriu.

— Gostaria. Mas estou com essa vontade maldita de comer abacaxi.

— Eu tenho abacaxi. — E, por isso, não precisei ir para nenhum lugar para comprar nada, apenas descasquei um abacaxi, às mais de meia-noite.

PERIGOSAS ACHERON



— Oi. — Eu sorri, encarando Chris que já tirava sua camisa e caminhava em minha direção.

— Olá, senhorita.

Ele me pegou pela nuca, me puxando em sua direção, grudando meu corpo com o dele, chupando meu lábio inferior.

Benny tinha puxado Soraya para irem a casa vizinha, fazer sabe-se lá o quê. Eu não quis saber, não me interessava, apenas que eles deixassem a mim e Chris um pouco a sós, como precisávamos ficar.

— Eles vão demorar? — Chris questionou em minha orelha.

— Por mim, passariam a noite fora.

Eu já me sentia como se houvesse um bebê na casa e que estávamos com medo dele acordar, chorando, desesperado. Eu estava tentando aguentar essa situação. Eu estava tentando não me desesperar.

Especificamente hoje, eu estava melhor do que em qualquer outro dia. Especificamente hoje, eu estava bem.

Não pensava no bebê que viria. Não pensava na doença de Benny. Não pensava em Soraya.

Pensava em mim. Pensava em Chris. Pensava em nós.

O beijei, como se minha vida dependesse disso. O beijei, como se estivesse desesperada por isso. O beijei, querendo dizer mais do que realmente dizia.

Eu estava completamente entregue a ele. Passei uma de minhas mãos em sua nuca, sentido
PERIGOSAS ACHERON

seu cabelo liso embaraçar um pouco entre meus dedos.

Dessa vez o beijo de Christopher foi calmo, mas com a mesma paixão de sempre; desejo de sempre.

Ele puxou minha camisa para fora de meu corpo e encarou a minha cintura para baixo. Eu vestia uma calça e usava saltos discretos. Chris umedeceu seus lábios e abriu a minha braguilha, puxando minha calça para o chão.

— Não quer tirar uma foto? — brinquei quando ele me encarou apenas de lingerie e salto.

— Posso? — Seus olhos âmbar, escuros, me encararam brilhando e ele parecia um menino, daquele seu jeito de sempre de moleque-homem, homem-moleque.

Era lindo. Christopher Tyler era um homem tão lindo, tão gostoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é perfeita. — Ele beijou meus seios enquanto tirava meu sutiã.

Eu não me sentia linda — muito menos perfeita — mas ele me fazia sentir. Durante esse período Benny doente e Benny no hospital, eu não me cuidava tanto quanto antes. Achava que tinha engordado, mas não queria encarar uma balança. Percebia o peso de meus seios mais para baixo, junto com a minha bunda. Via as marcas de minha pele com mais saliência e exibição do que nunca antes...

Porém, Chris falava que eu estava linda. E não era porque ele falava que eu acreditava. Era porque ele acreditava que eu acreditava. Era porque seus olhos brilhavam que eu acreditava. Era porque ele me fazia sentir amada e quando eu me sentia amada, eu não me importava com números, com marcas, com idade.

PERIGOSAS ACHERON

Em um piscar de olhos, eu estava sem minha calcinha, mas ainda calçava meus saltos. Ele me empurrou com cuidado para a cama e retirou a sua própria roupa.

Antes que Christopher ficasse em cima de mim, eu me pus em cima dele, fazendo nós dois rimos, porque ele era bem mais forte que eu, e quando eu o empurrei para ele ficar deitado embaixo, nenhum milímetro dele saiu do lugar. Ele enfim me obedeceu, deixando-me montar dele.

— Ruiva, Ruiva. — Christopher brincou e colocou suas mãos em meus quadris.

Com um movimento rápido coloquei seu pênis em minha entrada e parei, fazendo Christopher mexer seus quadris atrás de mais. Bati em seu ombro para ele parar e rindo ele obedeceu novamente. Devagar, como ele fez comigo, fui deixando ele entrar, sentido cada centímetro dele

em mim.

Meu corpo já o esperava. Já o queria. Já o desejava.

Coloquei minhas mãos em seus ombros e fui me mexendo aos poucos. Ele não tirava suas próprias mãos de meu quadril e tentava decidir nosso ritmo, mas eu batia em seu ombro e ele parava, rindo e gemendo.

Soltei um longo suspiro quando senti que já tinha o máximo dele dentro de mim naquela posição, mas eu sentia que havia mais e eu queria tudo dele. Comecei a rebolar em cima de Chris e ele gemeu forte. Um gemido rouco irresistível que me fez gemer também.

Abaixei mais meu corpo, deixando meus mamilos roçarem seu peito, e minha boca tocando seu pescoço. Me mexi para frente e para trás fazendo a cama ranger ao sair um pouco de lugar.

— Agatha! — sua voz era irresistível fazendo meu corpo inteiro estremecer.

Christopher me segurou pelo cabelo, tirando ele de seu rosto e eu lambi seu pescoço, sentindo seu gosto e cheiro viril, salgado de suor. Ele estremeceu por causa de minha língua e eu aproveitei a deixa e mordi seu pescoço, sabendo que meu ato deixaria marcas. E essa era a minha intenção: deixar marcas visíveis em Christopher.

Enquanto eu mordida seu pescoço, sentia a sua barba roçar de leve meu rosto, me fazendo estremecer.

Cravei minhas unhas em seu ombro e ele apertou meu quadril levemente, ao mesmo tempo que puxava meu cabelo, trazendo meu rosto ao dele e me beijando.

Eu desacelerei quando senti a língua fria de Chris em minha boca, tocando e excitando a minha

PERIGOSAS ACHERON

própria língua.

Chris não deixou nosso ritmo morrer, ele levantou um pouco meu quadril e meteu fundo, duro e rápido em mim, me fazendo gemer em sua boca de surpresa e de puro prazer.

Me afastei de sua boca e ainda com minhas mãos em seus ombros o apertei um pouco mais, e em seguida as pus na lateral de sua cabeça, me dando estabilidade para assumir o ritmo, fazendo Chris parar de se mexer e me deixar fazer o que quisesse. Eu estava adorando a liberdade que ele me dava. Ele não se importava em me dar espaço, ele simplesmente dava, sem tentar assumir como um Neandertal faria.

Gememos juntos quando meu ritmo se intensificou. Fiquei sentada em Chris, com minhas mãos agora em seu abdômen, se eu estava pesando ou doendo nele, ele não se pronunciou. Eu

acelerava mais e mais.

Eu estava cavalgando em Chris sem nenhuma inibição, enquanto meus seios saltitavam com meu ritmo constante. As mãos dele, que estavam agora espalhadas no lençol de sua cama, vieram para meus seios, apalpando eles de uma forma maravilhosa.

— Chris! — gemi alto.

Joguei minha cabeça para trás, sem diminuir meu ritmo e me deixei levar sentindo cada centímetro do membro de Chris me preencher e foder com meu corpo e mente.

— Agatha! — Chris gemeu meu nome com aquela sua voz rouca, e inacreditavelmente eu senti meu corpo esquentar ainda mais. — Foda-se mulher! Você é perfeita! Perfeita!

Seus olhos entravam em mim. Só seu olhar já fodia meu sistema. Aquele olhar negro, do qual mal

PERIGOSAS ACHERON

se notavam as íris pela luz que invadia o quarto. Seu olhar me comia. Eu sentia que ele entrava em minha alma, me investigando, me explorando, me conhecendo.

— C-chris... — Pronunciei seu nome entre gemidos e engasgando, quando Christopher pegou meus mamilos entre seus dedos, fazendo todo meu corpo se arrepiar ao seu toque e aperto.

Christopher largou um de meus seios e pôs sua mão em meu quadril, me levantando um pouco e como havia feito antes, penetrou fundo em mim, fazendo eu sentir o que faltava de seu pau.

Ele se encaixava perfeitamente em mim, seu membro entrava e saía me causando uma onda de espasmos, seguido por outra de relaxamento e prazer.

— Oh! — gemi alto e Christopher não ficou para trás, seu gemido foi gutural.

— Caralho, Ruiva! — Christopher deixou seu corpo desabar na cama, e eu voltei a cavalgar em cima dele.

A cama rangia e eu senti minhas paredes internas se apertarem em torno do membro de Christopher. Ele colocou ambas mãos em meus quadris e quando eu enfiei fundo nele para dentro, ele fez o mesmo no sentido contrário, fazendo nós dois gemermos juntos enquanto gozávamos.

XXII

Christopher

Permaneci deitado ao lado

de Agatha na cama, antes de criar

coragem e me levantar de uma vez, a puxando para

o banheiro junto comigo.

Ela estava mole e sorria. A puxei pela cintura e ainda rindo, ela aceitou me acompanhar. Entramos no banheiro e fechamos a porta, para

abafar qualquer som que viesse do lado de fora.

Abri a torneira do chuveiro o máximo possível e quando a água estava morna, molhei minha cabeça e fechei meus olhos. Senti as mãos de Agatha em meus ombros e quando abri meus olhos, a vi ainda mais próxima, também colocando sua cabeça embaixo da água.

Era como se aquilo fosse algum tipo de ritual de passagem para melhor. Uma fase. Era uma fase que estávamos passando, que aguentaríamos juntos. No entanto, eu precisava ouvir as palavras.

— Você estará do meu lado? — questionei
— Porque se não quiser ficar, eu te entendo. É demais, eu sei e...

Minha Ruiva colocou uma mão em minha boca e eu franzi meu cenho pela água que atrapalhava minha visão.

— Eu ficarei do seu lado.

Me afastei do foco da água e segurei o rosto de Agatha, encarando aqueles lindos olhos.

— Eu sou completamente apaixonado por você.

Ela sorriu.

— Eu sei.

— Eu te amo, você sabe?

Agatha ainda sorria convencida, no entanto, não me respondeu. Abriu sua boca e fechou.

— Não, não sabia. — Foi o que ela disse, no fim, com um sorriso singelo em seus lábios.

— Eu te amo — falei novamente, sem deixar de segurar seu rosto.

Ela acenou e a beijei antes que ela me respondesse com um “obrigada” por não saber o que dizer. Quando se dizia “eu te amo” não se esperava uma resposta. Ao menos era assim que eu

pensava. Era o que minha mãe dizia.

Eu sabia que minha mãe era um caso à parte, já que ela tinha deixado de se amar para amar meu pai, no entanto, eu não desprezaria tudo que foi dito por ela. Mesmo que ela o amasse demais e se amasse de menos, eu ainda guardaria o que ela me disse sobre o amor.

Para ela, o amor não era esperado, era sentindo sem maldade, sem preconceito. Eu pensava o mesmo. Eu amava Agatha e não a escolhia amar ou não esperava que ela se declarasse por mim, mas eu precisava dizer o que sentia.

Meu amor era sobre o que eu sentia por ela e não se ela sentia por mim.



Soraya e Benny voltaram tarde.

— O que as crianças aprontaram? —
brinquei, na sala, enquanto Agatha estava na
cozinha.

— Conhecendo as redondezas. — Soraya
piscou.

— Meu Deus, você é uma mulher grávida —
comentei.

— Ela não está morta — Benny a defendeu.
— Nem eu. — E riu, parecendo mesmo uma
criança.

Soraya se sentou em uma cadeira reclinável e
Benny do meu lado. Ele suava.

— Você está bem? — cochichei para Agatha
não me ouvir e passei uma mão em sua testa.

A expressão de Soraya também mudou
quando olhou para ele. Benny nunca foi um homem

PERIGOSAS NACIONAIS

acima do peso para ter muitos quilos para perder sem afetar a sua aparência, mas, agora, especificamente hoje, ele parecia algo em torno de dez quilos abaixo de seu peso.

Seu rosto era o primeiro a se afetar. Ele não conseguia mais ter barba, ela simplesmente não crescia, deixando o seu rosto liso e, pelo peso, muito magro, com cavidades próximas aos seus olhos.

— Merda! — ele resmungou.

— O que foi? — Toquei em seu ombro no momento que ele tocou em sua barriga, fazendo uma careta.

— Merda merda merda merda... — Ele continuou xingando, sem pausa e se levantou do sofá correndo em direção ao banheiro.

Fui atrás dele junto com Soraya.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está acontecendo? — Agatha veio logo atrás no momento que a porta do banheiro se fechava em nossos rostos.

Eu não precisei respondê-la para ela entender.

— Benny... — Ela correu até a porta, a batendo. — Você está bem? Precisa de mim?

— Saiam daqui! — ele gritou — Me deixem em paz!

— Benny, você está bem? — Agatha continuou.

— Por favor, baby... Se afaste!

— Eu posso ajudar, me deixe ajudar...

Tentei puxar Agatha, mas ela recuou meu toque. Dei um passo para trás e Soraya deu dois. Não era que Agatha não obedecia o desejo de seu amigo e nós sim, era que ela sentia muito mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupação do que nós. Por mais que eu gostasse de Benny, eu não o amava como Agatha, e Soraya muito menos.

Nós nunca poderíamos julgá-la parada em frente a porta do banheiro e batendo inconsequentemente.

— Benny... — falou mais uma vez.

— Agatha, me deixe! — ele gritou forte e um estrondo em sequência foi ouvido.

Queria que fosse uma trovoadas avisando da chuva, mas era a barriga dele.

Engoli em seco. Se fosse qualquer outro momento, seria uma piada. No entanto, era um tipo de ápice ao contrário. Era a fossa declarada. A merda exaltada. Literalmente — infelizmente.

Agatha deu um passo quase imperceptível para trás e nós três ouvimos o choro de Benny

PERIGOSAS ACHERON

dentro do banheiro.

Meu coração se partiu e eu imaginava que Agatha não se importaria de ficar ao lado dele, chorando com ele, o apoiando. Provavelmente, era ainda pior para ela saber que não poderia ajudá-lo.

Ela não o tinha colocado em uma situação constrangedora porque simplesmente não poderia imaginar o que estava acontecendo, era pura e simples preocupação, no entanto, eu me sentia desconfortável por ela também.

Percebi que Agatha começou a se tremer e quando eu me aproximei, tocando a sua mão, ela não se esquivou, apenas me segurou forte, apertando.

Soraya se afastou, nos dando privacidade e eu puxei Agatha para nos sentar afastados da entrada do banheiro, dando privacidade para Benny também.

Nos sentamos no chão, voltados para o quintal praticamente abandonado de sua casa. Não a abracei. Ela não chorou. Apenas encaramos um pedaço da grama do quintal e eu olhei para o cacto deixado ali, o meu presente para ela, provavelmente já esquecido.

— Vamos plantar flores — falei e nem eu mesmo sei o porquê.

Extra

Benny

Sentado no vaso, me senti

humilhado. Estar como eu estava me remetia a

uma passagem de *Ensaio Sobre a Cegueira* onde o

oftalmologista precisava de sua mulher para limpá-

lo quando ele já não enxergava e não achava

nenhum papel higiênico.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquela cena demonstrava a degradação do ser humano e, além disso, como éramos frágeis e, às vezes, necessitávamos de um outro alguém. Éramos seres incompletos, pequenos, frágeis demais mesmo em nosso habitat natural.

Eu me sentia assim.

Frágil demais. Quebrado demais.

Eu nem sequer podia fazer uma refeição completa, evitando exatamente isso. Passava o dia com algo em torno de seis refeições pequenas, necessárias, mas nunca pareciam o suficiente.

Estava em uma situação ridícula, onde era controlado e não controlava meus sentidos. Às vezes, eu fechava a porta de minha suíte para vomitar sem ser ouvido; outras vezes, como hoje, meu estômago mandava em mim; em mais umas eu sentia uma fadiga absurda, como se minha vida estivesse sendo consumida de mim, aos poucos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez eu fosse um completo exagerado. Porém, não mentia sobre o cansaço que sentia. Ele me consumia. Eu sentia como se meu corpo não me aguentasse mais e eu me desculpava comigo mesmo. Me desculpava por estar fazendo aquilo comigo. Me desculpava por não aguentar. Me desculpa por não ser forte o suficiente. Me desculpa por, algumas vezes, sentir falta de tragar meu velho cigarro. Me desculpava por tudo.

Às vezes, eu chorava. E me desculpava por chorar.

Eu estava uma completa tragédia. Bagunçado, cansado, me sentindo humilhado por uma dor de barriga mais forte que eu.

Agora, era um dos momentos que eu chorava. Não conseguia controlar as lágrimas que desciam do meu rosto e me sentia péssimo por elas. Quando eu saísse do banheiro, meu rosto estaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vermelho e provavelmente inchado, não deixando que eu fingisse que não chorava.

Não teria desculpas para a minha aparência e não sabia se, nesse ponto, queria ter.

Sendo assim, quando sai do banheiro após um banho e usei uma toalha que provavelmente tinha sido esquecida naquele banheiro onde ninguém tomava banho, caminhei em direção ao quintal encontrando Agatha e Chris cuidando do jardim.

Eu nem sabia que Agatha tinha jardim.

— O que vocês estão fazendo?

Ela levantou seus olhos em minha direção, no entanto, diferente do que eu pensava, não se levantou correndo para saber como eu estava, apenas sorriu.

— Cuidando das plantas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você nem gosta disso — comentei.

— Não custa começar um hobby novo. — Chris deu o seu sorriso descompromissado de sempre e foi ele quem andou em minha direção e passou um braço por meu ombro. — Você está bem?

— Estou — respondi tão baixo quanto ele perguntou. — Quero ajudar nesse jardim aí.

Chris bateu em meu ombro e me puxou para o jardim. Felizmente, nem um dos dois perguntaram mais nada e me deixaram ajudar como eu podia. Pouco tempo depois, Soraya apareceu e jogou algumas almofadas no chão antes de se sentar. Ela tomava um sorvete e sorria.

Gesticulei para ela.

— Você deveria nos ajudar!

— Estou impossibilitada. — Ela me deu

PERIGOSAS ACHERON

língua.

— Por que está grávida?

— Porque estou tomando sorvete.

Eu ri e me sentei na grama. Era claro que Agatha não a adorava, nutria apenas um respeito por ela esperar um filho de Chris, porém, eu não me mentiria em dizer que nos últimos dias ela tinha sido uma das minhas melhores companhias.

Não era como se ela me entendesse, mas o fato que ela me contou de a mãe dela ter morrido com câncer fazia com que ela não me visse como um coitado e não me tratasse de maneira diferente. Eu continuava o mesmo e me sentia o mesmo com ela.

Era uma boa garota que não causava problemas ou transtornos, mas eu tinha que estar ao lado de Agatha e entendia que era melhor que ela desse à luz o quanto antes e fosse embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha amiga colocou sua mão em meu braço e eu a encarei com o cenho franzido.

— Me desculpe — ela me disse, em um sussurro.

— Não há porquê.

Ela abriu sua boca, mas antes que falasse qualquer coisa apontei para uma parte da grama que cavávamos.

— Vamos continuar cuidando apenas disso, certo?

Agatha entendeu. Entendeu que eu não queria conversar. Entendeu que, naquele momento, eu preferia fazer alguma coisa do que pensar em coisas demais.

Estávamos cuidando do jardim com o que tínhamos na casa. Ao menos hoje eu tinha algum propósito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Hoje eu estava vivo. Hoje eu estava em pé. A minha existência importava e não a usaria para chorar.

PERIGOSAS ACHERON

XXIII

Agatha

No dia seguinte, eu estava em pé o quanto antes. Benny tinha uma

sessão de quimioterapia e precisaria de mim. Por isso, me levantei antes de todos para adiantar tudo.

Nunca fui a pessoa mais pontual do mundo, no entanto, naquele dia sentia que precisava ser. Fiz o café e coloquei algumas coisas prontas sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa. Nesses últimos dias eu estava tentando cozinhar. Ontem, eu estava na cozinha antes de ouvir Benny e Soraya chegarem. No entanto, o bolo que estava tentando fazer, solou.

Hoje, me contentava apenas em fazer o café e cuidar de arrumar a mesa.

Chris foi o primeiro a levantar e quando me encontrou na cozinha, ainda fazendo o café, me deu um beijo no ombro.

— Você levantou tão cedo...

— Você nem sentiu minha falta ao seu lado.

— Senti. Claro que senti. — Eu ri e ele continuou: — Qual a ocasião especial?

— Quimioterapia — comentei.

— Ah. — Foi tudo que Chris falou por um momento, me apertando em volta de seus braços antes de dizer: — Ele vai conseguir.

PERIGOSAS ACHERON

Era uma fala genérica, que eu acreditava que dizia mais do que ele vai conseguir hoje e sim que ele vai conseguir vencer, de modo geral.

— Vai — foi o máximo que consegui responder antes que Benny aparecesse na cozinha.

— Baby fazendo café! — observou — Está congelando no inferno!

Revirei meus olhos e me afastei do abraço de Chris.

— Eu faço um bom café. Me respeite!

— Será? — Meu amigo arqueou uma sobrancelha.

— Você já experimentou... Está inventando que história?

Benny riu.

Soraya que eu só percebi naquele momento, murmurou, de maneira educada, aparentemente

sem querer se meter na minha conversa com meu amigo:

— Sempre tive a ideia que o inferno já é gelado.

Mesmo falando baixo, Chris também a ouviu.

— Inferno gelado? Por quê?

— Você já parou para pensar que a única coisa que falamos mal sobre o calor é o do sol? Mas, de resto, ele normalmente é bom. Ele é aconchegante, é “quentinho”. Já o frio é sempre pejorativo. Até dizer que uma pessoa é fria é ruim.

— Tem lógica. — Benny levantou um dedo apontando para a garota e caminhou em minha direção aceitando o café que eu colocava em uma caneca.

— O inferno é congelante — Chris começou

PERIGOSAS NACIONAIS

— e o céu é aconchegante.

— Meu Deus. — Benny quase cuspiu seu café. — Isso tudo para rimar, pobre Chris?

Chris riu e estendeu seus braços.

— Foi sem querer.

— Tem lógica mesmo — comentei. — Mas acho que a ideia de inferno quente e céu gelado é apenas por alguma teoria das cores. Vermelho tanto pode ser paixão, quanto intensidade, maldade. O gelo é transparente, mas pode ser descrito também como o branco da pureza.

Soraya colocou uma mão em seu queixo.

— É... agora você acabou com minha teoria.

E riu. Nem sua voz nem sua postura demonstravam tensão ou irritação.

Merda! Chris tinha razão. Ela era genuína.

PERIGOSAS ACHERON

Não demoramos muito na cozinha, o momento de conversa foi apenas para relaxar um outro que viria e todos nós sabíamos.

Benny, dessa vez, não deixou que eu estivesse com ele na quimioterapia e preferiu ficar sozinho. Admiti que a única coisa que fez a minha mente tranquilizar e sair um pouco do foco Benny-químio-e-doença foi Soraya.

Chris teve que trabalhar em algumas coisas relacionadas ao teatro e me deixou sozinha com a menina. Sendo assim, nós não tínhamos nada para fazer. Porém, eu não a deixaria estragar meu dia e fui trabalhar, junto com ela. Não queria que ela ficasse sozinha, mesmo que dissesse que estava bem para seus seis meses.

Mesmo que seis meses não fossem oito, eu ficava preocupada. Eu nunca tive contato com uma mulher grávida para saber o seu nível de

estabilidade e força. Achava, sinceramente, que Soraya era de porcelana e por isso tinha mais cuidado do o necessário, mas, a própria, ou não se importava ou fingia não perceber.

Estava destinada a trabalhar apenas por poucas horas na manhã, mas, a única coisa que eu não tinha pensado era o que diria quando vissem Soraya. Seria sincera e falaria que ela esperava um filho de Chris? Mudaria de assunto? Mentiria? E quando me vissem com o bebê? Alguém me veria com o bebê?

— Que linda! — Jerry, o fotógrafo, foi o primeiro a vê-la.

— Obrigada. — Soraya sorriu e piscou enquanto apontava para a barriga. — Está falando dela, não é mesmo?

Jerry, levemente histérico como só ele poderia ser, gargalhou.

— Não, de você, boba. Dela também. Que barriga linda.

— Obrigada e obrigada. — Soraya acenou.

— Veio para uma sessão de fotos? — Bateu palmas, provavelmente já animado, já que nunca tínhamos fotografado uma grávida na agência.

— Não, Jerry — intervim.

— Mesmo, Agatha? — Ele fez um beicinho.

— Mesmo. — Eu sorri e coloquei uma mão em seu ombro, o consolando.

— Má.

Ele revirou os seus olhos enquanto deu as costas para nós, não sem antes, era claro, acenar sorrindo para Soraya e sua barriga. Quando subimos, Victoria não esboçou nenhuma reação ao ver a menina do meu lado.

Após ela ter visto o vomito de Soraya

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditei que nada era mais justo do que contar que ela esperava um filho de Chris, sendo assim, a minha secretária era a única pessoa na empresa que sabia sobre essa confusão.

— Bom dia, senhoras — foi tudo o que ela disse, me dando mais certeza sobre o porquê de tê-la contratado.

A menina era boa! Discreta, sensível, na medida certa.

— Bom dia, Victoria. — Acenei e abri minha sala.

— Comigo — Vi Soraya colocar sua mão sobre seu peito. —, só você mesmo. E obrigada por aquele dia.

— Que dia? — Victoria coçou sua cabeça e a outra menina sorriu.

Em seguida, Soraya acenou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia.

Ela entrou em minha sala e eu encostei a porta.

— Pode se sentar onde quiser. — Gesticulei para o sofá e a espreguiçadeira na varanda.

A menina se sentou no sofá e tirou seus sapatos. Seus pés estavam um pouco inchados. Ela os massageou.

— Tudo bem por aí? — quis saber.

— Tudo tranquilo.

— Quer alguma coisa? Água, suco?

— Não, obrigada.

Soraya praticamente se deitou no sofá e pela primeira vez que eu vi, tocou em sua barriga.

— Está se sentindo bem mesmo?

Ela acenou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você deveria comprar umas roupas do bebê.

— Nem sabemos o sexo ainda.

— Pode comprar branco, amarelo... Sei lá. —
Deu de ombros. — Hoje em dia a cor também não define tanto assim.

— Convenhamos, bebê é tudo igual. Se eu colocar uma roupa rosa em um menino, juraram que é uma menina. Vai ser confuso.

Ela riu.

— E você se importa com o que as pessoas dizem?

Bem pensando. Não a respondi, mas acenei de um lado para o outro.

— Depois de trabalhar por algumas horas, iremos sair.

Soraya bateu palmas.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo.

Agora, achava que ela estava em um complô junto com Benny para simplesmente para me tirar dos pensamentos do momento.

Se fosse isso, eles estavam conseguindo.

XXIV

Christopher

Menti para Agatha ao dizer

que ia trabalhar. Na verdade, eu

acompanharia Benny para o hospital. Ele tinha

pedido para eu ir com ele, mas sem Agatha.

— Quando voltarmos, — eu comecei no caminho para o hospital — vou contar para Agatha que te levei para o hospital.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus, Chris. Você não consegue guardar um segredo?

— Isso não é um segredo, é uma mentira.

— Você não mente?

— Não que eu me lembre.

Ele riu.

— Como assim? Você não se lembra de suas mentiras?

— Sei lá. — Dei de ombros. — Às vezes, eu falo que já estou saindo de casa, mas ainda estou deitado sobre a cama.

— Isso não é mentira. É sobrevivência básica.

— Sobrevivência básica? — Eu gargalhei e parei no sinal vermelho, encarei Benny que estava praticamente deitado no banco do carona. — Está se sentindo bem?

PERIGOSAS ACHERON

— Só cansado...

Perguntaria cansado de quê, no entanto, diante a situação atual, era lógico que ele estava mesmo cansado. Imaginava como era ter câncer e não o queria perguntar e soar insensível ou preconceituoso de alguma coisa. Porém, a dúvida passava por minha cabeça.

Será que havia manhãs que ele acordava bem, como se não houvesse nada de errado? Será que ele sempre se sentia meio mal? Será que quando ele sentia algum efeito colateral ele sempre sabia que era um efeito colateral?

— *Você* está bem? — Benny colocou uma mão em meu ombro e arranquei o carro quando o sinal abriu.

— Só... pensando.

— Certo... — Percebi que ele se mexia sem jeito dentro do carro. — O que é que você quer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntar?

— Só estava pensando em como você se sente.

— Estou bem, Chris. — Consegui ouvir o seu suspiro e olhando rapidamente para ele o vi passando sua mão em seu cabelo. — Eu não aguento mais responder isso! Eu não aguento mais que todo mundo a todo o momento querendo saber sobre mim.

— Só estamos preocupados, Benny.

— Eu também estou. Eu sou um homem adulto... Não sei se você ou alguém vê isso, mas eu sou. E eu sei sobre as minhas responsabilidades e eu também tenho meus medos.

Engoli em seco.

— Mas o que eu queria saber era como você se sentia de verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— De verdade? Não é como todos querem saber?

— Não sei... Algumas pessoas, não Agatha é claro, mas algumas só querem saber porque acham que devem saber ou devem perguntar.

— A maldita educação.

— É, a maldita educação que faz com que as pessoas sejam curiosas demais.

— Como eu estou, não é? — Ele parecia cuspir as palavras. — Eu estou cansado e me sentindo péssimo. Eu não estou gripado, não estou simplesmente ‘doente’. Eu estou com câncer. Às vezes eu levanto pensando que hoje eu posso morrer, do nada, mas você também pode. Isso não é mais uma sentença de morte, mas a forma como as pessoas olham para mim, a forma como me tratam, parece que sim.

— Benny... — Eu tentei falar que se ele não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quisesse falar, não precisaria, mas não tive tempo, ele falava.

— Se você hoje quer reclamar comigo de alguma coisa... Sei lá, porque deitei a toalha sobre o sofá, porque não dei descarga... qualquer coisa... você deixa de falar simplesmente porque eu sou o coitado que tem câncer. Se for para me odiar hoje, se for para me xingar hoje, por favor, não evite. Eu não quero que ninguém me veja como um pobre coitado. Isso sim é enlouquecedor. Isso sim que me tira do sério. Às vezes mais do que uma diarreia ou fadiga ou vomito ou sei lá mais que porra acontece.

Ele suspirou por um momento apenas para continuar:

— Eu amo Agatha. Demais, meu Deus! Mas o que antes ela não fazia, ela está começando a fazer. Ela se preocupa demais e não é saudável nem para mim, nem para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem razão — comentei.

— Eu vou sobreviver, Chris. Eu não sei por quantos anos, é claro. Mas eu vou. Tem pessoas que vivem com câncer por anos a fio. Deve ser difícil, é claro. Eu já tenho mais de oito meses nessa batalha, mas eu vou sobreviver.

Não sabia o que dizer além de:

— Eu sei que você vai.

— Obrigado pela consideração. — Ele novamente riu como se não tivesse dito nada do que disse anteriormente. — Agora, por favor, ligue o som do carro e mude de assunto.

— Você que manda.

Liguei o som e no hospital liguei para Ian. Não tinha ninguém melhor para mudar o astral de alguém do que ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXV

Agatha

Fui arrastada para um shopping e nunca entrei em tanta loja de bebês como naquele dia.

Na primeira loja, acharam que Soraya e eu éramos namoradas; na segunda, irmãs; na terceira, perguntaram; na quarta, duvidaram; na quinta, amigas; na última, não falaram nada.

— Há alguns anos eu trabalhei — comecei

PERIGOSAS NACIONAIS

para Soraya enquanto caminhávamos pelo shopping — para uma loja de roupas e, infelizmente, era exatamente igual. Nós sempre queríamos saber o que as pessoas que entravam na loja eram.

— Vocês julgavam as pessoas. — Soraya ria.

— Não julgávamos. Pré-julgávamos.

— Isso existe?

— Claro que existe... Eu acho. Deve ser algo como o pré-conceito que damos as pessoas antes de as conhecer.

— É, tem lógica. Mas por quê?

— Por que fazemos isso? — Ela acenou e eu continuei: — Porque somos humanos. Humanos tem pré-conceitos.

— Tem pessoas que não.

— Acho que todo mundo é um pouco curioso.

PERIGOSAS ACHERON

— Depende do nível. Às vezes usam da curiosidade para serem preconceituosos de alguma maneira — ela disse e eu maneei minha cabeça de um lado para o outro.

Eu segurava algumas sacolas de roupas. Não quis comprar mais do que o necessário já que além de Chris não querer saber o sexo, eu não sabia se ele gostaria quando visse a quantidade de coisas que eu comprei sem ele.

— É, tem lógica — repeti o que ela tinha dito e encarei meu relógio.

— Preocupada com Benny?

— Um pouco, mas sinto que ele está bem. — Passei uma mão em meu cabelo enquanto as sacolas escorriam pelos meus braços com suas alças. — Primeiro acreditei que Chris iria trabalhar, mas pensando um pouco, acho que ele não só levou Benny para o hospital, mas pelo visto ficou por lá.

— E isso te incomoda?

— Não — admiti. — Foi bom passar o dia com você. — Encarando a sua barriga questionei: — Posso?

Ela entendeu e assentiu, confirmando. Toquei em sua barriga por mais tempo do que pensava em fazê-lo. Eu acreditava que nunca tinha tocado em uma barriga de grávida antes. Era dura e o bebê nesse momento, chutava. Era incrível, melhor do que eu tinha pensado.

— Eu logo, logo vou embora, Agatha — ela me disse, me olhando.

Estávamos caminhando devagar para a praça de alimentação, para comermos alguma coisa antes de irmos embora.

— O que você quer dizer com isso?

— Que em mais ou menos três meses você

PERIGOSAS NACIONAIS

não terá que se preocupar comigo.

— Só com um bebê.

— Só com um bebê — ela concordou.

Nós nos sentamos em uma mesa e eu coloquei todas as sacolas em uma cadeira separada.

— Eu não te detesto, Soraya — fui sincera.
— Apesar de tudo, eu não te detesto e não tenho qualquer intenção de te desrespeitar. Mas, sinceramente? Eu nem sei se eu espero que esses meses passem tão rápido assim.

— Você não sabe se quer ser mãe?

— Eu nunca quis ser mãe — outra admissão, essa mais pesada.

— Mas você ama o Chris — pela primeira vez eu reparei em seu sotaque meio carioca e a sua mania de linguagem ao usar o artigo antes de um nome.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim — mais uma admissão, essa mais leve.

Percebi que era fácil conversar com Soraya exatamente porque ela iria embora. Ela era como uma desconhecida, da qual eu poderia conversar e dizer qualquer coisa sobre a minha vida, no entanto, ela não teria tempo para me julgar porque estaria longe demais em breve.

— Me pai virá me buscar depois do parto — Soraya também soltou sua própria admissão.

— Você então contou de sua gravidez?!

— Pois é, contei. Ele quis me xingar, me chamar de irresponsável, idiota, mas percebi que no fim engoliu suas palavras e percebeu que o amor que sentia por mim era maior que a sua vontade de me deserdar.

Soraya encarou as sacolas antes de continuar e gesticulou para a sua barriga:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apesar disso, eu acredito no amor. Acredito que ele supera algumas coisas.

Eu ri.

— Você seria a puta em qualquer outro contexto.

A própria, com seu humor estranhíssimo, também riu.

— Em outro e neste contexto também. Mas, às vezes, o amor dá oportunidade para que as pessoas possam enxergar as outras pessoas a sua volta como elas realmente são e não sempre como pedras pelo caminho... Ainda bem que você não me viu como uma pedra.

— Você está apenas se chamando como pedra para não falar puta?

Ela gargalhou.

— Me deixei me chamar de pedra!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puta é mais clássico e direto ao ponto.

— Ofensivo.

— Clássico.

E passamos o resto da tarde sem eu saber definir se era boa, ruim ou constrangedora.

Quando voltamos para a minha casa, não encontramos ninguém nela e eu decidi ligar de uma vez para Benny.

— Ainda no hospital — ele me disse, assim que me atendeu no terceiro ou quarto toque.

— Com Chris?

Ouvi o seu suspiro profundo.

— Ele foi trabalhar.

— Claro.

— Ninguém te engana?

Eu ri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei que ele não te deixaria no hospital sozinho.

— É, é verdade. Sim, estou com Chris e Ian.

— Bem acompanhado então — falei. — Suponho que não está precisando de mim.

— Não se preocupe — foi a sua forma de dizer não, que não precisava de mim.

— Você já sabe o que eu vou fazer sem você, não é?

— Se eu fosse você, eu encheria a cara; mas você sendo você, eu diria que você colocará um filme triste para chorar pela minha falta.

Eu gargalhei.

— Ainda bem que eu sou mais você do que essa versão que você fez de mim — disse e continuei: — Na verdade, acho que você é a minha versão masculina... Gosta até de homem também!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa vez, ele quem gargalhou.

— Se embebede por mim, baby.

Eu sorri, mesmo que ele não visse.

— Beberei.

Ficamos por um momento na linha, ouvindo a respiração do outro.

— Eu estou bem, Agatha. Eu estou bem.

— Eu sei. — Eu queria acreditar.

PERIGOSAS ACHERON

XXVI

Christopher

Oito meses. Soraya estava com oito meses. Ela continuava falando pelas semanas, porém eu nunca conseguia fazer a conta rápida o suficiente, sendo assim, no fim, ela apenas me dizia quantos meses — como se eu não soubesse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos conversar — eu falei com Agatha, no jardim de sua casa, que, dessa vez, parecia um jardim de verdade.

— Nunca é coisa boa...

Eu sorri.

— Não é uma coisa ruim também...

— O que é?

— Eu preciso organizar o quarto do bebê.

— Sim...

— E eu preciso saber onde fazer isso. — Eu estava sentado, no meio da grama e ela de joelhos, cortando algumas ervas daninhas.

Seu olhar subiu para encarar o meu.

— Como assim?

— Eu preciso saber em qual casa, Agatha. Eu já não durmo na minha há semanas e Soraya dará à

PERIGOSAS ACHERON

luz em menos de um mês.

Ela acenou.

— É verdade. Acredito que é o momento certo.

— Para quê? — Franzia meu cenho.

— Para morarmos juntos, Chris. — A Ruiva balançou sua cabeça por um momento. — Aceita morar comigo?

— É sério?

— Sim, eu, você, um bebê e Benny... Se não é a família perfeita?

Eu gargalhei e a abracei. De joelhos, ela caiu sobre meu colo.

— Você está falando sério?

— Sim, Chris. Deveríamos.

Agatha se sentou em meu colo e nós

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos uma mistura de grama e sujeira.

— Sabe o que deveríamos fazer hoje? —
questionei, a apertando entre meus braços.

— O quê?

— Um jantar.

— Com Benny indo e vindo para o hospital e Soraya com oito meses?

— Ian e Júlia dão conta. Um educador físico e uma médica. Perfeito, estamos bem!

Ela riu.

— Tem certeza que eles aceitarão?

— Não tem por que não aceitar. Nem Benny ou Soraya são bebês, não darão trabalho. Ian e Júlia irão basicamente assistir filmes e pensar em transar em nosso quarto.

— O quê? — Ela praticamente gritou e eu gargalhei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Babás de filmes são sempre inconsequentes assim.

— Felizmente confiamos neles, não é?

— Claro, claro. — Eu pisquei e Agatha deu um tapa em meu ombro.

Agatha trabalhou ao longo do dia e eu ensaiei para uma peça que aconteceria em alguns meses. Meu personagem não era o principal, então eu não tinha muitas falas, com isso, em meio ao desenrolar das situações eu consegui gravar todas as minhas poucas falas e ainda consegui um trabalho em uma agência.

Nesse momento, não poderia desperdiçar nenhum trabalho. Precisava pensar no bebê.

No fim da tarde estava livre e tinha marcado com Agatha em minha casa em um par de horas,

PERIGOSAS ACHERON

porém, eu não tinha feito jantar algum, mas, a minha geladeira e despensa estavam cheias.

Pesquisei algumas receitas simples na internet e tentaria fazê-las. Hoje seria um dia especial, não poderia cozinhar qualquer coisa e nem pedir qualquer coisa. A casa estava limpa, mas eu aproveitei para varrê-la mais uma vez.

Agatha já tinha a visto, no entanto, foi apenas por um momento. Não queria que ela tivesse uma má impressão da minha casa. Ri comigo mesmo, enquanto colocava uma toalha de mesa sobre a própria.

Não deixava de cuidar da cozinha. Ocasionalmente, olhava o relógio. O porteiro já estava ciente da visita de Agatha, sendo assim, a qualquer momento a campainha poderia tocar.

Eu queria ter uma flor para a dar, mesmo que ela não gostasse de flores, mesmo que fosse

puramente simbólico.

Enquanto terminava de cozinhar sem jeito e pensava na flor que não tinha, a campainha tocou.

Eu vestia apenas uma bermuda quando abri a porta e encarei a Ruiva. Ela usava um de seus típicos saltos altos, mas, diferentemente de outros momentos, vestia um short jeans em um tom de marrom e uma camisa de mangas compridas que estava modelando seu corpo.

— Gostei dessa camisa. — E passei minhas mãos em meu corpo.

Ela revirou seus olhos.

— *Collant* ou *body*, querido.

— Não é uma camisa de todo o jeito?

— *Collant* é *collant*.

— E esse short é uma bermuda? — Eu pisquei e ela voltou a revirar seus olhos.

— É um short.

— Você não tem muitos.

— Não uso muitos.

— Por quê? — Ela entrou em minha casa e eu tranquei a porta.

— Porque não tenho momentos propícios para usar shorts curtos.

— Não é tão curto assim... — comentei enquanto ela deixava sua bolsa sobre meu sofá e seguia para a cozinha, balançando sua bunda no percurso.

— O que você define como curto?

— Mostrar pouca da bunda.

Ela virou sua cabeça para encarar sua bunda, mas seu short estava praticamente na metade de suas coxas.

— Não se preocupe — comentei —, se
PERIGOSAS ACHERON

estivesse mostrando sua bunda, eu diria que você está gotosíssima.

Minha Ruiva sorriu enquanto prendia seu cabelo.

— E agora, não estou gotosíssima?

Me aproximei e passei uma mão em seu quadril, a puxando mais para mim. Cheirei seu pescoço e inalei seu cheiro.

— Gotosíssima — a confirmei.

— Sim, — Ela me empurrou para trás, mas ainda continha um sorriso em seu rosto. — o que temos para comer?

Depois de jantarmos e descansarmos dele, mostrei a Agatha todo o apartamento.

— É bem bonito.

— Demais, não é? — Passei uma mão na

PERIGOSAS ACHERON

outra.

Ela encarou a minha cama.

— Você tem certeza, Chris?

— De quê? — Coloquei minhas mãos em sua cintura e me aproximei por trás, sentindo seu cheiro.

— De ir morar comigo. Você gosta daqui, não gosta?

— Amo meu apartamento — afirmei e a virei para mim —, mas amo ainda mais você e meu futuro filho. Eu preciso dar uma estabilidade para ele, emocional, financeira.

— E vai suportar viver em outro lugar, se não o seu apartamento? Viver com Benny também?

— Eu adoro a sua casa. É um pouco mais longe do teatro, mas eu tenho carro e é caminho do hospital. Claro que quero que Benny se livre desse

maldito câncer, mas enquanto ele a tem, posso ajudá-lo. O adoro, você sabe.

— Mas morar com ele pode ser demais para você...

— Benny é um cara tranquilo. Tenho certeza que se eu falar para ele me dar um tempo, ele me dará sem se sentir magoado.

Ela riu e maneou sua cabeça de um lado para o outro.

— É, ele não é muito sensível quanto a isso.

Acompanhei seu riso.

— Viu? Ele é tranquilo, eu sou ótimo, você é minha mulher e em breve teremos um bebê... Tudo perfeito.

Nesse momento, ela gargalhou.

— Você fala como se eu fosse dar à luz.

Minha Ruiva se sentou na cama e me sentei

PERIGOSAS ACHERON

ao seu lado.

— Eu sei que isso tudo é demais para você também, mas você já sabe o que penso, não é? Você tem toda a liberdade para dizer que não aguenta mais. Eu sei que o filho não é seu, porém se você permanecer junto a mim é natural que ele cresça o vendo como uma mãe.

— Eu sei — ela admitiu. — Mas se estou o convidado para morar comigo e ter um quarto para a criança, é porque estou disposta a tentar. Desculpe Chris, mas não posso prometer que aceitarei viver assim para sempre, não o estou pedindo em casamento, não é até que a morte nos separe, no entanto eu entendo a responsabilidade de agora e a aceito.

— Tudo bem, Agatha. — Acenei e olhei ao redor. — Acho que, de toda a forma, arrumarei um quarto para o menino.

Ela não pareceu ofendida, apenas comentou com um riso:

— Nascerá uma menina.

— Já disse que pode ser também...

— Sei. — Fez um beicinho.

— Juro!

— Não tem preferência para um menino?

— Acredito que é mais simples, mas não tenho preferência.

— Mais simples a criação? — Eu acenei confirmando e ela continuou: — A de uma menina pode ser simples também. É você quem define a criação de seu filho.

— Mas menino não menstruará.

— Não é tão complexo assim, Chris. Acontece uma vez por mês, em um período de uma semana.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei se sei explicar isso para uma menina. — Segurei seu rosto. — Ainda bem que você está comigo, não é?

Minha Ruiva sorriu.

— Maneire a pressão para mim. Eu sou um desastre com crianças.

— Tudo bem, eu também sou.

A beijei, querendo deixar aquele assunto de lado. Não precisávamos conversar mais sobre isso, afinal, viveríamos essa realidade em breve e mesmo que Agatha não estivesse ‘me pedindo em casamento’, como ela falava, ela estava comprometida a tentar, já era um começo.

Não era juras de amor. Era de realidade. Era do que ela poderia dar, do que tentaria dar. E eu aceitava. Aceitava como se fosse um pedido de casamento. Aceitava como se fosse juras de amor eterno, porque, para mim, era melhor que isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era verdadeiro. Era real.

PERIGOSAS ACHERON

XXVII

Agatha

*Seu beijo me distraiu de
qualquer amenidade que* eu pudesse vir a
pensar. Com ele, com o toque de seus lábios, eu
pensava apenas no momento, no desejo que sentia
por ele, no amor.

Eu estava além de apaixonada por

Christopher Tyler, o garoto dos olhos âmbar, tão escuros que pareciam a todo o momento desvendar a minha alma. Eu já não conseguia negar. Eu queria negar?

Deixei minhas mãos repousarem em seus ombros largos, apertando um pouco com minhas unhas. Sem eu perceber direito ele afastou sua boca da minha e já estava puxando o meu short para baixo, me deixando, como sempre, exposta para ele, enquanto ele continuava parcialmente vestido.

Ele jogou meu short em algum canto de sua sala, e olhou para todo o meu corpo com aquele seu sorriso presunçoso.

Agora eu estava apenas com meu *body* e um salto alto. Devagar, beijando cada parte do meu corpo, ele me despiu do *body*.

Eu estava completamente nua na frente daquele garoto, com minhas pernas o puxando para

mim.

Beijei seu pescoço e Christopher gemeu, suas mãos apalparam minha bunda. Dessa maneira, ele me colocou no meio de sua cama e se afastou de mim para tirar sua única peça de roupa.

Christopher não deixou de me olhar enquanto tirava sua bermuda, devagar, descendo o zíper em uma lentidão de outro mundo. Seus olhos pretos me levavam à outra dimensão. Mordi meu lábio inferior e me levantei da cama. Eu podia imaginar que meu olhar estava completamente devasso. Chris parou de abrir seu zíper, afastados suas mãos do mesmo, quando eu me ajoelhei na frente dele e eu mesma terminei de abrir aquele bendito zíper.

Sua bermuda veio ao chão em segundos, e suas pernas afastaram a bermuda para longe, deixando-o sem nada. Me levantei um pouco e beijei seu pescoço, ele estremeceu e colocou suas

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos em meu cabelo, enquanto fazia um tipo de cafuné. Sentia falta desse seu toque misto. Amor com tesão.

Beijei mais um pouco seu pescoço e o mordisquei, descendo para seu ombro e fazendo o mesmo. Sem pressa alguma fui descendo, beijando e lambendo seu corpo pelo caminho. Chris gemia baixinho o que me deixava ainda mais excitada.

Beijei seu peito, depois os gominhos de sua barriga. Passei minhas mãos nas suas costas o arranhando enquanto descia pelo seu corpo delicioso.

Enfim cheguei ao querido 'caminho da felicidade', com uma leve penugem que eu já estava acostumada, da qual eu passei meus dedos e que, com certeza, aquele "caminho" seria meu maior prazer do dia.

Tirei uma das minhas mãos que estavam em

PERIGOSAS ACHERON

suas costas e me ajoelhei novamente no chão.

Seu membro estava totalmente ereto, como eu podia imaginar. Chupei sua glande e Christopher gemeu mais alto dessa vez. Segurei sua bunda com uma de minhas mãos e com a outra massageei suas bolas.

Depois de chupar um pouco mais sua cabeça, enfiei tudo em minha boca.

— Ruiva! — Christopher gemeu e se eu não estivesse com seu pau todo em minha boca, eu riria.

Continuei nesse processo, o levando todo e saindo, chupando como sabia, como sentia que ele correspondia mais. Aumentava meu ritmo e diminuía. Chupava sua glande tanto quanto a lambia. Ele, por sua vez, estremecia.

Suas mãos afagaram meu cabelo, me afastando delicadamente de seu membro. Continuei de joelhos, até Chris pegar meus cotovelos e me

PERIGOSAS ACHERON

levantar, deitando-me novamente no meio da cama.

— Ruiva... — Parecia que ele não havia passado nem um dia distante de mim, porque me lembrava dele sorrir exatamente daquela maneira, mexendo o cabelo exatamente daquele jeito, assim, tantas outras vezes antes.

A sua forma de falar, mesmo tão parecida com outras tantas vezes, me causou um ardor ainda maior entre minhas pernas com o pensamento dele dentro de mim, sem nada que nos dividisse.

E como se estivesse em minha mente, ele sorriu de canto, presunçoso e delicioso...

Devastador.

XXVIII

Christopher

*Desci minha mão para entre
suas pernas, a sentindo úmida, já
esperando por mim.*

Com isso, sem esperar mais eu enfiei meu pau em sua entrada. Gememos em uníssono quando eu aos poucos comecei a colocar mais e mais. Ela era perfeita. Completamente. Nossos corpos se encaixavam de um jeito surreal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu podia dizer que eu fervia. Ela me devastava. Seu corpo era tudo que eu precisava e tudo que eu queria.

Apoiei meus cotovelos na cama e Agatha enfiou seu salto em minha bunda, salto do qual eu tinha esquecido que existia. Mas foi bom *pra* caralho senti-lo em mim. Eu sabia o quanto saltos poderiam ser sensuais, mas usando daquela forma era ainda mais. Já tinha me esquecido daquela sensação de seus saltos, da presença deles daquela maneira.

Comecei a mexer com mais rapidez e degustando cada segundo de seu corpo. Agatha arranhou minhas costas com suas unhas e gemeu um claro pedido de mais.

— O que você quer, Ruiva? — sussurrei diminuindo o ritmo e fazendo Agatha se remexer embaixo de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Rápido Christopher! — ela pediu — Me foda rápido!

Sorri e meti o máximo que conseguia dentro dela. Ainda faltava mais, então segurei uma coxa de Agatha e levantei um pouco mais, enfiando o resto sem pressa, para sair e entrar fundo novamente.

Agatha gemia sons irregulares e eu não ficava atrás. Meu gemido saiu entrecortado e gutural quando eu comecei a foder o mais duro que podia naquela posição e a cama começou a ranger.

— Deus! — Minha Ruiva estremecia.

Eu esquentava, fervia, ardia. Qualquer coisa relacionada ao fogo tinha a ver com aquela sensação de senti-la por completo.

Agatha continuou com suas mãos em minhas costas. Amanhã eu teria marcas vermelhas provocadas por suas unhas. Me inclinei mais,
PERIGOSAS ACHERON

deixando meu corpo sobre o de Agatha enquanto me mexia. Nossos corpos eram uma mistura inebriante de prazer e suor.

Senti os mamilos duros de Agatha roçarem meu peito com os movimentos que fazia. Era uma delícia senti-la tão perto de mim.

Agatha se remexia embaixo de mim, mas eu não dava muita oportunidade para ela se mexer porque eu estava dando estocadas rápidas. Ela gemia, estremecia, me arranhava, chamava meu nome, sussurrava coisas incoerentes e voltava a fazer tudo de novo.

— Foda! — Eu tinha plena consciência de que tudo que eu dizia era, de certa forma, incoerente, mas eu não estava sendo completamente coerente desde o do primeiro dia que eu a conheci.

A cama não parava de ranger e nós não

PERIGOSAS ACHERON

parávamos de gemer. Minhas estocadas se tornaram cada vez mais frenéticas e nossos gemidos se misturavam quase em um só.

— Christopher! — ela praticamente gritou fazendo todo meu corpo estremecer ao ouvi-la gritar meu nome.

Coloquei uma palma na cama e outra na coxa de Agatha, me dando mais espaço para tirar e penetrar toda minha extensão novamente. Os seios de Agatha balançavam com meus movimentos e eu abaixei minha cabeça, abocanhando um de seus mamilos, que em meus lábios ficaram ainda mais duros.

Chupeí seu mamilo e o mordisquei, deixando minha barba roçar em seu seio, Agatha colocou uma de suas mãos em meu cabelo que estava espalhado, e o puxou de leve, me fazendo gemer em seu mamilo, mas sem tirar minha boca dele.

Eu não demoraria muito mais e achava que Agatha também não. Mordi um pouco seu mamilo e fui até o outro, sem negligenciar nada referente a seu corpo.

Ela gemeu em meio ao seu corpo que estremecia e, pouco depois, quando parei de chupar seu mamilo, senti que meu clímax estava bem mais perto do que gostaria, porém, essa noite estava apenas no começo.

— Ruiva! — Gemi sem parar de dar rápidas estocadas.

— Christopher! — Mesmo já tendo atingindo o seu próprio clímax, Agatha gemeu entre sussurros e respirações ofegantes.

Minha respiração entrecortada se tornou sem fôlego e deixei meu corpo deitar sobre o dela enquanto aproveitava a minha própria onda de prazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXIX

Agatha

Trinta e seis semanas.

Exatamente nove meses. Eu encarava

Soraya e sua enorme barriga.

— Tem certeza que você não sente nada?

Ela sorriu e eu afofei as almofadas embaixo de suas pernas.

— Não, nada diferente do usual. Além de muito peso. Deus, como é difícil andar!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se incomoda em ter engordado?

— É por uma boa causa, então não me incomodo.

— Isso é bom. — Acenei e encarei minhas unhas. — Apesar de tudo, nenhum de nós quer seu mal.

— Eu sei, Agatha. Se quisessem isso, eu tenho certeza que não estaria mais aqui há muito tempo.

— É verdade — comentei me ajustando ao lado dela no sofá. — Em alguns dias, hospital.

— É, hospital... Será que meu período está normal?

— Período de quê?

— Para o parto.

— Eu pesquisei na internet sobre isso, você não? — Era uma retórica, sendo assim, continuei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a data provável do parto é calculada para quarenta semanas após o primeiro dia da última menstruação. Um bebê que nasce antes de trinta e sete semanas é considerado prematuro e, após a quarenta e dois, pós-termo.

— Meu Deus. Você gravou o que leu da internet?

— Sim. — Dei de ombros, mas sorri. — Acredito que ele nasce em trinta e sete certinho.

— Ele?

— Só modo de dizer. — Levantei meus braços.

— Sério? Não pensa que é ele?

— Não tento pensar sobre isso. Agora estou focada em organizar seu parto.

— Não está tudo certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está, mas nunca confio plenamente em algo que não é feito por mim.

Soraya riu alto.

— Eu, que sou eu, não estou com medo.

— Nenhum pouco?

Franziu seu lábio.

— Não exatamente. Acredito que sentirei mais no momento, ainda parece distante demais, mesmo com essa barriga.

Eu sorri.

— Tudo ficará bem. — Queria acreditar no que eu mesma dizia.

Soraya acenou e sobre ela eu não me preocupava. A sua gravidez estava tranquila. O bebê estava saudável e ela tanto quanto. Porém, o que me levava a pensar era exatamente o depois. Como eu reagiria quando o bebê nascesse? Será

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu saberia sequer carregá-lo? Será que eu me sentia bem em ter aceitado Chris em minha casa junto com um bebê que não era meu filho? Será que eu estava fazendo certo? Será que eu estava colocando a minha relação com Chris a risco?

Eu deveria ter feito algum curso para aprender a colocar fralda! Deveria ter lido livros sobre como ser uma boa mãe — madrastra; eu sei lá. *Alguma coisa!* Eu não me sentia preparada para isso.

Eu tinha conseguido criar uma agência de modelos do zero a estabilidade. Conseguia ter uma boa renda fixa em um trabalho que não era estável para a maioria dos meus concorrentes. Conseguia pagar um salário de alguns funcionários fixos. Conseguia pagar a alguns prestadores de serviços.

Consegui até mesmo estabilizar o meu emocional depois de todo o meu casamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No fim, eu consegui muitas coisas, eu sabia que sim. Porém, somente em pensar em colocar o bebê em meu colo, eu me sentia errar. Havia como errar em carregar no colo? Provavelmente. E eu não sabia qual seria meu erro.

Cuidar de números, funcionários e contratações era simples, objetivo e estatístico. Cuidar de um outro ser humano? Esse seria meu maior desafio.

— Você está bem? — Soraya colocou uma mão em minha testa. — Está suando frio.

— É só...

— Nervoso? — Ela completou quando eu não conseguia.

— Um pouco de tudo. Acho que estou hiperventilando.

A menina riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, é natural a tensão antes de ser mãe. Às vezes, o melhor a fazer é respirar fundo.

Eu a encarei, acreditando que ela estava brincando comigo, porém, quando a vi de olhos fechados e realmente respirando fundo, estranhei.

— Você está falando sério?

Ela abriu só um olho.

— Você acha que não? Agatha, você não tem noção de quantas vezes me falaram isso. Detalhe: eu não tinha pedido a ajuda de ninguém. Acho que as pessoas pensam que todas as grávidas são loucas e necessitadas de atenção e ajuda.

— Não tenho como saber qual é esse sentimento. Normalmente as pessoas não se sentem à vontade comigo, então, nunca falam demais.

— Você tem sorte. Elas não te incomodam.

— Realmente, tem sua vantagem...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, — Ela levantou um dedo. — estou falando sério sobre respirar fundo. Ajuda, de verdade. Nem tudo que essas pessoas aleatórias falam é mentira.

— Tá de brincadeira que você quer que eu comece a respirar fundo em um dia completo de caos e trabalho com Chris levando Benny outra vez ao hospital sem mim?

— Sim. Respire. Fundo.

Pensei em discutir ou levantar e ir para o meu quarto, mas lembrei de meu combinado com Chris; eu cuidaria de Soraya e ele de Benny. Porque quando fosse o período de parto, ele ficaria com ela e qualquer coisa que Benny precisasse ficaria por minha conta.

No fim, respirei fundo, porém, em meu terceiro suspiro para eliminar a tensão, Soraya gritou e segurou minha mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha bolsa estourou!

PERIGOSAS ACHERON

XXX

Christopher

Os resultados dos testes de Benny não apresentaram nenhuma melhora. Ele continuava com câncer e

continuaría fazendo os exames e a quimioterapia.

Dentro do hospital, esperei que ele esbanjasse alguma expressão, mas ele continuou sério. Na verdade, eu acreditava que nunca o tinha

visto tão sério. Não era uma expressão que demonstrava tristeza, era uma expressão que não demonstrava nada.

Seus ombros estavam rebaixados, mas sua cabeça tinha postura, ele encarava pontos fixos a sua frente enquanto caminhava.

Poderia dizer que ele carregava a dor do mundo. Nunca pensei que veria alguém carregar tanto peso como ele. Nunca pensei que era possível carregar tanto peso.

Fora do hospital, ele caminhava encarando o céu. Não falava nada, continuava sem demonstrar nada.

Não o perguntaria se ele estava bem, mas o que eu faria então? Nada? Me manteria a segui-lo até o carro?

— Eu quero Agatha. — Foi o que Benny falou assim que deixou de olhar para o céu e me

PERIGOSAS ACHERON

encarou.

Eu o entendia, de certa forma. Ele sabia que eu não poderia ajudá-lo nesse momento, mas ela sim. Seja pela sensibilidade, seja pela amizade deles. Eu não deveria estar com ele naquele dia, para aquela notícia.

— Tudo bem. — Acenei e já não sabia como completar aquilo.

Ofereceria um abraço? Deixaria que ele me socasse para esbravejar? Gritaríamos assim que entrássemos no carro?

Pois é. Talvez Agatha soubesse o que fazer; eu, por outro lado, não fazia ideia.

— Queria te ajudar — admiti assim que nós nos aproximamos do carro. — Queria saber o que fazer. A cada passo que dou penso em como te ajudar, em como mostrar alguma cumplicidade.

Ele parou de andar e eu também. Me encarou, mas não sorria. Eu olhava para o resto do Benny de sempre. Uma versão obscura daquele homem sempre tão alegre.

— Chris, você está no hospital comigo há mais de três horas.

— E daí? — Abri meus braços.

— Algumas pessoas não esperariam nem três minutos. — Ele franziu seus lábios e bateu em meu ombro. — Eu sei que você se importa comigo. Eu sei que você quer me ajudar, você já está ajudando. É só que agora... exatamente agora, eu preciso da minha melhor amiga e não de seu futuro marido.

Eu sorri pelo “futuro marido”, mas disse:

— Você não me considera seu melhor amigo?

Consegui tirar um esboço de sorriso de

PERIGOSAS NACIONAIS

Benny e ele voltou a andar. O acompanhei mais leve e ao mesmo tempo mais pesado. Mais leve por ele também entender que eu não poderia ajudá-lo, mais pesado por sentir a minha impotência.

Em meu carro, ficamos em silêncio, apenas ouvindo as músicas aleatórias. Não era como se desfrutássemos da companhia do outro. Era como se não tivéssemos saída e tivéssemos que aceitar a existência do outro.

Tentei dirigir um pouco mais rápido, para que pudéssemos chegar o mais rápido possível na casa de Agatha.

No meio do caminho, a música no rádio foi cortada pelo som do meu toque do celular conectado ao meu carro.

Benny o atendeu e colocou no viva-voz.

— Está no viva-voz, baby — falou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris está aí? — Sua voz soava abafada, rápida.

— Estou... O que houve?

— Soraya. Soraya.

— O que com Soraya? — questionei.

— Agatha? — Benny interveio quando ela não respondeu de imediato.

— Soraya.

— O quê? — gritei.

— A bolsa dela estourou! Estou a levando ao hospital.

— Calma! — Benny falou quando eu arregalei meus olhos. — Encoste!

— O quê? — Agatha e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Encoste, Chris. O carro!

PERIGOSAS ACHERON

Eu encostei e Benny puxou seu celular de seu bolso traseiro. Em poucos segundos me deu e apontou para o meu cinto de segurança ainda afivelado.

— Eu dirijo!

— Quê?

— Não quero um homem enlouquecido dirigindo. Prezo pela minha vida.

Mesmo naquele momento, eu ri e saí do banco do motorista, pulando para o carona quando ele saiu do carro e deu a volta. Rapidamente ligou o carro novamente e para o meu celular, com Agatha, falou:

— Está me ouvindo, Agatha?

— Estou.

— Chris, leia o site para ela.

— Que site? — Eu o encarei e ele gesticulou

com sua cabeça para a minha mão que estava com seu celular antes de voltar a sua atenção completa para o trânsito.

— Certo... Lá vai: *Quando a bolsa do líquido amniótico estourar, o que se deve fazer é não entrar em pânico, limpar-se, colocar um absorvente noturno, ligar para o médico e ir para a maternidade, pois tudo indica que o bebê vai nascer.*

— Okay — Agatha parecia ofegante. —, estou voltando para dentro de casa e pegando mais coisas. Soraya está indo para o banheiro.

— Continue, Chris — Benny mandou.

Eu ri, mas continuei, estava me acalmando enquanto lia, mas ao mesmo tempo, estava tenso por não estar com Agatha e Soraya.

— *O absorvente vai ajudar os médicos a perceber a coloração e a quantidade de líquido*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amniótico perdida, avaliando se há algum risco para a mulher ou para o bebê.

— Mais alguma coisa? — Benny questionou.

— Deve-se buscar ajuda médica urgente quando a bolsa rompe antes das trinta e sete semanas de gestação...

Eu prendi meu ar.

— Ela tem menos de trinta e sete.

— Calma, Chris! — dessa vez era Agatha quem falava — Ela tem trinta e seis e mais alguns dias quebrados, para os médicos deve valer como trinta e sete.

— É verdade.

— Está tudo bem. — Benny parou em um sinal vermelho e colocou uma mão em meu ombro, o batendo.

O encarei.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigado.

— Ao dispor. — Ele riu e continuou com
Agatha: — Para que hospital nós vamos?

XXXI

Agatha

*Tínhamos chegado ao
hospital sem desespero.* Chris e Benny

chegaram antes de mim e Soraya porque já estavam
mais perto do que nós. Sendo assim, Chris
acompanhou Soraya junto com os médicos para
uma sala a parte que era proibida a entrada de

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoas que não fossem parentes da grávida.

Benny e eu nos sentamos na recepção e encaramos o ambiente ao redor.

— Acho que Chris dirá que você não preciso ficar por aqui — eu disse a Benny. — Não queremos que você fique mais tempo do que o necessário em um hospital.

Ele acenou.

— Eu sei. — Mas não saiu do lugar.

— Benny — retomei —, eu posso ir com você para casa, se quiser.

— Agatha, — Ele me encarou. — eu quero ficar.

— Me desculpe, está bem? — disse — Estou tão cansada com tudo isso que eu estou superprotetora, como se você fosse uma criança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Percebi. — Ele sorriu.

Coloquei minha cabeça sobre seu ombro e admiti:

— Estou com medo do depois.

— Você vai se sair bem. Você será uma ótima mãe. Veja como cuida de mim? — Gargalhou e eu não consegui deixar de acompanhar seu riso.

Meu amigo passou seu braço sobre meu ombro e eu me senti protegida.

— Eu não sei se eu quero ser mãe. Essa é a questão.

— Eu entendo, baby. — Ele inclinou sua cabeça e eu levantei a minha para conseguir olhá-lo nos olhos. — Mas você será. Você entende que você será?

— Eu sei...

PERIGOSAS ACHERON

— Acredito que o primeiro ponto é admitir que você ama Chris e que você aceita essa criança, porque você o aceita.

— Eu sei... — repeti.

— E convenhamos? Eu tenho certeza que ele te aceitaria grávida de outro.

— Ian me falou a mesma coisa.

— E o que você disse?

— Que eu não estou grávida de outro para ele ter tanta certeza disso.

— É uma verdade, mas nós, às vezes, temos certezas de coisas das quais ainda não aconteceram. Sabe por quê?

— *Ahn?*

— Acho que é como a matemática. Você não precisa saber todas as equações do mundo para ter todos os resultados, às vezes você precisa apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

do básico e um pouco além disso para ter a lógica.

— Por favor, Benny. Fale como um humano da vida real!

Ele riu.

— Eu sei que você será uma boa mãe, porque você é uma boa amiga.

— Mas ser mãe e ser amiga é tão diferente!

— Pode ser, mas acredito que há muitos traços de uma amiga em uma mãe.

Pensei na minha mãe. Sentia falta dela, mas parecia que ela tinha partido em outra realidade, quando eu era uma outra Agatha. Imaginei como seria minha vida se ela estivesse aqui. Imaginei se ela sentiria orgulho de mim. Ela gostaria de Benny? De Chris? Ela acharia uma loucura eu ter deixado Soraya em minha casa? Ela aceitaria as escolhas que eu fiz, os erros que passei?

PERIGOSAS ACHERON

O que minha mãe pensaria de mim, afinal?

— Vamos ficar por aqui em algumas horas, você sabe, não é? — perguntei a Benny que acenou e se ajustou ainda mais no banco, praticamente se deitado.

— Estou me preparando psicologicamente para isso. — Riu. — Mas, sinceramente? Acho que já me acostumei.

— Não deveria. Sempre é ruim.

— Eu sei bem.

— Falando nisso, como foi hoje? Alguma novidade?

— Não — ele disse. — Tudo na mesma.

— Você não iria pegar os resultados de alguns exames?

— Fui.

— Então?

Benny suspirou pensadamente.

— Benny!

— O quê? — Ele parecia cansado.

— Qual foi o resultado? O câncer está em remissão?

Ele continuou me olhando por tanto tempo que eu achava que a cada segundo ele queria me dizer uma coisa diferente ou fazer alguma coisa diferente.

No fim, eu o abracei. Eu tinha feito uma pergunta idiota. Se ele não queria dizer em alto e bom tom o que tinha acontecido, era claro que a resposta não era boa. Benny tinha essa teoria de que quando uma coisa era falada em voz alta, a tornava mais real.

Ele aceitou o meu abraço e deitou sua testa em meu ombro. Normalmente nós chorávamos

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos, alto e levemente desesperados quando estávamos bêbados. Mas, hoje era diferente. Era pra ser um dia feliz.

Sendo assim, seu choro foi baixo, quase fungando, envergonhando por fazê-lo. Era um choro com vergonha. Todo o corpo de Benny tremia e eu não conseguia não chorar também.

Provavelmente permanecemos assim por longos minutos, até cansarmos o suficiente para inclinarmos na cadeira, a usando como cama ou poltrona. Gostaria de ter um lençol para nos cobrir e fingir que ele era poderoso para nos cobrir do resto do mundo também.

Mas éramos visíveis. Por bem ou por mal, éramos visíveis. Depois de permanecermos praticamente deitados na cadeira, Benny e eu fomos para respectivos banheiros e eu lavei meu rosto, tentando diminuir a minha aparência

PERIGOSAS ACHERON

vermelha pós-choro.

Quando saí do banheiro, o encontrei na cadeira e eu rosto já parecia melhor que o meu. Me sentei ao seu lado e voltei a colocar minha cabeça em seu ombro.

Pouco depois disso, Ian apareceu e esperou junto conosco o nascimento do primeiro — e possivelmente único — filho de Chris.

XXXII

Christopher

Eu não queria contar para ninguém, mas meu desejo era que fosse uma menina. Não que eu me decepcionaria se fosse um menino, porém, me imaginava lidando melhor com uma garotinha do que com um garoto.

Eu tinha falado para Agatha exatamente o

contrário. Precisava me contradizer. Eu até mesmo tinha sonhado com uma bebê na última noite — ou na penúltima. Se era o que aconteceria ou simplesmente meu desejo materializado em sonho, eu não teria como saber até o momento que o médico falasse qual era o sexo.

Soraya apertava minha mão, quase torcendo meus dedos dentro da sala de parto e me xingava. Recorrentemente me xingava.

Eu não conseguia descrever bem aquela sensação proveniente das horas do parto; uma parte de mim achava que as horas haviam disparado; outra parte acreditava que tinha se rastejado.

Por mais que eu quisesse ver o bebê, mais parecia que o tempo demorava a passar. No entanto, em determinados momentos, mais vontade eu tinha que o tempo demorasse, e ele parecia acelerar. Não estava com medo, estava ansioso,

tenso, um misto de sensações.

Eu seria pai. Não foi esperado ou sequer querido, porém, nos últimos meses eu não conseguia parar de pensar em outra coisa sem ser em minha futura paternidade.

Não tinha falado com meu pai e não sabia quando falaria sobre. A única pessoa da minha pequena família que sabia sobre o bebê, era a minha tia e, em consequência, meu tio. Eles não poderiam estar comigo naquele momento, mas eu não duvidava que o quanto antes viriam para Salvador. Minha tia detestava viajar, mas dessa vez ela teria um bom motivo.

A mão de Soraya na minha se tornou mais frouxa e eu encarei o ponto que ela encarou. Fora da sala de parto, havia uma pequena janela de vidro, obviamente dando para ver a sala, mas era claro que apenas pessoas autorizadas poderiam

estar nela e como só permitiam parentes e os pais do bebê, eu era o único autorizado.

— Quem é aquele?

Encarei o homem fora da sala e já estava preste a sair dela, o mandando embora quando Soraya agarrou novamente minha mão com a maior força que era possível naquele segundo.

— Meu pai.

Me contive e encarei o senhor com outros olhos. Acenei e ele não correspondeu. A todo o segundo ele olhava apenas para Soraya. Não sabia se ele queria matá-la ou estava desesperado pela falta que sua filha deveria fazer. Eu somente não esperava que aquele homem fosse um problema na paternidade completa de meu bebê.

Soraya deu um grito agudo e sua mão tanto apertou a minha quanto enfraqueceu seu aperto em questão de segundos. Encarei as mãos do médico e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me foquei nelas até perceber que elas não estavam vazias.

— É um menino! — gritou.

Já não me interessava a minha vontade de ter uma menina. Eu só pensava no meu menino.

Era um menino!

Eu era pai de um menino.

Meu Deus, eu sou pai!



O médico, como de praxe, fez menção de entregar o bebê para Soraya, no entanto, ela negou e apontou para mim.

Eu fui o primeiro a carregar meu filho nos braços. Era de se esperar seu tom de pele tão

PERIGOSAS ACHERON

branco e seus olhos tão negros. Ele tinha um pouco de cabelo, ralo e tão negro quanto seus olhos. Imaginava que, por causa de mim e de Soraya, seu cabelo seria extremamente loiro e aos poucos escurecesse, mas eu não duvidava que o contrário também acontecesse.

No demais, eu não teria como dizer que era parecido com nada. Bebês, para mim, não se pareciam com nada. E, por isso, o encarei por um longo momento, até uma das enfermeiras o pegar de volta e levar para a incubadora, não sem antes perguntar se Soraya queria carregá-lo, ela negou.

Com certeza Benny ou Ian brincariam que olhei para o menino para que não o trocassem na maternidade.

Levaram Soraya para um quarto, onde ela pediu para que eu não a acompanhasse, já que provavelmente seu pai gostaria de falar com ela a

sós.

— Onde eu posso ficar com o bebê? —
perguntei a uma das enfermeiras.

— Como?

— A mãe precisa de um momento com seu pai, então gostaria de ficar em outro quarto com o bebê — comentei, ingênuo. — Ele será logo retirado da incubadora, não?

— Ele não foi para a incubadora, querido. Incubadora é para os prematuros.

— Então?

— Berço aquecido. — Ela sorri, provavelmente está acostumada em explicar sobre o passo a passo e continuou falando enquanto saímos da sala: — Logo que o bebê nasceu, o obstetra o entregou para o pediatra que aspirou as secreções da boca e narinas, limpando a passagem

PERIGOSAS NACIONAIS

de ar para que possa respirar sozinho pela primeira vez. Certo?

Acenei e ela continuou:

— Depois é feita a ligadura do coto umbilical e, no primeiro minuto de vida, o Teste de Apgar, repetido no quinto minuto e até no décimo de acordo com a necessidade do bebê.

— Isso eu sei — falei mais confiante. — É para avaliar o monte de coisa.

Ela sorriu.

— Exatamente, avalia o ‘monte de coisa’ necessária. Como a mamãe pediu para não o levar a ela, nós não o levaremos para mamar e sim para uma sala para ter um banho, medir peso e altura, tamanho do tórax, crânio do bebê e ainda ele recebe uma dose de vitamina K para prevenir a doença hemorrágica do recém-nascido.

PERIGOSAS ACHERON

— A amamentação é necessária demais?

A enfermeira parecia não querer confirmar completamente para não demonstrar sua opinião contrário a Soraya, no entanto, soltou, em uma maneira didática e imparcial:

— A amamentação na sala de parto acelera a saída da placenta e aumenta o vínculo mãe e filho.

Não poderia dizer a ela que não queríamos vínculo.

— Ela pode “retirar”, sei lá, o leite e entregar?

Ela não era muito expressiva, provavelmente nunca tentando demonstrar opinião, com isso, continuou em cima do muro.

— Sim, acredito que é possível.

— Mais alguma coisa? — queria saber tudo.

— Depois o bebê vai para o berço aquecido

para observação por meia hora. A pediatra avalia novamente e outra enfermeira veste e coloca a pulseirinha de identificação. O bebê então é levado para o berçário ou o alojamento conjunto com a mamãe, dependendo da própria escolha da mãe.

— O berçário. Ele ficará no berçário. Posso pegá-lo?

— É só pedir para uma enfermeira dentro do berçário que ela te auxiliará. — Acreditava que essa era a sua forma de dizer não.

— Muito obrigado! — queria dizer que ela era muito paciente, mas não queria me desesperar demais.

— Por nada, querido.

— Qual seu nome?

Eu precisava saber o nome dessa mulher tão paciente junto com o do médico responsável pelo

parto.

— Elizabeth. Elizabeth Campos.

— Você é?

— A pediatra.

— Lisa ou Beth?

Ela sorriu e me direcionava para uma sala que eu trocava de roupa.

— Lisa.

— Prazer, Lisa. Se eu tiver outro filho, irei procurar pelo seu atendimento. — Não sabia se o certo era “atendimento”, mas não diria que iria procurar por ela, poderia soar íntimo, sem querer, demais.

— Agradeço. — Ela acenou e se despediu com um aceno quando eu entrei na pequena sala.

Apesar de conversar com a pediatra, a minha mente repetia uma e outra vez: *Eu sou pai!*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXXIII

Agatha

*Era um menino. Um lindo
menino branquíssimo de olhos negros.*

Gostaria de dizer que era parecidíssimo com Chris,
mas não sabia ao certo. Bebês eram todos iguais.

Como dizia Chris, não se pareciam com nada.

— É lindo o bolinho. — Ian se esforçava

PERIGOSAS NACIONAIS

para enxergar praticamente além do vidro que nos separava do berçário.

— Não chame meu filho de bolinho — Chris rebateu.

— Bolinha.

— Também não.

— Ele já tem um nome?

— Ainda não.

— Vou chamar de bolinha então.

— Sacana!!

Eu ri pela brincadeira idiota dos dois, no entanto também me esforçava para enxergar o bebê. Benny estava calado, mas parecia absorto pela quantidade de vida que encarávamos todas em um mesmo ambiente.

— É lindo — foi o que ele disse no fim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É verdade — foi tudo que consegue responde.

— É meu filho — Chris disse, todo orgulhoso e apertou minha mão na sua. — Meu filho.

Eu entendia que ele queria dizer mais com isso, porém, deixou no ar e eu não questionaria sobre. Apertei sua mão na minha e sabia que a nossa vida mudaria. Continuava não me sentindo preparada, mas aceitava.

— Quando poderemos o levar para casa? — Benny parecia mais animado com todo aquele sopro de ar fresco.

— Esqueci de perguntar isso para Lisa. — Chris bateu em sua própria testa.

— Lisa? — Eu o encarei com a testa franzida e Ian gargalhou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A pediatra.

— Por que você sabe o nome da pediatra?

— Perguntei do médico também. Eles cuidaram do meu filho, Agatha!

Eu soltei o ar em um sopro, mas foi Benny quem falou por mim:

— Christopher é tão estranho.

— Eu? — Meu garoto colocou a sua mão em seu peito, rindo.

— Verdade... Estranho! — Ian entrou na brincadeira e eu revirei meus olhos, mas sem deixar de olhar para o menino.

Mais um homem em minha vida.

Sorri e engoli em seco. Meus olhos se encheram de lágrima, mas eu não sabia exatamente o porquê.

— E Soraya? — finalmente perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu pai apareceu — Chris começou —, está na sala com ela. Nem sei se ela irá querer nos ver.

— Acredito que sim — afirmei. — Nem que seja para só nos despedirmos.

— Eles precisam coletar algum leite dela. — Chris riu. — Nunca pensei que diria essa frase.

Eu sorri e toquei em meus próprios seios, os quais nunca dariam mama.

— Licença, meninos — falei enquanto já me distanciava.

Em poucos passos, Chris já estava ao meu lado.

— Ei... Precisamos conversar.

— Sobre?

— Padrinhos.

— Padrinhos... — repeti, refletindo. — O
PERIGOSAS ACHERON

que você quer dizer exatamente com isso?

Eu olhava para os lados ao caminhar, querendo ver algum banheiro onde eu pudesse entrar.

— Precisaremos de um, não é?

Paramos em uma inclinação do corredor.

— E uma madrinha.

— É, isso — ele falou. — E aí?

— E aí o quê, Chris?

— Precisamos escolher.

Eu ri.

— Você é o pai...

— Agatha, por favor... — Seu sorriso não era presunçoso dessa vez, e sim, sem graça.

Mesmo preocupado, Christopher continuava com sua aparência impecável o que beirava ao meu

incomodo. Seus olhos não estavam fundos por uma semana conturbada de trabalho e preocupação da vida futura. Seu cabelo estava com a aparência de bem lavado e suas roupas não estavam amassadas.

Apenas sua barba. Sua barba era a única coisa que o deixava desarrumado. Ela não estava bem-feita, com isso, queria dizer que não estava bem aparada, já que ele nunca a deixava completamente feita. Os seus fios estavam tortos, um maior do o outro, o deixando um pouco desleixado.

Toquei em sua barba, tentando o ajeitar, o máximo que conseguia.

— Tudo bem, querido. Quem você pensa em chamar para ser padrinho?

Ele sorriu, dessa vez, aliviado e pegou a minha mão na sua, beijando a sua palma.

— Pensei que você poderia escolher. Para

PERIGOSAS ACHERON

mim, é complicado.

— Não sabe escolher entre Ian e Benny?

— Não quero escolher, mas você sabe que naturalmente escolheria Ian.

Eu acenei.

— Entendo, mas e a madrinha?

— Eu não tenho outras amigas além de Júlia e atualmente Yas, irmã de Ian. Mas você mal conhece Yas e acho que chamar Júlia seria muito estranho.

— Por quê? — Ri, já querendo saber se ele pensava o mesmo que eu.

— Não sei se seria legal chamar minha ex-primeira-namorada para ser madrinha do meu primeiro filho.

— Sem contar que seu primeiro filho não é com a sua atual namorada.

Ele gargalhou e balançou sua mão em minha direção.

— Me desculpe...

— O que eu posso fazer?! — brinquei, também rindo.

— Mas, sério. — Ele respirou fundo antes de continuar: — O que vamos fazer?

— Você quer que eu seja mesmo sincera?

— Por favor!

— Eu não o batizaria. Imagino que a sua tia seja religiosa e se você comentar sobre, ela me odiará, mas o menino no futuro pode decidir sobre sua religião ou falta dela. Ian e Benny estarão ao redor da vida dele, independente de serem padrinhos ou não.

— É, você está certa. Ele não precisa disso agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris...

— Sim?

— Isso é realmente o que você quer ou apenas está concordando comigo?

— Você quer que eu seja mesmo sincero?

Eu ri e acenei.

— Por favor! — repeti o ele disse, como ele tinha feito.

— Eu queria uma menina, mas ele é um garoto tão lindo. — Christopher ainda segurava minha mão e me puxou para um abraço, cheirou meu pescoço, me fazendo cócegas com sua barba. — Eu sou pai, Ruiva!

Com isso, eu entendia. Ele não se importava com batizado ou não. Tudo que ele queria era estar com seu filho.

— É realmente incrível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós somos pais. — Ele me incluiu.

Mas eu não tinha certeza se me sentia uma.

— Eu tenho um nome meio louco para o ele.

— Ele segurou meu rosto e seus olhos negros brilhavam.

— Qual?

— Benjamin Salvador.

Engoli em seco.

— Benjamin?

— É um nome muito bonito — falou como se não fosse grande coisa. — E podemos chamá-lo de Ben.

— Por que Salvador?

— Podemos chamá-lo de Sal.

Eu gargalhei.

— Isso não tem muita lógica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Soa legal, Ruiva.

— Certo garoto, — Há algum tempo eu não o chamava em voz alta de “garoto”, provavelmente estava perdendo o costume. — mas Salvador parecerá um sobrenome.

— É intencional.

— Por quê?

— Não sei se darei meu sobrenome a ele.

— Como?

— Não quero que ele tenha o nome Stuart.

Umedeci meus lábios e mordisquei o meu inferior antes de falar:

— Hoje em dia você já pode dar o nome de sua mãe para ele.

Christopher Tyler sorriu.

— Vou aproveitar esse momento para

PERIGOSAS ACHERON

encurtar meu nome.

— Encurtar?

— Você sabe que meu nome é Christopher Tyler Menezes Stuart Júnior? Nem teria lógica ter o Júnior se tenho Menezes que meu pai não tem. — Ele balançou sua cabeça. — De todo modo, eu tenho dois nomes e dois sobrenomes... E que porra é o Júnior? Nem sei.

— E quer retirar o Júnior então?

— Quero ser apenas Christopher Tyler Menezes.

— Você tem certeza?

— Tenho. Não é somente por causa de meu pai, é que não gosto desse nome gigantesco. É péssimo.

— Não sei se é tão fácil assim “encurtar”.

— Descobrirei, mas é provável que seja. —

PERIGOSAS NACIONAIS

E deu de ombros. — Meu pai sempre me abandonou mesmo.

— Chris... — Queria que ele conversasse sobre isso, sentia que aquilo sobre o seu pai estava o deixando fora de lugar.

No entanto, ele me cortou, sorrindo e agarrando meus braços.

— Benjamin Salvador?

— Benjamin Salvador — concordei.

— Benjamin Salvador Lancellotti Menezes. É um outro nome gigantesco... *Tadinho!*

E riu. Não queria dizer que não tinha certeza que o bebê levasse meu nome. No entanto, não disse nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXXIV

Christopher

Preferi não contar sobre o nome do bebê ainda. Antes, nós nos despediríamos de Soraya.

Na verdade, assim que autorizaram que três poderiam entrar no quarto de Soraya; Agatha, Benny e eu fomos, ainda acreditando na possibilidade de ela passar alguns dias conosco antes de ficar com seu pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupem — foi a primeira coisa que ela disse —, vou ficar com meu pai. Ele alugou uma casa para nós passarmos um tempo até eu me sentir melhor e voltarmos para nossa cidade. Enquanto as minhas coisas na casa de Agatha, ele irá buscá-las por mim, se não for nenhum incomodo.

— Não será — Agatha comentou. — Deixarei as suas coisas organizadas.

— Você está se sentindo bem? — já Benny quis saber.

— Estou... — Ela sorriu. — Obrigada, estou.

— Seu pai entendeu essa situação? — queria saber.

— Não completamente, mas ele sabe que nós não poderíamos criar um bebê e que isso é o melhor a ser feito.

PERIGOSAS ACHERON

— É muito... *contemporâneo* da parte dele entender isso — brinquei, rindo.

Soraya continuava sorrindo.

— Sim, bastante ‘contemporâneo’.

— E agora, Soraya? — Me inclinei na direção dela, segurando sua mão.

Ela apertou a minha também. Dessa vez, não com tanta intensidade quanto no parto, mas com sutileza. Seus olhos estavam fixos no meu. Era um momento nosso, particular. Tínhamos dado vida a uma criança, apesar de tudo.

— Christopher, eu penso que o mais certo, em respeito de tudo e todos, é que nós não tenhamos mais contato.

— Concordo. — Acenei.

— Mas, antes de continuar... Como ele é?

— Lindo, Soraya... Saudável, grandão!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fico feliz. — Seus olhos estavam marejados. — Agora, Chris...

— Contato. Nenhum. — Meio sorri, meio balancei minha cabeça, sei lá porquê.

— Não quero saber nem o nome dele. Prefiro que seja assim.

— Tudo bem. — Continuei assentindo.

— Se não incomodar, — Ela olhou para Benny. — quero apenas poder continuar falando com Benny.

— Eu sou um homem crescido — ele respondeu. — Entendo a situação, mas eu respondo por mim mesmo. Não vai me incomodar.

— Obrigada. — Lágrimas escorriam de seus olhos, devagar.

— Gostei de te conhecer, menina. — Benny agarrou a mão livre dela e aquela era a primeira vez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu me dava realmente conta que ele era um homem mais velho, no mínimo mais de dez anos do que eu.

— Também — Soraya disse.

Agatha interveio no momento que as nossas mãos se desentrelaçavam:

— Você realmente não quer saber nada sobre?

— Não. É melhor para todos.

— Nem mesmo o nome?

— Nem mesmo isso.

Minha Ruiva me olhou, eu não sabia se ela esperava que eu dissesse algo sobre ou se confirmasse para ela. No fim, balancei minha cabeça em sua direção. Ela sorriu.

— Eu não sei o que Chris pensa — Benny pontuou —, mas acho que é mais saudável assim.

PERIGOSAS ACHERON

Suspirei tirando um peso de meus ombros. Há todo o momento eu pensava se Soraya iria querer saber demais sobre o menino ou talvez, no último momento, desistir de me dar a guarda total, mas ela parecia convicta com sua posição e não querer saber o nome do menino, me deixava ainda mais aliviado.

— Eu também concordo.

— Acho que é isso. — Soraya franziu seus lábios. — É o nosso adeus, pessoal.

— É o nosso adeus — repeti, mas havia um aperto em meu peito.

Não, eu não sentiria falta de Soraya. Não, eu não a queria como mãe de meu filho ou presença. Apenas que era um fato consumado que ela sempre seria a primeira mulher que deu à luz ao meu primeiro filho. Ela sempre seria a mãe biológica, por mais que não houvesse amor, sequer convívio.

Eu não a julgava por deixá-lo. Nunca a julgaria. Ela foi, do início ao fim, honesta comigo. Admitiu que não queria aquela criança, mas cuidaria dela, como possível, como necessário.

— Obrigado — eu sussurrei enquanto me inclinava para um abraço.

Nos últimos meses, eu mal tinha encostado nela. Apenas, ocasionalmente, em sua barriga, fosse para acariciá-la ou ouvir os batimentos do bebê ou senti-lo chutar.

Sempre me lembraria, da primeira vez que ela me disse que o bebê chutou. Foi antes de eu contar a Agatha sobre, apenas algumas noites antes.

Eu provavelmente estava no milésimo sono quando a porta do meu quarto começou a ser, praticamente, esmurrada. Como eu já estava habituado com a presença dela naquela altura,

PERIGOSAS ACHERON

apenas me levantei nas pressas e peguei a camisa que deixei sobre uma cadeira ao lado da cama, pensando exatamente caso ela precisasse de mim, tanto que, eu vestia uma bermuda.

Abri a porta desesperado e ela levantou suas mãos.

— Não é nada grave.

— Porra, que susto! — Passei as minhas mãos em meu cabelo. — O que foi? Desejo?

— Não... é que... ele está chutando.

Esfreguei meus olhos, como se esfregasse meus ouvidos, já que a minha intenção era ter a certeza que escutei o que escutei. Porém, pedir coerência a um homem que logo, logo descobriria que era algo em torno das três da manhã, era inconcebível.

— Desculpe... — Soraya começou — Você

não quer saber, é idiotice...

Segurei seu pulso com cuidado enquanto ela fazia menção de se virar e apontei para a sua barriga.

— Posso?

— Claro. — Seus lábios estavam franzidos, timidez ou não, eu não sabia definir.

Nós já tínhamos tido uma noite, era verdade. Mas era uma noite completamente casual, onde mal se perguntava o nome. Foi sem vergonha, mas também sem luz. Agora, era diferente. Não porque estava claro, não porque estávamos completamente sóbrios, mas porque o momento era outro.

Com a permissão dela, me ajoelhei e coloquei minhas mãos em sua barriga. Senti os chutes ocasionais, mas incríveis. Acaricieei sua barriga por um outro momento e se ela fosse minha mulher, a beijaria.

Não negaria, gostaria que ela fosse minha mulher. Não ela, exatamente. Não Soraya. Mas gostaria que a minha mulher fosse a mãe de meu filho.

No entanto, eu encarava a realidade de olhos abertos e engoli minhas vontades para o que de verdade acontecia.

Minha mulher não era a mãe do meu filho primogênito, porém, eu tinha que aceitar e pensar que estava tudo bem. Eu esperava que eu tivesse uma vida longa — e prospera — apenas para encher o mundo de Christophers junto com a minha mulher. Junto com Agatha. E se ela não quisesse, eu teria que aceitar que estava tudo bem também.

— É incrível — disse, ainda oscilando entre colocar minha orelha em sua barriga e passar minhas mãos.

*— Pensei que você gostaria de sentir, ouvir...
não sei.*

Ela riu. Eu ri também.

— Não era o meu desejo — Soraya admitiu —, mas estou feliz que ele terá uma boa família. E quem diria, é realmente um menino!

— Pois é. Um garotão. — Sorri, bobo.

— Só tenho um último pedido — me disse.

— Qual?

Umedeceu seus lábios e encarou para todos os cantos da sala. Suas mãos já não estavam entrelaçadas com as de Benny e sim sobre seu próprio colo.

— Meu pai disse que era bom escrever sobre os meus sentimentos e que, caso vocês queiram dizer para ele que ele teve/tem, não sei, uma mãe

biológica, poderiam entregar a minha carta para ele... Não tenho a intenção de provocar nele alguma vontade de me conhecer no futuro ou dar uma dica da minha existência em algum lugar, é apenas uma carta profunda para que ele, em momento nenhum, se sinta infeliz ou desprezado pela minha ausência.

— Vemos nas histórias isso a todo o momento — Benny falou. — Garoto cresce e procura os pais biológicos depois de ter sido bem criado pelas adotivos... Uma loucura.

— Também acho — Soraya concordou —, mas não sabemos o que se passa na cabeça dessas pessoas.

Ela pegou a carta embaixo do travesseiro e eu a peguei de suas mãos. Encarava seus olhos a dizer:

— Acredite, se falarmos sobre isso algum dia, daremos a sua carta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Todos vocês podem lê-la, se quiser.

— Está tudo bem, Soraya. — Agatha sorria ao tranquilizá-la. — Confiamos em você.

Dessa vez foi ela quem disse em um fiapo de VOZ:

— Obrigada.

As despedidas foram feitas em seguida e enquanto saíamos daquela sala, eu sentia que eu nunca mais veria Soraya. Esperava, de todo o meu coração, que ela vivesse bem e que não se culpasse pela sua atitude.

Eu não a culparia. Nunca a culparia.

PERIGOSAS ACHERON

Extra

Soraya

Meu pai me dizia que

Soraya significava princesa, brilhante,

luminosa, estrela da manhã ou ‘a que é como as

Plêiades’. Era claro que eu o tinha perguntado que

diabos era Plêiades, no entanto, ele explicou

brevemente que eram um grupo de estrelas na

constelação do Touro.

Não fazia ideia aonde era a constelação de Touro, mas parecia legal. Principalmente para uma Soraya de seus dez anos.

Em algumas pesquisas em sites muito confiáveis que diziam para ‘descobrir o significado de seu nome e o que ele dizia sobre a sua personalidade’, eu descobri que, na língua persa este também era o nome atribuído ao planeta Vênus, podendo também significar o tal "estrela da manhã".

Ótimo. Lindo. Maravilhoso. Mas não significava nada. Não mudaria em nada a minha vida e a forma como eu atualmente me via.

Eu não era ‘preciosa’ e eu sentia que meu pai também não me achava mais a sua ‘princesa’. Eu sabia que a partir da minha atitude a nossa

PERIGOSAS ACHERON

interação também mudaria. Acreditava fervorosamente que ele me odiaria.

Receber o seu abraço após o parto, me ajudou. Acalmou minha alma, mesmo assim, me deixou triste. Era o tipo de situação que queríamos imaginar que não seria como nossas expectativas já tão baixas.

— Você me odeia? — perguntei.

— Não, — Aquilo me acalmou para, em seguida, me desesperar: — tampouco me orgulho.

Eu sou uma péssima filha; Pensei. Ele nunca vai me olhar como antes; Concluí.

Entretanto, parecia que eu estava certa, já que, meu pai encarou o chão ao dizer:

— Pode dizer aos seus... ao... a eles... que você ficará comigo.

Acenei. Era provável que meu pai pensava

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu desistira daquela loucura de entregar o bebê. Era provável que ele supunha que a conversa que tivemos no celular, era mentira e que não estaria grávida e entregando o bebê para o pai sem querer participar da criação.

Mas ele viu quando eu neguei carregá-lo. Ele via o meu quarto vazio e ouviu quando eu falei para a enfermeira para não trazer o bebê para mim.

— Você sabe que eu não posso viajar de imediato...

— Eu sei, Soraya. Já cuidei de uma mulher grávida. — Continuava sem me olhar. — Aluguei uma casa — resumiu.

— Certo — murmurei, envergonhada.

— Você deveria escrever.

— Escrever?

— Escrever para o bebê.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei se os pais irão querer dar algo meu para ele.

— Você pergunta, ué. — Me encarou brevemente. — Escreva para essa criança não crescer pensando que você a abandonou sem consciência ou por ódio a ela.

Pegou uma folha de papel que estava perdida em uma bancada ao meu lado e tirou uma caneta de seu bolso. Ainda me deu a minha ficha médica que era levemente grosseira, o suficiente para eu escrever sobre um apoio.

— Não sei o que dizer... — Olhava para o papel em branco.

— O que você sente? Pense em uma criança crescida, consciente e sobre as dúvidas que ela terá sobre seu abandono e a resposta.

Assim, simplesmente, ele se sentou em uma cadeira e tirou um livro de bolso de, *bem*, seu PERIGOSAS ACHERON

bolso.

Meu pai tinha de um tudo em seu bolso. Era um senhor bonito, além das marcas da idade, tinha as marcas da tristeza. Olhos fundos, salientando-se ainda mais pelos óculos de aros finos, mas de grau elevado.

Sua postura nunca era como a atual. Ele era mais relaxado que aquilo e mais sensível que isso. Sem dúvidas, também mais gentil. Mas eu não poderia pedir normalidade diante do momento. Eu teria que aceitar as consequências de minhas ações.

Por isso também, aceitei o seu conselho empurrado e comecei a escrever para o garoto.

Encarei o papel sem saber o que dizer, sabe por quê? Porque eu não tinha o que dizer. De certo, ainda não tenho. Não me parece justo que eu tenha que lhe dizer algo. Me parece mais aceitável

PERIGOSAS ACHERON

que você sinta o que quiser sobre mim e que tudo que você sentir que é justo, não o que eu tenha a dizer.

Não tenho intenção de colocar palavras a minha defesa. Por sinal, penso que você estará melhor sem mim. Você tem uma mãe. Antes mesmo de nascer, você já tinha uma mãe que não era eu.

É claro que no momento ela não teve consciência disso e nem percebeu, mas eu sentia que o coração que batia dentro de mim estava ligado a mulher que te olhava, de fora.

Eu sabia que ela tinha vergonha de te tocar ao tocar em minha pele, mas após a primeira vez que ela colocou sua mão sobre minha barriga e te sentiu, fez isso outras vezes, já sem vergonha.

O toque dela acalmava você. Você chutava muito e eu não comentava que às vezes doía, mas quando ela tocava, acalmava. Você não parava,

mas se tranquilizava, como se sentisse a presença dela.

Ela é a sua mãe. Eu fui apenas um tipo de receptáculo.

Mas eu sei, eu sei de todo o meu coração que não é assim que as pessoas me enxergaram e enxergarão, caso um dia eu comente sobre isso para mais alguém.

Sei que você também não deve me enxergar assim. É natural, caso você sinta raiva de mim. É natural que você me despreze. É natural...

Só quero que você saiba que eu nunca te desprezei. Mas não posso mentir para você, nunca me senti sua mãe. Me desculpe.

Quero que saiba também que eu não te deixaria com qualquer um. Te deixei com Christopher porque percebi que ele cuidaria de você de verdade e tinha uma boa família ao seu
PERIGOSAS ACHERON

redor para apoiá-lo. Se não fosse isso, eu daria um jeito. Você viveria, acredite. Eu aprenderia a te amar. Eu tenho certeza que te amaria.

Mas, me desculpe quando eu admito que não me sentia preparada para tentar.

Sinceramente? Acredito que você terá uma melhor vida sem mim. Você será amado, tenho certeza. Você é amado.

Gostaria de brincar e dizer “use camisinha”, mas tenho certeza também que você é uma dádiva para seu pai. Não sei se você se tornará uma pessoa religiosa, ou, ao menos, crente. Mas se for, ambos sabemos que nosso Deus escreve certo por linhas tortas.

E se você não acredita nisso, tudo bem. Pense que o destino — universo, determinismo que seja —, às vezes nos prega peças e foge de nossas forças.

*No demais, obrigada por ter me tornado uma
mulher mais madura, mais sábia e mais
responsável.*

XXXV

Agatha

*Não precisamos de mais do
que um dia para* levarmos o pequeno Ben —
ou seria melhor chamá-lo de Sal? — para casa.

Ian foi o mais ágil de nós, e apesar de termos nos lembrado de tudo, desde de roupa a brinquedos e mil e uma fraldas, não nos lembramos da cadeirinha do bebê para ser colocada no carro.

— Não sei porque — Ian quem falava

enquanto colocava a cadeirinha encaixada em meu carro — tentam enfiar goela a baixo tantas cores para nós. A primeira coisa que a mulher me perguntou era se era menino ou menina.

— O que você respondeu? — Benny também o ajudava, já Chris e eu apenas o olhávamos.

O bebê estava no colo de Chris. Todo enrolado com as roupas que eu trouxe na hora do parto.

— Que era recém-nascido... — Ria Ian. — Mentira da porra, tinha nem sete meses ainda. Mas para que saber se é menino ou menina? Porque, para ter lógica, essa cadeirinha tem que ser funcional, não estilizada.

— Hoje em dia querem enfiar mesmo cor em tudo — Benny concordava. — Aconteceu o mesmo comigo quando fui comprar uns travesseiros que ficam ao redor do berço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vi uns bonitinhos, mas achei que não serviriam e...

E continuaram falando, mesmo depois de colocar a cadeirinha cinza em meu carro. Eu ri e agradei a Ian, o mesmo fez Chris.

— Só não xingo por estamos na presença de uma criança — brincou a colocando na cadeirinha.
— Quem dirige?

— Eu — respondi. — Pode ficar com ele aí atrás.

— E meu carro?

— Benny dirige e Ian continua no dele — raciocinei.



No fim, deu tudo certo e já estávamos no
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto da criança. Chris era o único que tinha passado álcool e gel em suas mãos e antebraços, por isso, o único que carregava o pequeno.

Benny foi para o seu quarto tomar um banho e Ian usava o banheiro debaixo.

— Você não o quer? — Chris inclinou a criança em minha direção.

A todo o momento, ele dormia. Não sabia se era natural e isso me preocupava. Soraya tinha dado um pouco de leite e o hospital também. Os próximos dias seriam com doações de leite do hospital. E talvez eu pudesse pedir a Benny para se encontrar com Soraya e nos trazer leite.

Assim como Chris, esse era o tipo de coisa que eu nunca achei que diria ou sequer pensaria.

— Não limpei minhas mãos...

— Aqui tem álcool e gel.

PERIGOSAS ACHERON

Chris balançava o bebê pelo quarto e eu suspirei ao encaminhar em direção ao álcool e gel sobre uma penteadeira. Não os usei, apenas os encarei.

— Minha roupa continuará suja... Melhor eu ir tomar um banho antes.

Ele me encarou e sorriu, sem humor.

— Tudo bem, Agatha.

Corri para meu quarto e me senti uma idiota. Eu tinha medo! Merda, eu tinha medo! Não poderia admitir de uma vez? Chris não teria como senti-lo. Ele não estava em minha mente para saber que não era que eu não queria tocar no bebê, era que eu estava completamente tensa.

Tomei um banho rápido, apenas para ficar realmente asséptica e colocar uma roupa limpa. Quando cheguei ao meu quarto, Benny já carregava o bebê.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris foi para o meu banheiro quando eu cheguei — comentou, falando baixo.

Ele estava sentado no chão, com as costas grudadas no berço.

— Ele é bem quieto, não é? — falei, me sentando ao seu lado.

— É, é. Daqui a pouco abre o berreiro.

— Verdade...

— Baby, — Meu amigo me encarou. — acho que ele tomou o seu lugar. Ele é meu novo baby.

— Pensei que sempre seria o seu.

— Com ele você não tem muito espaço.

Eu gargalhei e fingi bater em seu ombro.

— Sabe... — começou Benny — se você está tensa, acho que tem que falar com Chris. Ele disse que você nem o carregou ainda.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não o carreguei.

— Quer agora?

Engoli em seco e assenti. Meu amigo o passou para mim. Percebi, de canto de olho, quando Chris e Ian se encontraram no corredor e começaram a conversar, porém, foquei-me no pequeno em meus braços.

Meu coração disparou. Eu nunca tinha me sentindo daquela maneira. Seu pouco cabelo estava lambido de tão fino que era. E era tão escuro! Com certeza seu cabelo clarearia, assim como sua pele tão branca adquiria com o tempo alguma tonalidade.

— Olá, pequeno — murmurei com medo de acordá-lo. — Bem-vindo ao mundo. Eu sei que ele é complicado, mas nós vamos cuidar de você.

Chris se sentou ao meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, o mundo é meio zoadado — ele brincou.
— Mas não se preocupe com isso ainda.

Eu sorri e o beijei brevemente antes de beijar a testa do pequeno.

— Não, não mesmo — concordei com Chris.
— Você será amado.

— Você é amado, — ele me corrigiu e completou — Benjamin Salvador.

— Benjamin? — meu Benny arregalou seus olhos, mas tentou não aumentar seu tom de voz.

— Salvador? — Ian brincou, como se esse fosse seu nome de alguma maneira, o que não era. Em seguida, também se sentou no chão.

— Pois é — Chris sorriu. — Foi mal, Ian. Não queria homenageá-lo com seu nome...

— Beleza, — O homem sorria. — Benjamin é bem melhor que Ian também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Errr... — Christopher fez um som engraçado, concordando. — Não sou fã de nomes tão curtos. Três letras será o apelido do pequeno Ben ou Sal, ainda estamos nos decidindo.

— Acho que é melhor apelidarmos de Sal — apesar de Benny falar com naturalidade, seus olhos estavam marejados.

— Por que ele é branco pra caralho? — Ian riu da sua própria piada.

— Meu Deus, Ian! — Benny também riu, mas discordou: — Pensei em Sal porque ele é essencial para a vida.

Ian fez um beicinho.

— Nosso pequeno Cloreto de Sódio!

Meu amigo ainda ajudou:

— Nosso NaCi-zinho.

Eu coloquei uma mão em minha boca,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando conter a minha risada. Não sabia se eu conseguia defini-los como inteligentes o suficiente para saber sobre bases químicas ou se os achava uns idiotas.

No fim, preferi acreditar que eles eram uns idiotas inteligentes.

— Jesus! — Chris balançou sua cabeça, desacreditado, mas era claro que assim como nós três, sorria.

Como não? Benjamin Salvador tinha nascido. Saudável, perfeito. Um sopro de ar fresco.

PERIGOSAS ACHERON

XXXVI

Christopher

Sal começou a chorar e

Agatha rolou na cama batendo sua mão

em meu peito.

— É a sua vez.

— Fome?

— Fralda pro-provavelmente... — Seu sono era tanto que ela gaguejava. — Já dei papinha há poucas horas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era claro que Agatha e eu tínhamos voltado ao hospital algumas vezes com Sal, porém preferimos procurar todas as assistências necessárias em volta de Lauro de Freitas, em vez de irmos, todas as vezes, no centro de Salvador.

No entanto, antes de conhecermos os médicos e melhores — se não, únicos — centros de atendimento de Lauro especializados em áreas diferentes da pediatria, ainda fomos para Salvador. Voltei a encontrar a pediatra que estava no parto de Sal e a apresentei a Agatha.

Ela tirou todas as nossas dúvidas do momento e a mais importante sobre mama e alimentação. Com ela, concluímos que bebês que tomavam leite artificial já poderiam comer a papinha depois algum suco e frutas, isso por volta dos três a quatro meses.

Sal já tinha completado seis meses.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve, garotão? — O carreguei, tirando do berço e rapidamente senti o fedor forte. — Jesus, como você consegue produzir algo tão fedorento? Você é minúsculo!

Ele continuava chorando com seus olhos apertados e as lágrimas rolavam compulsivamente. Eu já o trocava em pouco tempo e depois de jogar a sua fralda no lixo, repeti algumas vezes mentalmente que deveria jogá-la no lixo assim que o sol raiasse. Houve um dia que Agatha esqueceu de jogá-lo no sábado, com isso, tivemos que colocá-lo na varanda no domingo para colocá-lo fora de casa, esperando o carro do lixo, apenas na segunda.

Mesmo que o lixo estava, teoricamente, fora de casa, ele fedeu. O quintal ficou empestado com o fedor do cocô do dia todo de sábado e do de domingo. Eu até tinha perguntado a pediatra se era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

normal o bebê fazer tantas necessidades sendo que comia um pouquinho. Percebi que a mulher segurou seu riso antes de confirmar que era normal.

Sal sempre parava de chorar quando nós o colocávamos talco. Às vezes, ele ria. Um riso banguela e muitíssimo engraçado para todos que viam. Nós ríamos com ele e por ele.

O coloquei de volta no berço e ele voltou a chorar.

Bocejei.

— O que foi, menino? — O peguei de volta e ele parou.

Esperei cinco minutos ou mais antes de colocá-lo de volta no berço e ele voltou a chorar. O peguei e o mesmo aconteceu.

— Tudo bem, já entendi — falei com ele e me sentei em uma cadeira de balanço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sempre achei cadeiras de balanços ridículas e desconfortáveis. Agora, eu estava em uma delas com meu filho em meus braços. Me balancei e ele dormiu em meu peito. Eu vestia apenas uma cueca, mas na cadeira sempre deixávamos um lençol para que caso esta mesma situação acontecesse, não precisássemos nos levantar.

Com isso, puxei as bordas do lençol e cobri a nós dois.

Não tinha a intenção de dormi naquela cadeira ruim, mas eu estava cansado demais. Estava trabalhando como modelo e não deixava o teatro de lado. Sendo assim, eu tinha trabalhos em agências, ensaio no teatro e peças. Nada estava dando muito dinheiro e esse era um outro tipo de cansaço, um psicológico.

Fiz a cadeira balançar mais um pouco e aos

PERIGOSAS ACHERON

poucos meus olhos fechavam, cansados demais, com sono demais.

Dormi antes que eu me desse conta, ao menos tinha conseguido desligar a luz do quarto, nos deixando no escuro e no clima confortável do ar condicionado.

— Christopher... — Senti uma mão em meu ombro. — Christopher.

Abri meus olhos devagar e sorri.

— Ruiva, bom dia.

Ela apenas acenou, não me respondendo e pegou Sal em seus braços, o colocando no berço em seguida.

— Melhor você tentar dormir um pouco na cama antes de ir trabalhar.

— Hoje não tenho nada agendado. — Me

espreguicei e me levantei da cadeira.

O relógio da penteadeira de Sal demonstrava que eram pouco mais das cinco da manhã.

Ela caminhou saindo do quarto e eu a acompanhei.

— Não é você quem disse que está trabalhando demais e hoje, plena quinta-feira, não tem nada?

— Às vezes, você sabe, parece não haver nada em lugar nenhum...

— Eu não sei — ela rebateu. — Eu sempre tenho trabalho.

— Você contrata as pessoas. É diferente. — Entrei no quarto antes dela e me joguei na cama.

— Eu já perguntei antes, mas lá vai: você quer que eu te contrate para alguma sessão de fotos? Podemos tirar fotos suas e mandar para as

PERIGOSAS NACIONAIS

empresas. Sem precisar de nenhuma seleção...

— Não — a cortei. — Gosto de seleções. Não gosto de passar à frente de ninguém.

— Você tem potencial. Não seria passar na frente. Seria conseguir por puro mérito, já que as empresas precisariam te aceitar...

— Não...

— Você sabe que se continuar nesse ritmo você não vai conseguir nada, não é?

Me sentei na cama e a olhei parada próxima a porta do quarto.

— Como?

— Os outros modelos têm agentes e uma quantidade substancial de empregados trabalhando para eles. Mesmo os que não têm, têm alguma coisa. Algum tipo de estabilidade. Às vezes, as empresas já vêm até nós com um nome.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está dizendo que eu não vou ter nada? Mesmo que já tendo dito que não quero ser modelo?

— Não é não ter nada. Agora, é um momento diferente. Você é pai e as coisas para ele só ficarão mais caras.

— Eu sei disso, Agatha. — Me levantei da cama. — Porra, você fala como se eu não soubesse que fosse um pai.

Ela fechou seus olhos por um momento.

— Eu sei que você é responsável, mas você realmente está colocando na balança o quão caro são as coisas infantis?

— Eu tenho dinheiro guardado. Não é nada demais, mas era da época que eu morava no apartamento menor e gastava menos. Posso alugar meu apartamento também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris, — Ela parecia querer demonstrar paciência, mas era forçado. — o aluguel do apartamento só pagará a mensalidade da escola.

— Que diabos de escola é essa?

— Pois é. Classe média alta.

— Ricos, você quer dizer.

— Que seja... Ricos.

— Mas eu não sou rico e meu filho também não é. — Bati em meu peito, não por orgulho de não ser rico, mas para enfatizar a verdade. — Eu não pretendo custear para ele uma vida da qual eu não possa bancar. Principalmente pagar uma mensalidade de um colégio maior que o salário do professor.

— Nós conversaremos sobre isso depois — ela comentou.

— Por que não agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está muito cedo. — Agatha balançou a sua cabeça e se sentou na cama. — Estou morrendo de sono e provavelmente Sal acordará daqui a pouco para comer.

Falei, cansado:

— Eu me levanto de novo.

— Você tem que dormir também... —
Aparentemente, ela tinha muito para dizer, mas o sono a ganhava ao ponto de já estar deitando e seus olhos piscarem.

— Mas eu não tenho que trabalhar... —
admiti.

Ela não discordou. Apenas dormiu e eu me deitei ao seu lado, mas não consegui dormir tão fácil.

PERIGOSAS ACHERON

XXXVII

Agatha

*Não queria discutir com
Chris, mas sentia que* precisávamos

conversar sobre as necessidades de Sal.

Ele tinha apenas seis meses, era verdade. Mas desde já, ele precisava dos melhores médicos e em poucos meses precisaríamos deixá-lo em creches. Além de que, hoje em dia, as crianças iam cada vez mais cedo para as escolinhas.

Eu não deixaria *meu filho* em um colégio abaixo do melhor possível. Quer dizer... *Sal*.

Mesmo que eu quisesse conversar com Chris sobre, realmente estava com sono demais para isso. Acordar toda noite me deixava cansada, mesmo nas noites que eu não me levantava.

Quando acordei pela segunda vez no dia, Chris já não estava ao meu lado. Me levantei enquanto me espreguiçava e fui para meu banheiro, depois para o quarto de Sal. Ele não estava mais lá. Desci as escadas com pressa e encontrei Sal em um balanço pequeno próximo da cozinha.

— Chris?

— Aqui. — Ele falou dentro da cozinha.

Olhei para Sal dormindo e entrei na cozinha, o encontrei descascando aipim. Já tinha alguns ovos dentro da pia e uma jarra com café estava pronta. Nesses últimos meses, ele tinha se virado na

PERIGOSAS ACHERON

cozinha, já que eu não tinha tempo para muita coisa. Ele apenas não cuidava da limpeza da casa, o que eu também preferia que não cuidasse, já que seria difícil tendo que cuidar em tempo integral de Sal e, além disso, limpeza não era exatamente uma vocação de Chris.

Mas, ao menos, tudo que ele sujava, ele limpava. Apenas não conseguia varrer direito, porém, ninguém era perfeito. Até mesmo a roupa de Sal ele lavava bem. Eu, por outro lado, trocava bem as fraldas, dava comida e banho. Conseguia fazê-lo dormir quase que magistralmente. De resto, eu continuava sendo uma boa empresária.

Ele se adiantou antes que eu perguntasse:

— Consigo ver Sal daqui.

— Eu sei, imaginei isso — respondi. — Cadê Benny?

— Ainda deitado. Não quis acordá-lo depois

PERIGOSAS ACHERON

dessa semana difícil.

— É, a quimioterapia parece que está piorando para ele — comentei, em um suspiro. — Mas também pode ser os remédios. Tentarei ir hoje com ele ao médico e ele conversará sobre isso.

— É melhor... Se você não puder ir, pode falar com Ian ou Júlia. Ela está fazendo estadia em Salvador.

— Vai morar de uma vez?

— Pelo visto — respondeu.

— Acho que vou conseguir ter uns minutos hoje para acompanhá-lo.

Chris acenou e quando ele não disse nada e colocou o aipim descascado na água já morna, eu questionei:

— O que você vai fazer hoje?

— Nada. Eu não tenho nada para fazer. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua voz foi dura e direta. — Quer ovo com aipim?

— Sim, sim — foi tudo que consegui dizer.

— Não vai demorar muito, — Ele não me olhava. — mas se estiver com fome demais, melhor comer alguma fruta e tomar café.

Acenei, mesmo que ele não olhasse para mim.

Ele já não tinha mais nada para fazer na cozinha. Já tinha colocado o aipim na água e precisava que estes estivessem prontos para fritar alguns ovos. Sendo assim, agora, ele lavava suas mãos por uma quantidade questionável de tempo.

Fechei a torneira.

Suas mãos foram para a pia e não se virou.

— Não vai me olhar?

— Não quero discutir.

— Eu também não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com isso, ele se virou, sério, me olhando fixamente. Deus, como eu amava seus olhos negros! Como eu amava a intensidade deles, a força deles.

— Agatha... meu filho viverá bem.

— Eu sei, querido. Não estou questionando isso, apenas...

— Apenas você quer que eu “dê um jeito” para conseguir bancar coisas das quais eu não consigo.

— Não é tudo sobre você...

Ele me cortou de novo.

— Eu tenho dinheiro. Não para bancar escolas de riquinho, mas tenho para ele ter uma vida confortável, onde nada lhe faltará e...

Era minha vez de o interromper.

— Mas eu tenho. Você nunca parou para

PERIGOSAS ACHERON

pensar que eu queira pagar?

— Não, Agatha. — Ele se afastou daquele canto da cozinha; na posição que ficamos, ainda conseguíamos ver o berço, mas não tão perto, era melhor para que nossas vozes não chegassem a ele.

— Por que não? Não estou dizendo que vou pagar tudo. Podemos dividir bem no papel. Você já ajuda aqui em casa, talvez pudesse dar uma quantia a mais, por dar menos das despesas de Sal...

— Nem pensar! — Ele balançou seu próprio cabelo. — Eu não quero... não quero.

— Por quê? Só quero uma resposta compreensível.

— Eu não quero me sentir inútil. Já basta você jogar na minha cara que eu não tenho emprego fixo... Daqui há uns anos será o quê? Que eu não tenho dinheiro também? Que você é quem paga tudo para mim?

Fechei meus olhos, respirando fundo.

— Eu sinto muito. Não queria que você achasse que eu estava te diminuindo, é que...

— É a verdade? É isso que você vai dizer?

— Não, Chris. Mas é que você precisa admitir a instabilidade do teatro e dos modelos. Eu não sei direito como é no teatro, mas conheço bastante sobre os modelos e às vezes eles dão muito certo, às vezes, não. Como você não quer ser mais modelo, isso diminui bastante a possibilidade de ser destaque em algum lugar desse meio.

Olhei na direção do berço e quando voltei meu olhar para Chris, ele estava sentado no chão, com as suas mãos em sua cabeça e ela inclinada. Eu me sentei ao seu lado e o abracei.

— Chris...

Pensei em abraçá-lo, mas não consegui, me

sentia impotente, mesmo eu não entendendo o porquê.

— Eu vou fazer vinte e cinco e não tenho nada... Você acha que eu não penso nisso também?

— E eu vou fazer trinta e quatro... E você acha que eu acho que eu tenho muita coisa? — Tentei sorrir pelo quase trava língua, mas mesmo quando ele levantou a cabeça, estava sério demais.

— Você tem uma agência, Ruiva. Uma casa comprada por você mesma. Um carro maravilhoso. Tudo que você conquistou por conta própria. O que mais você poderia querer?

— Você — fui sincera ao admitir. — Eu precisava de você e de Sal.

Ele se levantou e olhou o aipim no fogo, com um garfo viu que estava na medida certa e desligou. Sem parar, pegou uma frigideira e colocou duas colheres de manteiga na mesma antes de ligar o

PERIGOSAS ACHERON

fogão e deixá-las esquentar para quebrar os ovos.

— Não vai dizer nada? — eu questionei, me levantando do chão.

— Você só está falando isso para me fazer sentir melhor. — Ele fazia os ovos fritos no automático. — Benny deve querer, né? Mas vou deixar que ele faça, porque ovo esfria muito rápido.

— Não — falei —, eu não falaria nada para te agradar. Eu estou sendo completamente sincera com você, acredite. Eu posso ter estabilidade financeira e eu lutei por ela, mas eu sempre me sentiria vazia sem você.

— Vazia, Agatha? — Mesmo sem o olhar, o imaginei revirando seus olhos. — Como uma mulher que não chora nem com *O Amor Pra Recordar* se sente vazia pela falta de alguém?

— Eu me sinto abalada com *Marley e Eu...*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem não se sente abalado com *Marley e Eu*? Um cachorro morre, Jesus!

Eu não consegui conter meu riso.

— Chris, eu te amo! — Ainda ria. — Viu só? Só você poderia fazer um comentário desses.

Ele desligou o fogão e quando eu pensei que ele colocaria nossos respectivos cafés da manhã, ele se virou em minha direção, limpando as suas mãos precariamente em sua bermuda de pano antes de segurar meu rosto.

— O que foi? — Eu sorria por perceber que meu Chris estava mais leve de um momento para o outro.

Agora ele até mesmo sorria. Um sorriso de canto, presunçoso do qual eu sentia tanta falta e me disse:

— Eu também te amo, Ruiva.

PERIGOSAS ACHERON

Foi quando eu percebi, que eu tinha falado pela primeira vez que o amava. Meu coração deu uma batida fora do lugar e eu já não tinha o que dizer, afinal, era verdade, mas uma verdade que eu me sentia reprimida em dizer para um homem.

Falar que amava Benny ou até mesmo Sal era completamente diferente. Eu amava Benny como meu melhor amigo para sempre e eu amava Sal, simplesmente porque sim. No entanto, quando eu admitia meu amor para Christopher, eu me sentia insegura, como com ambos eu nunca sentia. Eu não esperava o amor de Sal de volta, eu apenas achava que ele merecia o meu e eu não sofreria se Benny não me amasse tanto assim, mesmo que eu soubesse que era recíproco, o que, também, ajudava em me deixar tranquila.

Mas com Chris... Com Chris era diferente. Com Chris eu tinha medo de amar. Tinha medo de

PERIGOSAS NACIONAIS

admitir que precisava dele. Não dependia dele, não pararia de respirar sem ele, mas precisava dele porque meu coração sentia que sim, porque meu corpo implorava por ele, porque meus olhos relaxavam quando os dele olhavam para mim.

Eu o amava ao ponto de incomodar. Não era doer. Não achava que amar doía e sim doía, não era amor. Era obsessão, possessão, qualquer coisa, mas não amor. Acreditava na pureza dele.

No entanto, incomodava ao ponto de eu me imaginar sem ele e ter a consciência que nunca conheceria outra pessoa como ele. Incomodava saber o quão único ele era e o quão feliz eu me sentia por encontrá-lo.

Eu me sentia, de uma maneira sádica ou simplesmente autodepreciativa, incomodada em me sentir feliz. Como se a felicidade daquela maneira, daquela completude, não fosse para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Não era possível, não é? Não depois de tudo. Era como se eu não merecesse tanto amor, tanta felicidade. Era como se eu tivesse aceitado o fato de me sentir incompleta. Era como se eu tivesse aceitado o que meu ex-marido me falava... Que eu nunca seria feliz sem ele.

Mas eu não era feliz com ele.

Eu me sentia feliz agora.

XXXVIII

Christopher

Os olhos de Agatha

começaram a lacrimejar e eu me senti

preocupado. Passei meus dedos, sem jeito, em suas

bochechas depois que suas lágrimas caiam.

— Não era para você chorar.

— É um choro bom.

— Choro bom, Agatha? E isso lá existe...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ficou todo emotivo quando Sal nasceu. — Ela sorria. — Chuto até que na hora do parto chorou.

— Umas lágrimas rolaram.

— E foi um choro ruim?

— Foi um choro um pouco desesperado.

— Desesperado?

— Eu me vi como pai.

Ela continuava sorrindo.

— Mas não foi um choro triste.

— Não, claro que não.

— Então? Foi um choro bom. — Minha Ruiva piscou.

— Mas por que você agora choraria ‘um choro bom’?

— Não sei... Me sinto feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é importante. — A beijei no nariz e encostei minha testa na dela.

— Você está bem?

— Acho que estou sofrendo de alguma crise da meia-meia idade... Será possível?

Riu.

— Não duvido...

— A todo o momento eu penso em quem eu sou no mundo e o que quero deixar nele. Me pergunto se estou fazendo a coisa certa, sobre a minha profissão. Quero abandonar a carreira de modelo, mas sei que ainda preciso dela. Mas seria ótimo só viver do teatro.

Desencostei minha testa e me afastei, pegando alguns pratos e colocando o nosso café. Eu precisava me mexer para não voltar a pensar demais sobre o meu futuro. Eu estava sofrendo de

PERIGOSAS ACHERON

ansiedade.

— Você consegue sobreviver com o dinheiro do teatro?

— Só sobreviver mesmo. Os patrocínios ajudam a poder dividir um valor considerável para a equipe principal e, é claro, a quantidade de ingressos vendida é importantíssima. Mas Salvador é só uma passagem, não dá para ser a casa de nenhum ator.

— Poucas oportunidades, não é?

— É... poucas. — Balancei minha cabeça e encarei os pratos cheio de comida. — Mas não posso me dar ao luxo de pensar em mudança, sei que a nossa vida é aqui.

Agatha colocou suas mãos em meus ombros e encostou, logo depois, a sua boca em meu pescoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está se sentindo infeliz, Chris?

Engoli em seco antes de admitir:

— Estou me sentindo impotente. Infeliz, não.

— Sabe... às vezes, essas grandes emissoras gravam algumas coisas por aqui.

— Mas eu não quero ter nenhum contrato com a televisão. Gosto do ao vivo, de perceber as pessoas me assistindo e gravando as cenas em suas memórias, não em suas televisões para assistir depois ou congelando a imagem para ver melhor um traço X em uma cena Y.

Ela acenou.

— Nós vamos dar um jeito.

— Você, otimista?

Piscou para mim.

— Hoje em dia temos redes sociais.

PERIGOSAS ACHERON

— E?

— E você poderia se divulgar com ela. Não precisava ‘enfiar goela abaixo’, como fala Ian, sobre a sua aparência, mas, naturalmente, se mostrar um pouco.

— Ainda não estou entendendo.

— Você poderia publicar mais fotos em suas redes sociais! É isso. Se mostrar mais, comentar sobre seu trabalho como ator e a carreira de modelo... Ser um pouco verdadeiro nesse meio tão artificial. As pessoas logo veriam o seu carisma natural.

Eu sorri.

— E o que eu mostraria? Não vou vender meu filho nas redes sociais para ganhar nada.

— Não, claro que não! — ela se manifestou de imediato. — De início, você poderia apenas tirar

PERIGOSAS NACIONAIS

uma foto com aparência blasé, depois começar a se mostrar como um homem completo... Que cozinha, limpa a casa.

— Blasé? Mas que diabos é blasé?

Ela balançou sua cabeça como se eu fosse idiota.

— Indiferente.

— Blasé — repeti em um sussurro. — Quem fala isso?

— Mas e então?

— As mulheres me seguiriam. Ganharia pessoas pela minha aparência e nada mais. Só falta você dizer para comprarmos um cachorro... Labrador ainda.

— Pensei nisso. — Agatha colocou uma mão em seu queixo.

— Tá brincando?

PERIGOSAS ACHERON

Deu de ombros.

— Todos começamos de algum lugar, Chris. Nem todos os lugares são os mais bonitos ou mais prestigiados. Às vezes, tudo que você precisa é começar. Eu acredito verdadeiramente que você deveria se mostrar.

— E ter o monte de seguidoras mulher pela minha aparência e apenas porque eu estou aprendendo a cozinhar?

— De fato, no início começaria por isso, mas aos poucos você mostraria a sua figura real.

— E no que isso me ajudaria com o teatro?

Minha Ruiva tocou em meu nariz.

— Patrocínio, querido. Está cheio de gente ganhando patrocínio para tudo apenas porque é famoso nas redes.

— Não sei...

Ela colocou os nossos cafés e deixou a minha xícara ainda sobre a pia enquanto levava o seu prato e copo para a sala. Nesse momento, imaginava que a comida já estava fria.

— Pense nisso como tomar o que é seu por direito. — Aumentou apenas um pouco o seu tom de voz para eu ouvir.

Também peguei minha xícara e prato, o deixei na sala, em uma mesa de centro e puxei Sal para mais perto de nós. Ele dormia tranquilamente.

— Continuo em dúvida — comentei me sentando no chão e encostando minhas costas no sofá. Agatha estava sentada nele e suas pernas roçavam em meus braços.

— Você tem beleza e talento, resta a fama. Algumas pessoas não têm nem uma das duas características e ainda assim tem fama. Você merece tê-la também.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas muitas têm sorte.

Ela se inclinou, beijando minha bochecha.

— Você está comigo... Acredite, isso já diz muito sobre a sua sorte.

Eu não consegui controlar a minha gargalhada e logo em seguida coloquei minha mão em minha boca. Esperei um segundo sem respirar para saber se Sal acordaria ou não. Percebi a mesma tensão sendo emanada do corpo de Agatha. Nada. Ele não acordou. No terceiro ou quarto segundo, respirei em paz e ouvi um baixo “ufa!” de Agatha.

Entretanto, sem esperarmos, Benny acordou e desceu as escadas como um soldado marchando.

— Bom dia, Vietnã!

Ele não gritou, mas foi o suficiente para Sal despertar.

PERIGOSAS ACHERON

Seu choro foi estridente e Agatha e eu encaramos Benny e apontamos para o pequeno ao falarmos em uníssono:

— Sua vez!

XXXIX

Agatha

Eu conversei com um rapaz

do marketing digital da agência sobre

redes sociais e o impacto delas na vida real das

pessoas. Ele era um recém-contratado e respondeu

todas as minhas dúvidas, além de me mandá-las por

escrito.

Era claro que não perguntei diretamente sobre Chris, mas falei sobre os modelos de modo geral e meu novo contratado concordou comigo. As redes sociais surtiam um impacto verdadeiro na vida das pessoas que as usavam do modo certo.

Ele ainda me fez um favor de me mostrar vários casos de modelos de diversas partes do mundo que não era os mais famosos, mas tinham estabilidade e publicidades pagas na internet.

Gostei de alguns casos onde os modelos eram chamados para modelar capas de livros. No entanto, não era um trabalho que eu indicaria Chris, por algumas razões.

- a) Ele não queria modelar.
- b) Poderia fazer seu rosto ser muito comum, muito visto.
- c) Se o livro se tornasse um best-seller seu rosto

seria cansativo.

- d) Se fosse um fracasso, seu rosto estaria sempre atrelado àquilo.

Eu estava passando o meu dia entre trabalhar e pensar no que poderia fazer Chris se sentir feliz. Não queria que ele fizesse algum trabalho forçado, sendo assim, pesquisava algum trabalho de modelo onde seu rosto não se tornasse uma marca ou tivesse a obrigação de um contrato extenso.

Não mentiria que seria incrivelmente irresistível se ele posasse com um cachorro e na cozinha e com Sal. Não precisaria mostrar o rosto de Sal, talvez apenas com ele no colo e Chris sem camisa.

Mas era óbvio que eu não queria exibi-lo assim, porém, eu sabia que se Chris fizesse isso, seria um sucesso. Ele era lindo, charmoso, sensual

PERIGOSAS NACIONAIS

e seria ainda mais, demonstrando uma figura paterna e cuidadora.

No fim, tentei tirar essa ideia da mente. Não usaríamos Sal. Entretanto, um cachorro ainda era viável.



Trabalhei até o meio da tarde, para que tivesse tempo o suficiente para acompanhar Benny ao médico. Nas últimas semanas, ele estava me deixando ir mais vezes com ele. Aparentemente, segundo ele, eu estava mais relaxada e não entendia bem o porquê, já que me sentia em um constante excesso.

Excesso de trabalho, excesso de abstinência sexual, excesso de preocupação, excesso de sono.

PERIGOSAS ACHERON

Chris e eu provavelmente não transávamos a mais de uma semana. O que, para nós, morando juntos e passando tantas horas juntos e que tínhamos uma rotina sexual bastante regular, não fazíamos nada a mais de uma semana. Nós mal nos beijávamos.

Ele estava tão cansado quanto eu estava. Apesar de eu acreditar que ele precisava procurar estabilidade em um trabalho, eu sabia que quando ele estava em casa, ele fazia tudo que podia. Chris tinha essa mania constante de não querer se sentir inútil.

Eu acreditava que ele nunca seria inútil. O homem conseguia aprender de um tudo. Se tornava um faz-tudo e nem Benny ou eu, sabíamos a quanto tempo tínhamos precisado chamar alguém para consertar alguma coisa, tendo Chris em casa. Ele simplesmente conseguia resolver determinadas

coisas. Para ele, parecia tudo tão trivial.

Às vezes, brincávamos que poderíamos pagá-lo pelo trabalho. Benny e eu ríamos, mas Chris nunca parecia muito feliz. Não achava que era pela piada, ele era do tipo de cara que não se importava muito com isso, no entanto, agora, eu acreditava que era pelo fato de não se sentir plenamente conectado a nenhuma profissão.

— Ele poderia tirar fotos como bombeiro para algum calendário. — Benny estava ao meu lado na sala de espera, esperando resultados de alguns exames. Ele estava sentado, de pernas cruzadas e folheando uma revista genérica.

Eu ri.

— Creio que ele não vai gostar disso.

— Não entendo como um cara tão talentoso pode estar sofrendo por profissão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A vida é mais complicada que ter talento ou não.

— Mesmo assim, baby. Pense comigo, ele sabe consertar de um tudo, sabe-se lá com quem aprendeu. Ele atua, modela, é carismático, educado, atencioso. Seu homem é incrível.

— Obrigada pela parte que me comove — brinquei.

— Mas é verdade. Por que você não o faz ver isso?

— Eu? Sou eu quem deveria fazê-lo se sentir profissionalmente bem?

— Você fez comigo quando eu desisti de ser filosofo para ser modelo.

— O que eu te disse mesmo?

— Não vale dizer a mesma coisa para ele. — Meu amigo riu e ainda encarava a revista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nem me lembro do que eu disse para você!

— Ótimo!

No fim, conclui que meu amigo era louco e não poderia me ajudar.

Os resultados de Benny foram positivos em alguns aspectos, mas, ele não estava em remissão. O câncer continuava.

— Às vezes, eu acho que ele me escolheu — Benny comentou na saída do hospital. — E provavelmente eu terei que aguentá-lo até o fim da minha vida.

Não tinha o que dizer, então preferi não dizer nada. Apenas abraçá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

XL

Christopher

Oito meses. Sal tinha

completado oito meses. Eu não via o

momento que ele começasse a falar. Incontáveis

vezes pesquisava as minhas dúvidas na internet

sobre a evolução de um bebê. Descobri que ainda

faltavam alguns meses até Sal balbuciar algumas

palavras. Estava eufórico.

— Seu apartamento alugou bem rápido, não é? — Agatha perguntou, sentada na cadeira que balançava com Sal em seus braços.

Eu estava sentado no chão, na grama em sua varanda, cortando as ervas daninhas.

— Esperava por isso já que ele está mobiliado e as pessoas parecem estar sempre pensando em carnaval, mas, ainda assim, ainda bem! Médico está caríssimo.

— O plano da agência ajudou bastante.

Agatha tinha o registrado como seu filho, sendo assim, mudou a política de sua própria empresa e estendeu seu plano de saúde para Sal.

— É verdade.

— Já estamos pensando em creche? — Era a

PERIGOSAS NACIONAIS

sua forma de perguntar se eu queria colocá-lo em uma creche.

— Não, muito cedo.

— Quando?

— Depois de um ano.

— Certo...

— Agatha?

— O quê? — Nós não falávamos tão baixo, já que Sal estava acordado.

— Eu estava pensando sobre o colégio...

— Colégio?

— De Sal, no futuro.

Ela colocou sua mão em sua testa.

— Tudo bem, Chris. Você não quer que eu pague nada e...

— Eu aceito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã?

— Aceito que você pague. Ajuda aqui em casa e nas contas dele no que eu puder, mas aceito que você pague integralmente o colégio.

— Por que esse desejo agora?

— Não é de agora, estava pensando isso ao longa da semana...

— Você tem certeza?

— Não quero atrapalhar a futura educação de meu filho pela minha posição idiota.

— Chris...

A cortei e encarei seus olhos, deixando de cortar as ervas daninhas:

— Não quero que você pense que neguei isso por não querer aceitar o seu dinheiro. Eu só tenho medo, okay?

— Medo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De que você possa jogar na minha cara sobre isso no futuro.

— Christopher! — Ela me interrompeu. — Eu sei que para você pode ter soado grosseiro quando eu te falei sobre o seu emprego, mas foi por preocupação e não para querer jogar nada em sua cara. Eu nunca faria isso.

— Está tudo bem. Acredito que vou ter que pagar para ver.

— Você não acredita em mim?

— Não é isso, meu Deus! Mas momentos de raiva existem e não podemos saber o que vai acontecer neles.

— Claro, claro. Porque eu sou uma vadia e você não.

— O quê?

— Você é sempre bom e eu quem sou um

PERIGOSAS ACHERON

monstro. Sou só eu quem falo mais grosso, sou só eu quem me estresso; você, nunca.

Ela se levantou e balançava Sal. Eu me levantei também, deixando os produtos de jardinagem no chão.

— Eu não disse nada! — Coloquei minhas mãos em meu cabelo e em minha barba, estava começando a me irritar. — Inferno, eu não disse nada!

— Você nunca diz nada, sou sempre eu! Sou sempre eu quem tem que pisar em ovos para falar com você, porque, às vezes, quando eu falo simplesmente do *meu jeito*, você se estressa e murcha seu rosto como se fosse um cão sem dono e eu tivesse te chutado.

— Não tenho culpa se você faz isso com recorrência. — Bati em meu peito. — Me chutar, como se eu fosse seu cachorro que vai voltar

balançando seu rabo.

— Quando eu já esperei ser mimada? Quando eu pedi para você me tratar diferente? Eu sou uma mulher ágil, Christopher. Não romântica.

Sal começou a chorar e ela o balançou mais.

— Não te peço para ser romântica, te pelo para ser mais sensível. É tão difícil pensar um pouco no outro? É tão difícil ser empática?

— Eu não sou empática?

— Você é? Você um dia já foi? É sério, Agatha, você nasceu assim, com esse ódio natural do mundo?

Sal continuava chorando e Benny entrou no quintal. Percebi que Agatha segurou a sua resposta para mim com a presença dele. Nós tínhamos feito um trato de não brigar na frente de outras pessoas.

Benny olhou de mim para Agatha e de

PERIGOSAS NACIONAIS

Agatha para mim, depois para Sal chorando.

— Não quero saber sobre vocês. Apenas me deem Sal.

Agatha fez o que ele mandou e assim que Benny desapareceu de nossa visão e a porta da varanda foi fechada, ela me encarou e retornou:

— Quando eu já demonstrei ódio sobre alguém?

— Todos os dias, talvez. Você não quis ir para Vitória da Conquista conhecer minha família. Demorou uma eternidade para aceitá-los aqui em *sua casa* com a desculpa esfarrapada que não tínhamos espaço... Eram só duas pessoas! E temos um quarto extra, o que Soraya dormia.

— Eu não gosto que mexam em minha rotina!

— E meus tios iriam mexer nela como? Eles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

só queriam conhecer Sal e você, a minha mulher. Porra!

Eu andava de um lado para o outro, com uma espécie de raiva crescente em meu peito.

— Eu não... — ela começou e eu já estava cansado de suas explicações por hoje.

— Você o quê? — A encarei. — Você não gosta de gente? Sofre de misantropia, é isso?

— Christopher, menos! — Ela se aproximou, me olhando com seu nariz em pé. — Eu recebi seus tios, não recebi? Os tratei bem, cuidei de tudo para que eles se sentissem confortáveis aqui. Ficaram por mais tempo do que pretendiam, ainda por cima!

— Você acha que fez mais do que a sua obrigação?

— Fiz — ela rebateu sem dó. — Aguentei rindo quando seu tio “brincou” que daria *um jeito*

PERIGOSAS ACHERON

em Benny e sua tia deixou a entender que a porra de um câncer é praga de Deus, um ensinamento, veja só. Ri quando ele ironizou da minha empresa, da minha profissão, do caralho de lugar que me fez ser quem eu sou. Percebi os olhos arregalados quando disse que era separada e admiti minha idade. Eu vi tudo e engoli. Eu vi tudo e aceitei. Porque é a porra da sua família!

Ela tomou um fôlego e voltou a falar:

— Eu não fui rude com eles em nenhum momento, mas sabe? Eu deveria ter sido! Eu deveria ter sido verdadeiramente eu com eles para os dois entenderem que se você está na minha casa, você respeita as minhas regras, a minha vida e o meu melhor amigo.

Engoli em seco e meu tom de voz estava quebrado e mais baixo quando comecei:

— Você está certa, mas você não sabia como

eles eram antes de os conhecê-los. Você não os queria conhecer em nenhum momento! Eu sei que eles têm ideias de outro século e eu não respeito isso, exclusivamente, mas os respeito como pessoas, eles são íntegros, leais, foram as melhores pessoas que poderiam ter me criado... E você nem os deu oportunidade de conhecê-los direito!

— Eu sentia vergonha! A sua tia é irmã da sua mãe.

— Você não teve culpa da morte de minha mãe.

Eu estava mais próximo de Agatha, ainda sentia um misto de raiva e algo mais.

— Mas se sua tia souber da história toda... Se ela souber que seu pai te abandonou para estar comigo.

— Não, — Coloquei minhas mãos no ar, sem saber se deveria colocar em meu cabelo ou em

PERIGOSAS ACHERON

Agatha. — você não ‘estava com ele’. Ele te aliciou, usou você. Não, não usou... Merda, Agatha! Porra!

Ela pareceu suspirar. Uma e outra vez.

— Apague qualquer imagem na sua mente agora. Ele e eu, nada. Não, nunca. Porra digo eu!

Dei uma volta pelo gramado, agora mais cansado do que irritado. A Ruiva tinha esse poder sobre mim. Ela me descontrolava. Eu conseguia sair de um estágio de raiva, para um de empatia e para outro, logo em seguida, de exaustão; mas, ao mesmo tempo, tesão.

Agatha continuava parada no mesmíssimo lugar e eu a encarei em uma ponta do gramado, há alguns metros dela.

Ela usava apenas um *baby doll* curto e com alças finas. Seu cabelo estava preso no topo de sua cabeça, embaraçado e com muitos fios escapando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu rosto estava sem maquiagem e mesmo com tantas noites mal dormidos por causa de Sal, seus olhos não estavam fundos.

— Porra! — Soprei a palavra enquanto caminhava na direção dela.

Minha Ruiva franziu seu cenho, mas era claro que não saiu do lugar. Agarrei seu queixo e me controlei para não apertar com força quando a beijei.

Nesse momento, eu sentia muito tesão, mas admitia que ainda existia resquícios de raiva.

A minha mulher tinha um efeito devastador em mim...

PERIGOSAS ACHERON

XLI

Agatha

Chris não me assustava, me deixava curiosa. Por isso, quando ele me

olhou com aqueles seus olhos que pareciam mexer com a minha alma e veio em minha direção, eu apenas franzi meu cenho, esperando o que ele faria.

Pensei que ele pararia perto de mim ou passaria por

mim, em caminho para a casa. Mas, na verdade, ele segurou meu queixo e me beijou com desespero.

Sua língua excitou a minha e minha respiração rapidamente se tornou irregular. Havia dias que nós não trocávamos sequer um beijo.

Chris puxou minha cabeça pelo meu cabelo, e com esse movimento eu olhei para ele. Nossos olhares se conectavam, se fundiam, se entrelaçavam um no outro, mesmo naquela mistura de raiva e desejo e falta do outro. Seu olhar âmbar fazia-me esquecer de *quase* tudo, só conseguia pensar nele e em seu corpo, principalmente no prazer que ele me proporcionava.

Chris colocou sua boca em minha nuca beijando de leve e roçando sua barba em mim, meu corpo inteiro se arrepiou. Meu corpo sempre se

arrepiava quando eu sentia seus beijos e sua barba.

Ele levantou meu *baby doll* e abaixou a minha calcinha sem dificuldade, a deixando presa em um de meus pés e me levantando do chão, abrindo minhas pernas para ele.

Abaixou a sua bermuda, a deixando caída antes de me penetrar, inicialmente, aos poucos, me fazendo me acostumar com ele, até as suas estocadas serem rápidas, ágeis e frenéticas.

Uma de suas mãos tamparam minha boca, quando meus gemidos escapavam. Já a sua livre estava em minha bunda, apertando-a de leve e em seguida dando-lhe um tapa de deixar marca. Embora, seu tapa não tenha me causado dor alguma, pelo contrário, havia me causado uma onda de prazer. Bem, *ainda mais*.

Naquele momento eu só pensava no prazer de estar com ele, no prazer de senti-lo dentro de

PERIGOSAS ACHERON

mim, e nada mais. Nada mais importava, além de seu membro em mim e suas fortes estocadas.

Chris deu mais um tapa em minha bunda, eu pude sentir seu gemido rouco, praticamente animal, em minha nuca. Chupei uma lufada de ar, para depois gemer em sua mão, a mordi levemente. Christopher puxou meu cabelo para trás, e novamente nossos olhares se encontraram.

Eu tentava me mexer, mais sempre que tentava Chris me dava um leve tapa na bunda para parar meus movimentos irregulares enquanto estava grudada a parede.

Ele começou a desacelerar, me matando de expectativa ao esperar, sem saber, quando, ele voltaria a acelerar seu ritmo novamente.

Mais uma vez tentei me mexer, e Christopher me deu mais um leve tapa. Ele continuou me massacrando ao sair e entrar fundo de mim,
PERIGOSAS ACHERON

levemente. Gemi esperando pacientemente por mais.

E não demorou para ele puxar minha cabeça, pelo meu cabelo, para trás, para me olhar e enfiar fundo, rápido e com tudo. Sua mão abandonou meu cabelo, deixando ele cair como uma cascata pelo meu rosto e senti seus dedos descerem entre meus seios à minha barriga, até parar em meu púbis, enfim chegando em meu clitóris inchado.

— Chris! — eu gemi.

— Calma! — ele brincou.

Seus dedos trabalharam em mim, com movimentos circulares e o apertando entre seus dedos, para depois voltar com os movimentos circulares de antes.

Eu senti aquela combustão. Minhas paredes internas se fecharam em torno do membro de Christopher e eu tive um longo e maravilhoso

PERIGOSAS ACHERON

orgasmo múltiplo que há muito tempo não sentia. Uma onda se misturava com a outra, fazendo todo meu corpo soltar espasmos de prazer, seguido de uma onda de relaxamento.

Chris ainda não tinha gozado, e continuava dentro de mim, com os dedos em meu clitóris e pau em minha entrada, me fodendo fundo e forte, como sempre. Ele mordeu meu ombro e eu preendi a minha respiração por um momento.

— Caralho! — Chris suspirou e ele não precisava dizer mais para eu saber que ele estava perto — Ruiva!

Seus gemidos roucos, sua barba roçando em mim, seus toques em meu clitóris eram devastadores. Eu sentia que eu estava novamente na borda, pronta para gozar novamente.

Chris sufocou seu gemido ao falar meu nome quando encontrava seu próprio clímax. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demorei muito para sentir a minha onda de prazer mais intensa e profunda.

PERIGOSAS ACHERON

XLII

Christopher

— *O* *que* *você* *está*
fazendo? — *Agatha* perguntou enquanto eu
levantava minha bermuda.

— Me arrumando.

Ela colocou sua calcinha e abaixou seu
vestido.

— Eu estou vendo isso... Mas por que toda
essa pressa? — Sua mão tocou meu ombro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu encarei seus olhos azuis.

— Vou sair.

— O quê?

— Não se preocupe, você deixar Sal aqui.
Ele dormirá melhor em seu berço e...

— Para onde você pensa que vai?

— Casa de Ian, um bar, eu sei lá.

Ela segurou meu braço.

— Você vai me deixar assim... É
brincadeira?

Me virei para olhá-la.

— Agatha, eu preciso descansar um pouco.
Só isso.

— De que? De quem? De mim, de Sal?

— Não, não é isso. Eu só preciso respirar um
pouco. Se você achar que Sal irá te atrapalhar hoje,

PERIGOSAS ACHERON

o levo comigo.

— Não, não é nada disso. Eu só não quero que você vá estressado para nenhum lugar.

— Não estou estressado. Nós estamos. Admita... — Minha voz estava realmente em um fiapo. Eu estava cansado, ela estava cansada. Nós estávamos no limite e se continuássemos assim, nós tornaríamos um tipo de casal que não olhava para o rosto do outro para ter uma conversa civilizada.

— Chris, por favor, fique. Vamos conversar.
— Ela colocou suas mãos em meu rosto e eu as segurei.

— Agatha, eu te amo, não estou dizendo que vou me mudar, eu só preciso respirar um pouco. Eu quero continuar te amando por muito tempo, mas se continuarmos assim, eu vou surtar... Nós não fazemos nada além de brigar.

Eu ri sem humor antes de continuar:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa primeira foda foi em semanas e foi uma rapidinha em nosso quintal! Por que não fizemos isso antes? Por que esperamos semanas em abstinência para isso? Não estamos morrendo, não estamos doentes...

Pensei em Benny e balancei minha cabeça:

— Aposto que Benny está com a vida sexual mais ativa do que nós dois.

— Eu não sei, Chris... Talvez porque agora temos um filho. Talvez porque agora não temos hora para dormir, nem temos para acordar. Porque às vezes quando eu estou no trabalho, você está em casa e quando estou em casa você está no trabalho.

— Vamos começar de novo?

Abriu sua boca e quando eu esperei que ela fechasse e não dissesse nada, ela disse:

— Não, não vamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora eu posso ir?

Ela colocou suas mãos entre suas pernas. Eu nem sequer a tinha limpado, como sempre fazia. Me sentia um idiota por literalmente gozar e sair. Mas não aguentava mais. Não queria mais discutir e não queria ser rude. Eu queria agir como um homem adulto, calmo e paciente, porém, até mesmo um homem adulto precisava de um momento para ele, para respirar e para descansar.

— Pode, Chris.

— Posso levar Sal e...

— Já disse que não.

— Tudo bem. — Acenei e beijei a sua bochecha antes de a dar as costas, a cada passo me sentindo um completo idiota.

Mas, impressionantemente, ela não me xingou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu peito se apertava. Só havia uma razão de Agatha não despejar sua raiva sobre mim: ela estava triste. E eu não voltei para consolá-la. Eu era o culpado. Eu tinha feito a minha mulher entristecer e, em consequência, eu me sentia um merda.

Parabéns ao carma. Parabéns a mim.



Ignorei a ligação de meu pai enquanto dirigia para um hotel qualquer em Salvador, me distanciando de Lauro de Freitas. Precisava respirar um pouco distante de minha casa. Ou casa de Agatha, eu não sabia. Ainda não tinha certeza se me sentia inteiramente em minha casa.

Nessas últimas semanas eu tinha trabalhado

PERIGOSAS ACHERON

mais; a segunda peça de teatro que eu tinha participado tinha se saído bem, mas não o suficiente para rodar o Brasil, apenas uma parte do nordeste, que, era claro, eu não fui. Me substituíram pelo meu coringa.

Achei um hotel barato e me hospedei nele por um pernoite, mas ainda não era tão tarde assim, com isso, tive que me ocupar entre meu computador e celular, mesmo que eu não soubesse ao certo o que fazer neles com o acesso escasso da internet.

Já tinha alguns filmes baixados e os deixei passando em meu notebook, mas estava mais distraído olhando para o meu celular. Dessa vez, era uma chamada de Yas.

— Olá moça — falei.

— Tudo bem?

— Sim, sim. Tudo tranquilo. — Pausei o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filme.

— Chris... Posso ser direta?

— Por favor, Yasmin.

— Você precisa nos dar uma resposta se pode continuar conosco.

— Eu quero continuar!

— Você pode continuar? — Pude ouvir a forte respiração dela antes de continuar: — Chris... querer é diferente de poder. Todos nós queremos que você continue no teatro conosco, mas nós sabemos que está cada vez mais difícil, mal podemos contar com você e esta foi apenas a sua segunda peça, foi por isso também que lhe deram um papel tão pequeno na nossa terceira peça, sabíamos que você conseguiria dar conta, mas qualquer outro do teatro poderia substituí-lo porque tinha poucas falas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu entendo...

— E qual a sua posição sobre?

— Yas, eu posso pensar?

— Me desculpe. É que estamos muito esgotados por essa peça.

— É, entendo como é se sentir esgotado.

— Você está realmente bem?

— Estou. Te ligo quando tiver uma resposta.

— E desliguei a chamada.

Não estava a fim de continuar conversando com Yas. Não que não respeitasse o seu cansaço e a sua vida, mas me sentia como um telespectador vendo uma cena que era impossível para eu participar.

Me deitei na cama e deixei meu celular ao meu lado. Ele tocou novamente, encarei a tela acreditando que era Yas novamente para falar sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como desliguei a minha chamada, porém, era meu pai. Ele estava mais insistente nesses últimos meses.

Resolvi atendê-lo.

— Filho... Meu Deus, Tyler!

— Oi.

— Você estava pensando em nunca mais me atender? Tem mais de um ano que não nos falamos!

— Pois é — comentei. — Você já desapareceu por mais de um ano quando eu era criança.

— Tyler...

— Stuart... — ironizei.

— Não me chame de Stuart, filho.

— Chega! — gritei — Estou cansado, certo? Fale de uma vez o que você quer!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada... Eu não quero nada.

— Então a chamada se encerra.

— Não! — ele gritou antes que eu pudesse desligar. — Eu quero saber como você está. Você sumiu!

— Já disse que você sempre sumia?

— Sumia para dar a melhor vida possível para você, Tyler. Você teve os melhores brinquedos, não teve? Estudou nas melhores escolas de Vitória. Eu pude te dar um apartamento e se você quisesse, pagaria a sua faculdade ou qualquer curso e...

— Mas nunca estava lá! — reclamei.

— Eu precisava trabalhar.

— Tanto?

— Eu estava seguindo meu sonho. Estava conquistando as coisas das quais sempre quis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez essa não tenha sido a melhor escolha — falava levando essa questão para algo mais pessoal. — Eu sou pai.

— O quê?

— Eu tive um filho, Stuart.

— Eu sou avô?

— Não, eu sou pai.

Ele não disse nada por um momento e quando falou, foi:

— Não vejo nada sobre você nas redes sociais.

— Não uso quase nenhuma e nunca divulgaria meu filho para ganhar nada.

— Você está certo...

— Eu sei.

— Tyler, pare. De verdade quero saber como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você está, mesmo que você não queira me ver.

— Estou cansado...

— É menino ou menina?

— Menino.

— Como ele é?

— Grande, forte, saudável.

— Você vai me deixar conhecê-lo?

Suspirei. De imediato queria dizer que não, mas teria que conversar com Agatha sobre, algum dia.

— Se esforce para isso.

— Você me atenderá todos os dias?

— Não. Comece tentando me ligar uma vez por semana.

— Uma vez por semana! Ótimo. Liguei.

Não confiava em sua promessa, mas me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentia um moleque inocente querendo acreditar que seu pai estaria em casa no horário que prometeu.

— Mais alguma coisa?

— Eu só queria conversar por conversar, meu filho.

— Hoje não. — Fiz como Agatha; fechei meus olhos e respirei fundo, seria difícil, mas eu diria: — Tente daqui a uma semana.

— Tyler...

— Até sete dias. — E desliguei.

Decidi que não usaria meu celular para nada nesta noite, além de perguntar para Agatha ou Benny sobre Sal.

Consegui assistir ao filme sem interrupções e dormi em paz naquela noite. Não porque não tinha Sal para me acordar, mas porque tinha tomado uma decisão. Uma difícil decisão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XLIII

Agatha

Decidi trabalhar em casa na manhã seguinte. Benny estava conhecendo alguém e saiu com ele, deixando a casa apenas para mim e Sal.

Depois do almoço, se Chris ainda não tivesse voltado, iria para a agência com o pequeno. Já tinha deixado até mesmo um berço em minha sala e

quando era necessário alimentá-lo, ia para a copa com os demais funcionários para preparar seu lanche. Descobri que Jerry era extremamente habilidoso com preparação de papinhas e Victoria em fazer Sal descansar em seus braços.

Já quando era preciso trocar as fraldas, o trocava na varanda, tentando evitar que o cheiro se infiltrasse por toda a minha sala. Às vezes, acontecia e quando acontecia, trabalhava na varanda ou evitava a minha sala durante horas.

No entanto, antes que eu pensasse em ir para a agência, Christopher chegou.

Eu estava sentada no chão da sala, com Sal em meu colo e meu notebook no chão enquanto teclava.

— Bom dia. — Ele se sentou ao meu lado e beijou meu rosto.

Sal estava acordado, sendo assim, ele, à sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maneira, já reconhecia Chris e tentava sair do meu colo para o dele. O entreguei e Chris o abraçou, beijando o topo de sua cabeça.

— Bom dia.

— Se precisar ir trabalhar na agência, posso ficar com Sal.

O encarei, mas ele olhava para todos os cantos, menos para mim.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu tomei uma decisão e queria conversar com você sobre.

Acenei.

— Tudo bem, estou ouvindo.

— Vou desistir.

— Oi?

— Vou desistir de ser ator. Vou trabalhar

PERIGOSAS ACHERON

apenas como modelo fotográfico e procurar um outro emprego de meio-período que aceite alguém sem muita experiência e com cursos aleatórios.

— Não. — Eu segurei seu ombro.

— Como não? Não é o que você queria?

— Não também! Eu queria que você procurasse estabilidade dentro do que você gosta e não começasse algo novo.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu sei que você não ama o que eu faço e...

— Chris, eu não tenho que amar o que você faz, quem tem que amar é você. Não coloque essa responsabilidade da sua decisão sobre mim.

— Como?

— Não faça essa história parecer que é culpa minha, que é porque eu não gosto do que você faz e porque eu quero que você tenha estabilidade em

outra coisa... Não é nada disso!

— O quê então? — Ele brincou com Sal que chamava a sua atenção e voltou a olhar para mim.
— Meu pai me ligou ontem e eu entendi que é impossível seguir o meu sonho e cuidar de um filho em tempo integral. Eu tenho que escolher entre uma dessas coisas.

— Não Chris, o seu pai é um péssimo exemplo. Você consegue fazer as duas coisas sim! É claro que acontecerá momentos que você abdicará de seu trabalho para seu filho, porque você tem que entender que ele vem em primeiro, mas você nunca poderá basear a sua vida em função dele.

— Agatha, isso é muito bonito, mas...

— Mas é a verdade. Se o nosso filho for a única base de nossa vida, acontecerá que ele crescerá e poderá ser diferente do que idealizamos

PERIGOSAS NACIONAIS

para ele e isso será péssimo... Porque nós, humanos-pais, temos uma tendência a criar o que nós queríamos ser quando nos sentimos frustrados com a nossa realidade, o vendo não como uma pessoa além de nós, mas uma extensão de nós.

— De onde você tirou isso?

— Comecei a ler um livro sobre como criar um filho.

Ele riu.

— Você é...

— Incrível, cuidadosa, atenciosa?

— Louca.

Revirei meus olhos, mas sorria.

— Estamos bem?

— Nunca estivemos mal...

— Sério?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele riu.

— Tudo bem, eu sei que estamos em um momento oscilante, mas o meu desejo por você continua exatamente o mesmo, só acho que precisamos de mais tempo a sós.

— Acha?

— Tenho certeza — ele respondeu.

Chris voltou a dar toda a sua atenção a Sal e eu respirei fundo, voltando a um dos assuntos.

— Seu pai te ligou?

Ele me explicou brevemente sobre a conversa e prometeu que não tinha marcado nada com seu pai, apenas disse que ele deveria se esforçar para que eles, um dia, venham a se encontrar. Sabia que era óbvio que um dia isso viria a acontecer, mas gostei do fato de Chris não o fazer pelas minhas costas, mesmo se tratando de seu pai.

PERIGOSAS ACHERON

— Não quero que você desista do teatro. —
Voltei ao assunto principal.

— Yas me ligou para eu tomasse uma decisão de continuar ou largar. E eu tenho certeza que se eu dizer que quero continuar, terei que viajar com a equipe. Eu não posso abandonar vocês...

— É verdade, mas você não acha que pode haver um meio termo? Nós podemos nos reverter, Chris. Nós somos pais. Você não está sozinho, eu não estou sozinha. Eu não preciso levar Sal todos os dias para a agência, mas posso levar todos os dias que você precisa e todas as vezes que eu tiver uma reunião ou qualquer ambiente de muita agitação e com pessoas diferentes, será o seu momento de bancar o superpai.

— O que você quer que eu faça então?

— Converse com ela. Se ela falar que te quer disponível sempre, que não consegue confiar em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você por meio período, não vejo outra saída em vez de você se recusar a continuar.

— E se eu conseguir continuar?

— Daremos um jeito. Mas te prometo uma coisa, Chris. — Segurei em suas mãos ocupadas demais para me tocar por causa de Sal. — Você seguirá seu sonho. Você não é seu pai.

— Precisamos pensar também se eu não conseguir...

— Não, não precisamos pensar sobre isso.

— Você quer dizer que eu devo criar expectativas?

— Não, nada disso. Acredito que você tem que estar com seus pés no chão, mas não se deve pensar no pior.

— Logo você? — Ele riu.

— Eu penso que as piores coisas podem

PERIGOSAS ACHERON

acontecer no dia a dia. Penso que não conseguirei fechar um contrato. Penso que terei que demitir um funcionário. Penso que posso me atrasar. Penso no engarrafamento. Mas eu nunca pensei que não conseguiria ter a minha agência. Eu nunca pensei que ela não daria certo.

— E por quê?

— Porque eu me dediquei para ela se tornar o que é. Porque eu sabia que isso se tornaria a minha vida e era meu sonho.

— Então sobre o que você acha que eu devo pensar?

Difícil.

— Se eu fosse você, eu pensaria, agora, apenas que será difícil, mas que uma coisa, diante de tantas, é certa: você vai continuar tentando.

— *Continuar tentando.* — Ele maneou sua

cabeça de um lado para o outro. — Acho que é um bom conselho.

— Nós estamos com você. — Eu pisquei para ele e Sal começou a chorar.

Não sabia dizer se essa era a sua forma de se sentir enturmado ou pedir atenção. Queria acreditar que era um pouco dos dois.

Chris sorriu para mim e seus olhos negros brilharam. Eu nunca me senti tão bem por simplesmente apoiá-lo.

XLIV

Christopher

*Um ano. Sal completou um
ano, sem festas ou falsas*

comemorações com pessoas que não se

importavam com ele nem com a família dele. Com

isso, em consenso, foi fácil decidir que ele não

deveria ter uma festa. Preferíamos viajar. Agatha

nunca tirava férias, mas se deu alguns dias.

Ficamos indecisos em deixar Benny, mas ele nos confirmou que passaria esses dias na casa de seu atual relacionamento. Ele não definia como namoro, então nós não podíamos falar que era, mas já estavam juntos há alguns meses. Parecia que era um enfermeiro, sendo assim, nós descansávamos em paz quando ele dizia que estava com o cara.

Se bem que ele poderia estar mentindo apenas para nós fazermos sentir relaxados, mas, depois de tanto pensarmos sobre isso, decidimos que era melhor acreditar nele.

Nós tínhamos nos tornado uma família perfeita nos últimos meses. Não precisamos de uma terapeuta de casais, mas de fato percebemos que o melhor era conversar e depois de muitas conversas, percebemos o óbvio: apoiávamos um ao outro; não

PERIGOSAS NACIONAIS

estava contra do outro; não participávamos de uma competição. Era tão óbvio e tão simples. Sendo assim, vendo o outro como verdadeiro parceiro nos ajudou a resolver nossos problemas diários.

Era claro que ainda discutíamos e às vezes dormíamos brigados, mas tentávamos conversar sobre o mais rápido possível. Agatha não gostava de Yas, nem mesmo depois de ela me aceitar no teatro em meio período e fazendo apenas peças por Salvador, poucas vezes se estendendo pela Bahia e pelo nordeste. Ela dizia que Yas me ligava demais e eu explicava que nós apenas ensaiávamos as nossas falas para que eu não tivesse que sair de casa.

Nem mesmo assim ela gostou da mulher. Expliquei que era a irmã de Ian, *por Deus!* Nada. Seu desgosto continuou. Ela nem mesmo aceitou quando eu finalmente disse que a mulher nunca me

PERIGOSAS ACHERON

olharia.

— Por que você está me contando isso depois de um ano? — foi o que me perguntou. — Ela saiu do armário agora?

— Na verdade, não... Sempre soube — admiti.

— E por que estou sabendo disso apenas hoje? É alguma desculpa esfarrapada para que eu pare de falar dela?

— Jesus, não!

E assim continuávamos a discutir sobre Yas. Mas, sinceramente, eu achava que a Ruiva não sentia ciúmes de mim, ela apenas gostava ter do que reclamar. Não que ela era uma *reclamona* de marca maior, apenas gostava de soltar suas frustrações diárias sobre algo e, era claro, eu me tornava o seu *travesseiro*. Não diria saco de pancadas, porque nem de perto eu me sentia

PERIGOSAS ACHERON

incomodado com suas pequenas discussões e ciúmes fingindo.

Eu me sentia mais como um travesseiro que era abraçado em noites difíceis. Às vezes, era verdade, era um travesseiro que era apertado demais, mas, não demorava muito para eu me sentir empático com sua situação.

Agatha enfrentava muito mais coisas do que eu, um dia, poderia saber. Sua agência continuava estável, mas ela estava em um período de perder muitos clientes e todos aparentavam não ter uma razão real para isso.

Era definitivamente estranho.

Por isso, eu a apoiava e quando eu me sentia em um momento difícil e ela despejava suas frustrações sobre mim, discutíamos feio, mas eu nunca tinha dormindo no andar de baixo. Até mesmo Benny brincava dizendo que nós tínhamos

uma boa dinâmica em aguentar ‘dormir com o inimigo’ como fazíamos. Porém, não sabíamos sobre quem ele definia como o inimigo.

Stuart — ainda estava no processo para voltá-lo a chamar de pai — tinha conhecido seu neto. Agatha decidiu junto comigo deixá-lo conhecê-lo quando o pequeno fez dez meses.

Eu ouvi de perto quando ela falou com ele antes de Sal aparecer:

— Eu quero que você se lembre, todos os dias da sua vida, que você só conhecerá o seu neto, porque eu permiti. E não se preocupe, eu não sou uma pessoa rancorosa, você poderá ser presente na vida dele, depende de você. Essa é a sua chance.

Agatha não acreditava em segundas chances, mas deu uma a meu pai, por mim. Ela era muito melhor do que acreditava que era.

Se fosse possível, eu a amei mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

A partir disso, pela idade ou pela consciência pesada, meu pai estava tentado. Ligava uma vez, às vezes até mesmo duas, por semana. Havia aparecido duas vezes por mês e não queria apenas encher Sal de presente, queria cuidar dele quando aparecia.

Acordou tão tarde, mas eu aceitei o seu despertar tardio pelo meu filho. Seria bom ter mais um avô, além de meus tios.

Uma coisa que eu nunca pensei que faria, eu estava fazendo: perdoando, em doses homeopáticas, mas estava.

Seria esse o tal do amadurecer, afinal?

— O que foi? — perguntei a Agatha que encarava o seu celular com uma expressão sombria.

— Meu... meu...

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu ex-marido me mandou uma mensagem.

— Quê? — Pulei sobre a cama, me sentando ao lado dela. — O que esse vagabundo quer?

— Minha agência.

Me sentia uma idiota por repetir diversas vezes a mesma coisa, mas meu cérebro estava processando devagar o suficiente para eu não conseguir analisar a frase além de dizer:

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

XLV

Agatha

*Eu sempre fui o tipo de
pessoa que os outros tendiam* a dizer que

era pessimista, mas eu sempre acreditei em meu
realismo das coisas. Com isso, *eu era realista!* Eu

era uma pessoa que vivia com meus pés no chão e,
em consequência, esperava que o pior sempre podia

acontecer em um momento de calma.

No entanto, mesmo a minha mente realista não poderia prever o acontecimento de uma coisa: Meu ex-marido ressurgiria.

— O que ele diz na mensagem? — Chris, ao meu lado na cama, quer saber.

— Que eu sabia, que eu sempre soube que ele reapareceria, porque ele tinha me avisado que voltaria quando tudo estivesse bem para mim.

— E...

— E... ele diz que deixará minha família margarina em paz se eu passar a minha agência para ele.

— Isso é ameaça, Agatha! Temos prova dessa mensagem.

Eu balancei minha cabeça, negando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é bem assim, Chris. Eu sei que é ele porque só pode ser ele, mas não tem identificação e o número deve ser descartável. A polícia entenderá isso como um ataque cibernético.

— E a delegacia da mulher?

— Não posso comprovar que é meu ex! Até mesmo se eu levasse isso como a Lei Maria da Penha, precisariam saber se há a possibilidade de ataque real.

— E não há? Esse homem não seria maluco o suficiente para atentar quanto você?

— Ser, seria. Mas como comprovar isso?

Ele se levantou da cama, rodando pelo quarto.

— E se você simplesmente ignorar?

— Eu conheço ele, Chris. O conheço o suficiente para saber do que ele é capaz.

PERIGOSAS ACHERON

Continuava rodando pelo quarto.

— O que vamos fazer?

Suspirei.

— Podemos questionar alguns policiais de alguma delegacia qualquer e a da mulher, sobre isso. Podemos falar também com um advogado, mas...

— Mas? — Nesse momento, ele tinha parado de rodar de um lado para o outro e me encarava.

Ele parecia me ler. Ele parecia já saber o que eu ia falar, antes mesmo que eu falasse.

— Eu já desisto.

— Não, Ruiva. Está louca? Ainda nem começamos.

Ele ainda não tinha começado, mas eu já tinha. Eu conhecia exatamente como era meu ex. E eu me lembrava com perfeição do ódio em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar enquanto nos separávamos e eu começava uma vida sem ele.

— Tudo bem — ele começou, fingindo tranquilidade que não tinha —, você pode sair por essa porta, mas saiba que você não está saindo porque você pode sair, saiba que você está saindo porque eu estou deixando.

Eu resmunguei alguma coisa e ele riu, antes de continuar:

— Quando a sua vida estiver perfeita, eu saberei. E quando ela estiver, eu reaparecerei tomando tudo. Você vai desejar ter continuado comigo.

— Nunca! — cuspi antes de me afastar dele de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON



Conversamos com todas as pessoas possíveis. Policiais, advogados, psicólogos, até mesmo encontramos um juiz disponível para conversar. Nada. Nenhuma dessas pessoas me entendiam, todas diziam que bastava eu ignorar.

No entanto, não poderia mentir que apenas a advogada prestou atenção em mim.

— Ligue para o número.

— O quê? — eu perguntei.

— Converse com ele e grave a ligação, o faça admitir seu nome. Se o fizer e te ameaçar verbalmente, eu posso te ajudar levando o caso como assédio moral ou injúria e difamação. Porém, se ele for realmente violento como você diz, e te ameaçar fisicamente, eu posso te ajudar ainda mais.

Ela parecia quase feliz em dizer aquilo, mas não me importei, tinha lógica.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Chris me levou até a varanda, deixando Sal com Benny. Benny já sabia da situação e era claro que pediu sobre as atualizações antes que nós fôssemos conversar.

— O que ele fez com você? — foi a primeira pergunta de Chris.

— Como assim?

— O que seu ex-marido fez para você?

— Seja mais direto.

— Você está me entendendo. — Ele não deixava de me olhar. — Ele já te agrediu?

Não respondi. Fechei meus olhos e suspirei. Meu peito pesava, meus ombros também. Ele não esperou uma resposta. Me abraçou e eu aceitei o

PERIGOSAS NACIONAIS

seu aberto, o apertando.

— Nada de ruim vai acontecer de novo, Agatha.

— Por que você está aqui? — Eu ri.

— Porque você é uma mulher diferente agora. E sim, porque eu estou aqui.

— Está dizendo que antes eu era fraca? — Estava tentando brincar, mas ele continuava sério.

— Antes você era sozinha. Você tem uma família agora.

Chis me fez me sentir melhor, no entanto, meu coração continuava disparado.

— Vou ligar — falei, já me distanciando dele e procurando meu celular.

— Tem certeza? — Ele parecia preocupado.

— Tenho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liguei e deixei no viva-voz. Meu ex me atendeu no segundo ou terceiro toque.

— Estava esperando pela sua ligação. — Sua voz me dava nojo.

— Quem é? — Minha primeira tentativa óbvia de que ele falasse seu nome.

Sua risada estourou pelo viva-voz.

— Por favor, Agatha. Não sejamos crianças.
— Com isso, eu já podia comprovar que a mensagem não tinha sido por engano, era direcionada a mim.

— O que você quer dizer com isso?

— Não vou levar esse assunto adiante — ele falou. — O que eu quero é a sua agência em meu nome.

— Como posso passar a minha agência para alguém que eu não sei quem é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encarei Chris que assentia.

Ouvi o suspiro forte do outro lado da linha.

— Não estamos em um jogo. Você não tem chance de ganhar. Eu só quero a sua agência e ponto.

— Exatamente, não é um jogo. É sobre a minha agência, a minha vida e eu não posso dar a minha agência a um completo estranho que me fez um pedido.

— Pedido? — Ele riu.

— Se não é um pedido, o que é?

— Uma ordem. — Riu.

— Ordem? Mas eu não tenho chefe.

— Agatha... Ou devo chamar de *Siren*? Não me interessa mais, sabe o que me interessa? Que você sabe da importância de passar a sua agência para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Importância? Por quê?

— Você lembra o que eu disse antes... — Ele estava prestes a pisar no campo minado. — Que eu voltaria para cobrar a sua dívida comigo.

— Dívida? Eu não tenho dívida com ninguém.

— Chega! Eu quero a minha agência. — E desligou.

Eu me tremia e Chris colocou o meu celular afastado, me abraçando novamente.

— O que você acha que ele pode fazer se você simplesmente ignorar?

Me afastei de Chris.

— Ele pode acabar com tudo que ele quiser.

— Não é assim também, Agatha...

Eu ri.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele tem dinheiro, Chris. Muito. E ele tem poder, influência. Ele tem tudo para acabar com qualquer coisa da minha vida. Eu sou só mais uma... — Estava psicologicamente cansada. — Vou deitar.

XLVI

Christopher

— *Você é um pai agora.*

Lembre-se disso. — Agatha me disse antes de
subir para se deitar.

Ela tinha desistido. Para ela, não tinha saída.
Fui para a sala ficar mais um pouco com Benny e
Sal.

— Como ela está? — Benny me perguntou.

— Mal — admiti. — Eu nunca a vi assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela nem perguntou por Sal antes de subir.

— É verdade.

— Benny...

— Sim?

— Ele é realmente perigoso?

Benny não olhava para mim ao responder:

— Sim.

— De que nível?

— Vocês têm um filho — foi tudo que ele me disse, mas foi o suficiente para eu entender que deveríamos nos preocupar com Sal.

— Mas Benny, se ele é ruim, ele deve ter deixado rastros pelo caminho.

— Chris, não se meta nisso. — Ele me encarou. — Eu sinto tanto por Agatha. Eu sinto tanto pela agência, mas antes disso do que algo

PERIGOSAS ACHERON

irreparável.

Assenti, mas não me dei por satisfeito.



Naquela noite, Benny cuidaria de Sal e eu sai de casa. Eu não queria me intrometer em uma decisão de Agatha, tampouco poderia deixar que ela a tomasse sem fazer nada antes.

Eu não duvidava que na manhã seguinte, ela acordasse decidida a dar a sua agência para um filho da puta qualquer.

Pessoas ruins deixavam rastros. Pessoas ruins deixavam vidas destruídas. Eu só precisava achar pessoas que tinham sido destroçadas por ele ao ponto de falarem sobre isso. O contato da advogada continuava em meu bolso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Liguei para meu pai e deixei a chamada no viva-voz quando eu estava em meu carro, no meio da estrada.

— Filho, tudo certo? — Ele estava passando por uma temporada em Salvador, sendo assim, estava ao meu dispor.

— Não — falei de uma vez. — Preciso de você.

— É para algo sério?

— Sim. — pedi, em sequência, para ele me encontrar em um bar casual no Corredor da Vitória.

— Por que tão longe?

— Preciso conversar pessoalmente.

Liguei, logo depois, para Ian.

— Qual foi, homem?

— Preciso de você.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não respondeu por um minuto.

— Posso fazer uma piada sobre isso?

— Não, é coisa séria.

— Sério em que nível?

— Não sei... Vida ou morte?

— Você precisa de mim para enterrar um corpo?

— Quase isso.

— Onde te encontro?

Passei o mesmo endereço do bar para ele e apesar de também ser longe para ele, ele foi.

No bar, expliquei a situação enquanto pesquisava, na guia anônima — apenas por prevenção — sobre o ex marido de Agatha. Não queria citar o nome dele, sequer pensar sobre, mas, precisava. O celular que eu usava, não tinha nada meu. Não era um celular novo, era apenas um que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tinha pego de um amigo de um amigo e usado por um breve momento com meu chip enquanto comprova um novo. Com isso, esse seria um celular sem valor que, por não ter dados meus, seria o que eu descartaria.

O ex de Agatha era um homem extremamente sociável nas redes sociais. Com isso, ele marcava tudo. Onde estava. Onde ia. Onde se hospedava. O que comia. Quando comia.

No bar, aproveitei para pesquisar sobre as mulheres que ele tinha se envolvido e ainda não era tarde o suficiente para criar uma conta falsa e conversar com elas.

Meu pai era um homem que eu descreveria como carniceiro, sendo assim, o deixaria junto comigo enquanto deixei Ian com o celular da conta falsa, para ele, com sua lábia, falar com as mulheres.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não quer que eu participe da real brincadeira? — Ian questionou.

— Não quero que você se envolva mais.

— Chris...

— Não, Ian. É melhor que você só converse com elas. Tire *prints*.

— E depois?

— Apenas tire *prints*. Servirá para denúncias anônimas.

Pensei em colocar o número da advogada sobre a mesa, mas desisti. Assim, sempre saberíamos que nós éramos a conta falsa.

Nós estávamos dentro do bar e nós três encaramos a câmera de segurança. Nosso álibi. Porém, era claro que não sairia meu pai e eu sozinhos e deixaríamos Ian. Apenas saímos do campo de visão da câmera. Nossos carros

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continuariam no estacionamento por horas, mesmo que meu pai e eu tivéssemos ficado no bar por apenas alguns minutos.

Meu pai, por ser conhecido e ter carisma, entrava em qualquer lugar. Mas, dessa vez, além de não podermos nos identificar, não podíamos aparecer. Tínhamos que ser, por um momento ou outro, praticamente invisíveis.

Daria certo. Eu estava confiante. O bar que saímos estava cheio e nossos copos continuariam sendo cheios também. Nossa conta foi aberta cedo e seria fechada quando nós voltássemos.

De certa forma, estávamos em dois lugares ao mesmo tempo.

Perfeito.

Mas antes, era claro, precisávamos de um

PERIGOSAS ACHERON

sinal de Ian. Ele precisava ter conseguido alguma coisa. Algo incriminador, que houve nomes e confirmações de fatos. Depois de uma troca de mensagens com Ian, ele me enviou o *print* de algumas conversas.

Ao mesmo tempo que eu gostaria de não ter lido nem uma das mensagens, eu me senti motivado.

XLVII

Agatha

A cama ficou vazia por muito tempo. Senti a presença de Chris quando o colchão rebaixou apenas um pouco no instante que ele se deitou.

Me virei para olhá-lo e com a minha visão já acostumada com a escuridão, encarei seus traços.

— Algo aconteceu?

Ele negou e me abraçou. Esse era o primeiro abraço entre tantos que parecia de mim para ele e não dele para mim. Suas mãos estavam ásperas e pela pouca luminosidade não tinha certeza absoluta ou não, mas pareciam feridas.

Quando acordei, Chris já não estava do meu lado. Nessa noite, nós não tínhamos nos levantado pelo choro de Sal, já que Chris avisou que tinha deixado Benny apenas hoje neste encargo.

Levantei decidida a uma coisa: assim que meu ex-marido falasse comigo, eu diria apenas sim e daria minha agência para ele. Era claro que, antes disso, precisaria conversar com meus funcionários.

Fechei meus olhos e continuei em minha cama, pensando em meu discurso. Seria como um discurso fúnebre, trágico e devastador.

— *Olá — eu começaria.* —, *quero agradecer*
PERIGOSAS ACHERON

a presença de todos, mesmo para os funcionários que não são fixos e dizer que a partir de hoje, eu estou deixando a Hot Help. Eu me esforcei para deixar os cargos de vocês e...

E mais um monte de besteiras sem fim. Será que eu choraria? Com certeza Jerry choraria e seu choro me deixaria sem jeito. Victoria tomaria coragem para me abraçar. Será que alguém se importaria comigo? Será que algum dos funcionários anunciaria sua demissão depois da minha saída?

Suspirei e antes que pudesse respirar em paz, meu celular tocou. Era ele. Coloquei para gravar.

— Sua vagabunda! — Começou bem.

— Alô? Acho que eu não ouvi bem.

— Sua vagabunda! — Ele fez o favor de repetir. — O babaca do seu namorado entrou em meu hotel ontem à noite. — Gelei. — Estou no PERIGOSAS ACHERON

hospital por causa desse filho da puta. Ele acha que mostrar aqueles *prints* de umas mulheres me difamando é o suficiente para eu não o acusá-lo? Como se essas mulheres fossem a algum lugar. — Riu. — Igualzinhas a você. Não fazem nada. Gostam, não gostam?

Respirei fundo, mas meu corpo inteiro tremia. Ele era a única pessoa que conseguia me desestabilizar dessa maneira. No entanto, era nada além de medo. *O que eu faria?* Eu não tinha medo de barata; de fantasmas; não chorava com *Marley e Eu* e não me assustava com filmes de terror; a ideia da morte, era tranquila para mim, tanto quanto voar de avião. Porém, meu ex-marido me assustava. Me causava arrepios. Ele me dava medo.

— Gostam de quê? — Engoli em seco. — De apanhar? Você está dizendo que as mulheres que você batia gostavam de quando você as

espancavam?

Eu precisava de uma confissão, mas ele riu.

— Eu quero que você vá a agência hoje e assuma que largará o cargo. Grave e mande o áudio para mim. Não se preocupe, meus advogados cuidaram da papelada ainda hoje. — E desligou.

Saí da minha cama às pressas.

Encontrei Chris sentado no chão da sala com Sal. O olhei e o que meus olhos não me deixaram ver a noite, me deixaram ver ao dia. Suas mãos. As marcas delas.

— Chris, o que você fez?

Ele levantou uma de suas mãos.

— Apenas bati em uma mesa.

— Você acha que eu sou idiota? Que ele não me ligaria para falar sobre?

— Eu apenas bati minhas mãos em uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa — continuou insistindo. — Estava em um bar ontem com Ian e meu pai.

— Desde quando você bebe?

— Não bebi. Estava dirigindo.

— Chris...

— Não foi nada grave — ele falou. — Ele merecia mais.

— Chris... — repeti.

Ele levantou Sal e pegou o seu celular de seu bolso e o inclinou em minha direção.

— Quero que você entre na minha conversa com Ian e ouça o último áudio.

— É sobre?

— Ouça, por favor.

Peguei o seu celular e esfreguei meus olhos. Me sentei no sofá e abri a conversa dele com Ian.

PERIGOSAS ACHERON

Não li nenhuma mensagem, apenas subi procurando o áudio. Era um longo áudio e eu me adiantei dando *play* no momento que Benny descia os degraus.

— Alô? — Era uma voz feminina.

— Oi... — Era Ian. — Não quero mentir para você, até porque você está me ouvindo, mas, eu sou um homem e eu estou gravando essa ligação como combinamos em mensagens. Você está bem com isso?

— Estou.

— Podemos continuar?

— Podemos.

— Por onde você quer começar?

— Não vou começar do começo do relacionamento, mas do primeiro tapa.

Encarei Chris que não me olhava, apenas

distraia Sal. Benny, nesse momento, se aproximou de nós e se sentou ao meu lado, me empurrando para colocar minhas pernas em volta de Chris.

— Comece como quiser — Ian disse.

— Quando ele me bateu pela primeira vez, foi tão repentino, moço. Tão repentino que eu achei que era mentira. Eu ria em um momento antes e ele se estressou achando que eu ria até, então, do nada, simplesmente do nada, eu me vi no chão.

O tom de voz da mulher começava a mudar. No início, ela tinha força, aos poucos, sua voz se tornava quebrada.

— Moço, foi tão assustador que ele começou a repetir que eu caí. Eu acreditei. Eu sou uma idiota, não sou? Era lógico que eu sabia que ele tinha me batido, mas ao mesmo tempo eu acreditei que ele não tinha. Não sei explicar...

— Tudo bem — Ian falava, calmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do primeiro ao segundo tapa demorou bastante, mas nesse período eu sequer percebi que ele tinha me trancado em casa. Não era apenas pelo fato de que eu não tinha a chave da porta enquanto estava dentro da casa, mas era também porque ele me dava ideias de quão ruim o mundo era lá fora. Eu adquiri agorafobia. Eu tenho medo de sair de casa, sempre penso que coisas ruins vão acontecer, mas antes eu era uma mulher extremamente ativa.

Sua voz ganhava força aos poucos.

— A segunda vez que ele me bateu foi um tapa fraco, não me fez cair no chão, mas ele quebrou o meu celular em seguida. Eu já não saía de casa e já não tinha contato com mais ninguém. Não tinha internet, nem celular e ele levava o meu computador para a rua, dizia que precisava. Eu acreditava.

— Você ficou com ele por quanto tempo?

PERIGOSAS ACHERON

— Estive em um relacionamento com ele por pouco mais de seis meses.

A ligação foi encerrada pouco depois. Ian pedia que ela falasse o nome do meu ex, o dela e brevemente como o conheceu.

— Há mais — foi o que Chris disse. — Levaremos como uma denúncia anônima.

Eu suspirei, mas não sabia o que dizer.

— Ele quer que eu grave um áudio me despedindo de meus funcionários — avisei.

— Você não vai precisar fazer isso. — Chris estava confiante.

— Uma coisa é falar — disse —, outra é aceitar se expor, fazer esses exames de corpo de delito.

— Temos que esperar um pouco — Benny interviu. — Você não pode simplesmente dar a sua

PERIGOSAS NACIONAIS

agência, não tem qualquer lógica. Agora temos algo para estender o tempo, pelo menos.

— Vocês não o conhecem como eu! —
Passei minhas mãos em meu cabelo. — Eu não quero ninguém da minha família em perigo.

— Nós não estamos em perigo. — Chris falava com calma, mas eu não conseguia confiar.

— E quem nos garante que depois de levar a agência, ele lhe deixará em paz?

Esse era outro de meus medos... de que ele nunca me deixaria em paz. Sempre seria um fantasma que surgiria para me assustar toda vez que eu estivesse em um bom momento.

PERIGOSAS ACHERON

XLVIII

Christopher

*Eu não sabia mais o que
fazer.* Mesmo com as gravações de algumas

mulheres admitindo o que o ex de Agatha tinha

feito, a polícia não pode levar o caso adiante. Já

que nenhuma queria aparecer, como a Ruiva tinha

suposto. Se nenhuma queria aparecer, também não

PERIGOSAS NACIONAIS

queriam fazer o exame de corpo de delito. Sendo assim, a polícia e até mesmo a advogada que já tinha conversado conosco, nos aconselhou a não levar o caso adiante, teria uma grande — se não completa — chance de perdemos e ainda levarmos um processo de injúria e difamação de volta.

Estávamos atados, mas, ao menos, ele também não pode me denunciar. Tentou um retrato falado, mas me descreveu como um ‘homem de olhos azuis’ e logo quando descobriram que, na verdade, eu não era um homem de olhos azuis e tinha um álibi, não pude ser denunciado, com isso,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele apenas denunciou a agressão puramente. O que, era provável, que apenas definissem como um caso isolado de um atual namorado de uma de suas *exs*.

Eu estava tranquilo sobre, mas não estava com a forma como Agatha estava se comportando. Ela claramente estava assustada.

— O que faremos? — perguntei a Benny, quando ela tinha saído para trabalhar achando que seria seu último dia. — Se ele pedir para ela passar a sua casa para o nome dele, ela passará.

— Ela está devastada — Benny comentou. — Acredita que ele pode destruir com a vida de qualquer um ao redor dela.

— Mas o que faremos sobre isso? Tem que haver alguma saída!

Ele deu de ombros.

— Talvez ele tenha algum podre. Sei lá..

PERIGOSAS ACHERON

Sonegou imposto de renda. Lavagem de dinheiro.
Não faço ideia...

— É um começo.

Benny foi a uma consulta com seu namorado-enfermeiro e eu levei Sal para a agência, encontrando Agatha em uma reunião com seus funcionários.

— Eu tinha um texto premeditado sobre o que diria hoje. — Aparentemente, estava no começo quando eu cheguei a uma sala comprida onde todos estavam sentados, menos ela. — Mas diante do tempo passado, as palavras escritas pareceram sem importância. Por isso, resolvi ser direta e dizer a verdade.

Pensei em gritar, mandá-la parar quando Sal começou a chorar e ela nos viu, parado a entrada da sala.

A vi desestabilizar. Quando ela levantou seus
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos de Sal para mim, era como se eu pudesse a ler. Eu acreditava que ela admitiria apenas em partes, que diria que a agência, em breve, viria a pertencer a outro e que ela estava saindo do posto em breve ou qualquer maldição do tipo.

No entanto, ela trocou o peso de seus pés e massageou suas têmporas. Seus ombros pareciam levar um peso e seu nariz em pé, se curvou no momento que ela passou seu olhar por todos da sala.

— A verdade é que eu estou sofrendo uma chantagem de meu ex marido. — Mas ela não falou nada do que eu imaginei. Ela falou realmente a verdade. — Eu estou sendo chantageada e estou em uma viela, sem saber o que fazer. Porque, por um lado, a agência é a coisa mais importante em minha vida, mas não vale a pena o medo de algo acontecer com meus familiares. É como se ele soubesse o

PERIGOSAS ACHERON

momento certo de querer tirá-la de mim, quando eu tenho coisas reais para perder.

Sal continuava chorando e eu o balançava, tentando fazê-lo parar. Seu choro não era estridente ao ponto de que era insuportável, era baixo, quase como um choramingar constante. Mesmo sendo baixo, pelo ambiente silencioso, todos ouviam. Um ou outro viravam a cabeça para me ver com a criança.

— Acredito — ela continuou — que vocês podem pensar se ele é realmente tão violento assim. E é. Eu estou assustada e não sei o que fazer. A agência é importante para mim, mas penso em jogá-la para cima e cuidar da saúde de minha família.

— E a polícia? — Jerry perguntou. — Eles não podem fazer nada?

— Não exatamente. Ele não se identifica e

PERIGOSAS NACIONAIS

não posso acusá-lo como chantagem porque não há uma ameaça direta.

— Ele não tem nenhuma ficha criminal?

— Não, não que eu saiba.

Jerry colocou uma mão em seu queixo.

— Temos que salvar a agência... — falava, pensativo.

— Vocês não precisam se preocupar sobre isso — ela disse. — Vou me esforçar ao máximo para que mesmo que eu perca a agência, vocês continuem trabalhando aqui.

— Eu não vou continuar aqui sem você — Jerry foi o primeiro a dizer.

— Nem eu — Vicky disse, baixinho.

Algumas outras pessoas apoiaram, porém, nunca saberíamos se elas realmente cumpririam o que dizia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada a todos. Reunião encerrada.

Eu me aproximei no momento que Jerry e Vicky também caminhavam na direção dela.

— Eu tenho um primo que é detetive — Vicky falou. — Ele pode descobrir alguma coisa.

Agatha balançou sua cabeça.

— Não sei, Victoria. Não quero envolver nenhum de vocês nisso...

— Não me envolveria. Envolveria meu primo. — Ela deu de ombros. — Esse é o trabalho dele, aposto que não seria grande coisa.

Encarei Agatha e me mantive calado, fazendo Sal se manter quieto também e esperei que ela decidisse. No fim, ela disse o que eu gostaria:

— Tudo bem — confirmou com Vicky.

Eu me senti aliviado. Teríamos, ao menos, mais tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XLIX

Agatha

— *Você está bem?* —

Chris me perguntou.

— O detetive continua procurando alguma coisa — falei de dei de ombros. — Não sei se vamos conseguir nada.

— Estamos ganhando tempo. Ele não pode me incriminar, nós não o podemos... *ainda*.

— Mas nesse meio tempo ele pode fazer algo contra nós! — Me segurei com força no corrimão

da esteira da academia de meu condomínio.

Ele segurou minhas mãos.

— Não Agatha, se ele quisesse fazer algo, ele faria... Na verdade, ele já fez! Ele é como a porra de um fantasma te assombrando. Talvez ele nem possa fazer nada, talvez nem tenha mais força para nada.

— Eu não sei... — Antes que eu falasse mais alguma coisa, ele tirou sua camisa.

Uma sensação de formigamento afetou todo o meu corpo. Era absolutamente estranho como eu me sentia ao vê-lo, parecia que não convivíamos juntos, que não nos víamos todos os dias.

— Você está tentando me distrair? — Eu corria ainda mais rápido na esteira e ele jogou a sua camisa em minha direção.

— Nessa academia que invadimos? — Era

PERIGOSAS NACIONAIS

claro que “invadimos” era um exagero. Apenas tínhamos pedido a chave para o segurança. — Nunca, nunca tentaria te distrair.

Parei de correr e ele sorriu, presunçoso, como sempre.

— O que você está tentando então?

— Malhar um pouco. — piscou.

— Só isso?

Ele abaixou sua bermuda, ficando apenas com uma cueca.

— Sim, malhar, claro.

— Sem roupa? Não pensa que sua pele vai grudar no equipamento? — questionei.

— A minha pele grudaria de toda a maneira no equipamento, assim estarei mais livre, só isso.

— Liberdade, é isso que você quer?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, apenas liberdade.

— Não me seduzir?

— Nunca tento te seduzir. — Ele se aproximou da esteira e suas mãos voltaram a agarrar a minha.

Não voltei a correr, continuei o encarando.

— Nunca?

— Nunca. — Seu tom de voz mudou e eu engoli em seco.

Saí da esteira e nós nos encaramos por um segundo apenas, distantes, mas conectados.

— Não quer me seduzir agora? — brinquei.

— Com certeza! — Eu não precisava pedir duas vezes. Em um segundo ele estava distante, no outro, sua mão estava em minha nuca e sua boca na minha.

Ele não me beijou devagar, ele me invadiu

PERIGOSAS NACIONAIS

sem pedir e eu deixei sem pensar duas vezes. Sua língua brincou e acariciou a minha, me excitando, me explorando, como ele gostava de fazer, suas mãos me puxaram pela cintura e nos empurraram para a parede.

Minhas costas agora encostadas na parede ao ponto de que eu nem senti quando, involuntariamente, minhas pernas já estavam em volta da cintura de Christopher. Com um braço me segurando pela bunda, sua outra mão desceu para minha panturrilha e parou em meu tênis, com agilidade ele tirou meu par de tênis e meia.

Percebi ele empurrando a sua cueca para baixo. Senti seu membro roçar por cima da minha entrada, sob meu short de malha. Eu já podia me senti umedecer.

Seu braço continuou me dando apoio e sua outra mão foi para meu cabelo. Repousei minhas

PERIGOSAS ACHERON

mãos em cada ombro de Chris. Ele começou a nos guiar para algum canto da academia, não fiz questão de abrir meus olhos para ver onde ele estava nos levando, apenas me deixei ser levada.

Quando enfim eu abri meus olhos percebi que estávamos próximos a um banco de supino reto, era nada mais que um banco alto acolchoado com uma barra de metal e dois pesos, os tais anilhas. Christopher me carregava com tranquilidade e só veio me pôr no chão próximos àquele equipamento.

Sua boca não largou a minha no percurso, quando ele se afastou soltei um gemido de protesto e em seguida sua boca começou um caminho de beijos de minha orelha a meu pescoço fazendo cócegas em mim com sua barba.

Deixei uma mão em seu ombro e com a outra puxei seu cabelo para trás, Chris grunhiu baixinho e

se afastou do meu pescoço. Dei à Chris um sorriso torto e ele desobedientemente voltou a atacar meu pescoço, roçando sua barba em mim, causando-me risos descontrolados.

— Para! — praticamente gritei e suas mãos foram para o elástico de minha calça, da qual rapidamente já estava no chão.

O que antes eram protestos meus, se tornaram gemidos por mais, quando Chris ficou de joelhos em minha frente enquanto retirava minha calcinha de algodão.

Christopher agarrou uma de minhas coxas, a colocando sobre seu ombro, com sua outra mão ele apertou uma de minhas nádegas e estava com meus olhos fechados quando senti dois dedos de Chris abrirem meus grandes lábios como uma tesoura e sua língua tocar sabiamente meu clitóris inchado e pulsante.

Gemi enquanto todo meu corpo estremecia de prazer.

Eu tinha certeza que eu poderia sentir essa sensação da língua de Chris dentro de mim um milhão de vezes que ainda assim eu gemeria como se fosse a primeira vez. Sua língua era fria e eu quente, um leve choque passava por todo meu corpo quando eu sentia aquela língua me lambendo como um homem faminto.

Christopher sabia o passo a passo para levar uma mulher à loucura. Comigo não era diferente. Sabiamente e delicadamente ele me abria mais com seus dedos, sua língua nunca deixava meu clitóris, lambendo e chupando e sua outra mão continuava a apertar uma de minhas nádegas, algumas vezes me dando leves tapas, enquanto me chupava.

Oh! Deus! Ah!

Eu simplesmente não conseguia parar de

PERIGOSAS ACHERON

gemer alto. Minhas mãos repousaram em seu cabelo comprido.

Christopher pegou meu clitóris entre seus dentes, bem de leve ele mordiscou, para depois chupar com sucções calmas e rítmicas. Sua barba roçava toda minha vagina.

— Chris... — gemia e gemia.

Já disse que não conseguia parar de gemer?

— Calma, Ruiva! — Chris tirou sua boca de mim para falar, e até mesmo sua voz, agora mais rouca que o normal, fez com que todo meu corpo se enrijecesse ao ouvi-la.

Com Christopher eu não sentia que havia alguém no "comando", era como fosse apenas nós dois desfrutando de prazer, não um "acima" do outro. Éramos apenas eu e ele, nada mais importava. Apenas a tentação, apenas o nosso prazer... Era surreal. Era fascinante. Era tentador

PERIGOSAS ACHERON

quanto devastador.

Chris deixou meus grandes lábios abertos com seu polegar e indicador enfiando devagar seu dedo do meio em minha entrada. Eu estava tão molhada que escorria por minhas pernas. O dedo de Chris entrou facilmente em mim e ele riu baixinho, colando sua boca novamente em meu clitóris, sua barba começou a fazer um carinho em mim. Era ao mesmo tempo engraçado e gostoso.

Ele colocou mais um dedo em mim, tirando seu indicador de meus grandes lábios e colocando devagar em minha entrada. Seus dois dedos ficaram parados por pouco tempo, depois ele começou a enfiá-lo com um ritmo constante em mim, sua língua fez movimentos circulares com meu clitóris dando ao meu corpo um prazer constante, como seus movimentos.

Ele tocava com seus dedos em meu ponto G,

me deixando cada vez mais louca de prazer. Gemi quando Christopher começou com estocadas rápidas dentro de mim, sempre tocando em meu ponto G e seus movimentos circulares com a língua em meu clitóris se tornaram também mais rápidos.

Sua língua saiu de meu clitóris para ir à minha entrada, quando seus dedos foram em meu clitóris. Com a troca de posição eu gemi mais ao sentir sua língua entrar e sair em mim, quando seus dedos apertavam e massagearam meu clitóris inchado.

Eu não demoraria muito para gozar.

A outra mão de Chris apertou minha bunda o suficiente para deixar uma marca de sua palma. Senti meu clímax próximo, pois minhas pernas estavam ficando moles. Chris pareceu sentir minha fraqueza, tirou sua mão de minha bunda e foi ao meu quadril, me dando algum equilíbrio. Mas sua

língua não saiu por um momento de dentro de mim, e seus dedos não pararam de massagear meu clitóris.

— Estou bem perto... — Meu corpo inteiro se arrepiou.

— Vem Ruiva! — Chris tirou sua língua de mim o suficiente apenas para falar, com aquela sua voz rouca, então sem esperar mais ele meteu fundo sua língua novamente em minha entrada.

Christopher me comia com sua língua e dedos, sem nenhum pudor ou hesitação. Ele não parava por nenhum segundo, nem quando meu corpo começou com leves espasmos e depois minha combustão foi completa, soltando enfim meu orgasmo.

Ele tirou seus dedos de meu clitóris para meu segurar pelos quadris, mas sua língua não saiu de mim, e quando eu achei que meu orgasmo tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

acabado, outra onda de prazer me dominou, seguida de outras pequenas, transformando em uma única, múltipla e intensa.

A língua dele só saiu de dentro de mim quando meu clímax tinha passado completamente. Chris continuou de joelhos por um momento, antes de me colocar deitada no banco.

— Oi Ruiva! — Piscou enquanto sorria, daquele seu jeito de sempre.

Arranhei os seus ombros e puxei o meu top para fora de meu corpo.

— Vem!

Ele continuou sorrindo e abriu as minhas pernas ainda mais para a sua passagem. Ele já estava sem roupa, descalço. Tão pronto para mim, quanto eu para ele.

Nós gememos em uníssono quando ele me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

penetrou.

Naquele momento nada existia além de nós dois.

PERIGOSAS ACHERON

L

Christopher

De noite, eu encarava

Agatha. Ela dormia nua ao meu lado

enrolada em um lençol fino. O lençol mal a cobria por completo. O ar condicionado estava no clima ambiente, mas pelo quarto fechado, a sensação térmica parecia que era ainda mais frio.

Agatha dormia de bruços e eu aproveitei para passar meus dedos em suas costas, leve, por cima. Mesmo com um movimento tão sutil, ela se arrepiou. Seu cabelo estava em uma perfeita bagunça.

Ela se remexeu na cama e parecia saber que eu a olhava, porque despertou. Achou meus olhos mesmo com a pouca luminosidade do quarto.

— Ainda acordado? — Esfregou seus olhos.
— Insônia?

— Um pouco. — Dei de ombros.

— Isso não é preocupação, é?

— Não, eu estou bem.

Ela se mexeu mais um pouco e ficou de lado na cama, com uma perna sobre a outra. Eu estava sentado e ela abraçou as minhas pernas. Sua cabeça estava na altura de meu quadril. Acariciei sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça e seu cabelo embolou em meus dedos.

— Daqui a pouco Sal vai começar a chorar...
— comentei, olhando para o relógio ao nosso lado da cama.

— Será?

— Se for como a maioria dos outros dias, sim.

— Ele está dormindo mais ultimamente.

— Está com um sono mais tranquilo.

— É verdade... — Eu falava, mas pouco me ouvia. Até mesmo a Ruiva estava com seus olhos fechados. — Agatha?

— S-sim... — Ela bocejou e deitou sua cabeça em meu colo.

— Nós deveríamos casar.

— Casar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É.

— Casar-casar?

— Casar.

— Você está brincando — ela confirmou.

— Agatha, você quer casar comigo?

Ela levantou sua cabeça e me encarou.
Ficamos há apenas poucos centímetros de distância.

— Chris...

— Eu sei que parece loucura, mas...

— Não parece loucura — ela me cortou. —
Parece...

— Certo? Ótimo? Você aceita? — supus.

Ela se sentou na cama e encarou o ambiente
antes de virar seu rosto para mim.

— Não sei, Chris.

— Por quê? Não parece certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não parece errado — comentou. — Mas... Não sei. Merda, não sei.

— Não pode ser tão difícil essa decisão. Você se casou com o outro.

— Christopher!

— Não fale comigo como se eu fosse uma criança.

— Mas você entende o quão arrogante soou a sua última frase, certo? Eu estava realmente tentando te repreender.

Eu ri.

— Me repreender. E isso soa ridículo.

Ela fincou as suas unhas em minha coxa, me fazendo encarar seus olhos fixamente.

— Você não é ele.

— Que bom, não é?

PERIGOSAS ACHERON

Minha ruiva balançou sua cabeça e seu cabelo bagunçado caiu sobre seus olhos.

— Você não é ele — voltou a falar. — E por isso, eu preciso pensar mais sobre nós. Não posso aceitar precipitadamente. É muito além de um contrato.

— Meu Deus! — Quase cuspi as palavras. — Você tem que pensar sobre se casar comigo? Por quê? Me dê um único motivo! Porque senão eu vou dormir acreditando que você só está pensando porque eu sou pobre e não pensou com ele porque ele não era.

— Você está dizendo que eu só casei com ele porque ele era rico?

— É exatamente isso que eu estou dizendo!

Suas mãos largaram minha coxa e ela se distanciou de mim, sentando-se na ponta da cama, de costas.

— Impressionante — ela sussurrou.

— Me diga algo, Agatha. Me diga algo que faça eu mudar essa ideia.

— Você parece que não entende sobre necessidades.

— Necessidades? — Eu me sentei na ponta, ao seu lado e coloquei uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha, fazendo-a olhar para mim. — De que tipo de necessidade estamos falando?

— Básicas. Não básicas sobre comer ou ter uma casa, mas básicas sobre mudar a realidade que vive, sobre não aguentar mais, sobre necessitar sair. Eu aceitei me casar não porque amava ou era ingênua o suficiente, era por essa necessidade, era pela necessidade de acreditar que ele mudaria a realidade que eu vivia.

— Mas... — Abri minha boca, mas ela colocou seus dedos em meus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu casei por necessidade, não pelos sentimentos. Com você é diferente. Não me casaria com você porque quero mudar minha vida, mas seria porque quero continuar a tê-la.

— E você tem dúvidas de que quer continuar?

— Não é sobre dúvidas... Eu não sei explicar isso, mas eu não quero estragar nada.

— Como você estragaria aceitando casar comigo?

— Você só tem vinte e cinco, Chris.

— Você nunca pensou sobre idade antes.

— Sempre pensei, nunca falei — ela me consertou. — E agora acho que é uma responsabilidade minha pensar por você sobre isso.

— Não estou nem aí pra minha idade, Agatha. — Eu ri. — Eu já sou pai, por favor. A

PERIGOSAS ACHERON

maior responsabilidade de todas, eu já a detenho.

— Pode ser, mas...

— Mas nada — a cortei e levantei minhas mãos por um momento, antes de deitar. — Não precisamos mais conversar sobre isso.

Me deitei de lado, encarando a parede e de costas para ela. Tudo que eu precisava era dormir depois de tomar um fora da minha própria mulher. Afinal, qual era a dificuldade? Já morávamos juntos há anos. Já criávamos uma criança. Já tínhamos uma vida. Por ela simplesmente não aceitava? Por que ela simplesmente não me dizia sim?

— Eu te amo, Christopher — sussurrou em meu ouvido enquanto passava um braço por minha cintura, sua mão fria tocou em minha pele quente.

Sorri e toquei em sua mão. Eu a amava. De fato, eu a amava. A mulher era um problema da PERIGOSAS ACHERON

cabeça aos pés, mas eu não conseguia resistir. Absolutamente tudo que poderia ser simples com Agatha, não era.

Eu gostava de desafios.

Amava.

LI

Agatha

*O detetive me mandou todos
os arquivos necessários* no dia posterior a

Chris ter me “pedido” em casamento. Na verdade,
seu pedido não parecia um pedido, parecia como a
realização de uma atividade óbvia. Quase como se
estivéssemos claramente com fome e ele se

PERIGOSAS NACIONAIS

oferecesse para comprar uma pizza. Não era que eu esperava romantismo, era apenas que eu não queria algo ‘obrigado’ ou simplesmente fazer por fazer porque parecia certo.

Nós não precisávamos nos casar para vivermos juntos. Nós não precisávamos nos casar para criar uma criança. Sendo assim, nós só precisávamos nos casar se quiséssemos, mas o querer não precisava ser porque praticamente já vivíamos uma relação de casados. Tínhamos que sentir e apesar de soar tão infantil quanto idealizadora, tanto quanto desejar uma primeira vez com o amor da sua vida, era real. Eu queria sentir.

Não que eu não o amasse o suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

isso, mas eu precisava querer além de selar um contrato. Eu queria que meu coração disparasse e que eu tivesse a certeza absoluta que desejava passar o resto da minha vida com ele.

Eu já tinha feito isso antes, mas essa seria a primeira vez dele. Precisava ser algo além. Precisava ser especial, único. E seria único para mim também, porque seria com ele.

— Tudo bem? — Benny me perguntou em minha agência, na minha sala.

Ele estava parcialmente deitado em meu sofá e eu me sentia melhor em poder admitir que a aparência dele estava mudando com o passar dos dias. Benny estava engordando e suas olheiras estavam melhorando, deixando de ser tão fundas.

— Eu... eu estou ótima! — Me levantei de minha cadeira, quase a ponto de bater palmas ou pular.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que aconteceu? — Benny se levantou do sofá e caminhou em minha direção.

— A agência está salva! — Eu literalmente pulei.

— Salva! — E Benny quase gritou. — Como? Por quê? O que aconteceu?

— Ele está quebrado — dessa vez eu verdadeiramente gritei. — Meu ex marido está quebrado!

— Pobre?

— Demais. — O abracei. — Ele não tem nada e é por isso que quer a minha agência.

— Não é por nenhum plano macabro?

— Nenhum.

— Nem por vingança?

— Sinceramente? Talvez um pouco disso, mas o que ele mais quer agora é dinheiro e se ele

PERIGOSAS ACHERON

vender a agência ou repassá-la para concorrentes pode fazer um bom dinheiro.

— Isso é ótimo! — Ainda nos abraçávamos e começamos a pular. — Como ele está quebrado?

Nos afastávamos nesse momento e eu respirei fundo.

— Sonegação. Outro divórcio. Pensão alimentícia. Tudo que realmente funciona.

— E tudo que realmente leva muito dinheiro.

— Benny, isso é incrível.

Meu amigo andou pelo meu escritório.

— Precisamos pensar consciente. O detetive tem certeza absoluta que ele está quebrado?

— Sim. Não saiu em noticiários ou qualquer coisa do tipo, mas tem todos os dados necessários comprovando isso no site da Receita Federal.

— Isso é sobre a sonegação, mas e sobre o
PERIGOSAS ACHERON

divórcio e pensão alimentícia?

— Os dados do Imposto de Renda só foram achados por causa do CPF...

Benny parou de andar e me encarou com seu cenho franzido.

— Você quer que eu adivinhe o resto?

— Benny, só o CPF.

— E?

Eu ri.

— Com o CPF, ele conseguiu descobrir que ele agora é divorciado e ele tem um filho pequeno...

Benny continuava com a sua expressão franzida.

— Basicamente você pagou para um homem descobrir um CPF do outro?

— Não, ele não foi completamente inútil. Ele

me enviou acusações feitas por sua ex mulher, mas no fim das contas eram sobre a pensão, também seu endereço atual.

— E o que você está pensando em fazer agora?

— O detetive me disse que na situação atual, bastaria uma mulher denunciá-lo.

— Você será essa mulher?

— Não posso, não tenho qualquer prova. E você viu que nenhuma outra mulher que admitiu para Ian o que aconteceu, quis fazer o exame de corpo de delito.

— Mas por que essa cara? — ele quis saber.

— Que cara?

— Você está olhando de um jeito vitorioso.

— Vitorioso? Que tipo de olhar é esse?

— Pensativo vitorioso. — E ele imitou,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando uma mão em seu queixo e suspirando fundo enquanto olhava para o teto.

— Isso é possível? Você não parece vitorioso pensativo.

— Pensativo vitorioso, tem diferença.

— Meu Deus. — Ri enquanto saia de trás de minha mesa. — Eu posso destruí-lo se eu quiser.

— Destruí-lo?

— Eu tenho dinheiro e ele não. Eu tenho mais poder que ele.

— Agatha, ele pode estar quebrado, mas aposto que não está pobre de verdade e, além disso, ele pode ter alguma conta em outro país ou simplesmente ter conhecidos influentes. Não vale a pena.

— Vale a pena. — Acenei. — Eu poderia colocar alguém que merece preso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não é a polícia, baby. Você não tem esse poder. Nem o divino nem o da Terra. Não vale.

Coloquei minhas mãos em meu cabelo e gritei. Não alto ou estridente, baixo, gutural ao ponto de incomodar minha garganta.

— Eu não o aguento mais, Benny. Chris teve razão quando disse que ele é como a porra de um fantasma. E se ele ganhar muito dinheiro e volte a me assombrar daqui a uns anos? Eu sei que agora ele não tem força legal contra mim, mas e depois?

— Agatha...

— É sério!

— Eu sei, baby. Eu sei que é sério, mas você tem que respirar também. Você tem que pensar que ele não é um fantasma, ele não pode invadir a sua vida quando bem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer o quê? Que eu seja superior a ele?

— Claro que você tem que ser superior.

— Só que eu sinto medo dele e ele não de mim.

— Baby...

— Eu sei! — gritei. — Eu não deveria sentir nada sobre ele, mas o que eu posso fazer? Não consigo evitar.

— Eu não ia dizer isso — ele falou. — Eu ia dizer que é natural, é completamente compreensível o seu medo.

— Mas?

— Era isso.

— Você não tem um mais? — Balancei minhas mãos no ar, sem um objetivo exato.

— Não tenho um mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não tem um conselho ou uma ajuda?

— Não tenho nada.

Me sentei no sofá que antes ele estava deitado e cobri meu rosto. Quando Benny falou novamente a sua voz soava melodiosa e tão calma como somente ele falaria:

— Eu não tenho mais o que dizer, porque acredito que não há o que fazer. Ele é passado e ele não pode fazer nada contra você. Ponha uma queixa na polícia novamente, tente mais uma vez, quem sabe não consiga aquelas coisas de distância e se ele pensar em se aproximar de você, então aí você poderá acabar com a vida dele.

— Não é só sobre isso, Benny.

Alguém bateu na porta e eu franzi meu cenho.

— Quem é?

PERIGOSAS ACHERON

— Victoria.

— Entre, entre.

Depois que ela abriu a porta, continuou parada na porta e encarou o chão por um momento antes de levantar seus olhos em minha direção.

— Me desculpe, mas eu consegui ouvir algumas coisas que vocês falaram.

— E? — eu questionei.

— E pensei por que a senhora não conversa com as mulheres que já sofreram algum tipo de abuso doméstico?

Dei de ombros.

— Ian conversou com elas e depois que enviou as gravações para a polícia, elas, mesmo dando nomes e endereços, simplesmente negaram fazer o corpo de delito.

— Mas só Ian conversou com elas... — Era

estranho pensar que Ian era o cunhado de Victoria.

— O que você quer dizer com isso?

— Que só ele conversou com elas. Talvez elas só contaram o que aconteceu porque sentiram segurança para isso, mas não para dar um passo a mais. Se a senhora conversasse com elas poderia ser diferente.

— Só por que eu sou mulher?

Victoria encarou seus próprios pés e trocou o peso de sua perna. Colocou uma mecha de seu cabelo para trás de sua orelha e respirou fundo. Era uma longa pausa para uma resposta, mas eu percebia a sua aflição e timidez.

— Pode dizer de uma vez, querida. — Benny a ajudou.

Minha assistente acenou e encarou meus olhos fixamente, como eu não imaginava que ela

conseguia fazer para dizer:

— Porque você passou pelo mesmo que elas.

— Ela tem um bom ponto. — Benny raciocinou.

Victoria e eu fomos para uma praça de Lauro de Freitas encontrar com uma das mulheres que eu tinha ligado depois que Ian me passou seus números. Aquela que veríamos foi a única que aceitou nos encontrar.

Enquanto Victoria ajustava seu cinto de segurança, eu tive que perguntar:

— Por que você continua assim tão tímida depois de anos trabalhando comigo?

— Eu sou assim. — Ela me olhou com um sorriso... tímido.

— Como é possível? — Eu ri ao estacionar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós temos certa intimidade, não é?

— Eu não sei... Simplesmente sou assim.

— Você não acha que isso te atrapalha?

— Normalmente as outras pessoas falam mal, mas eu não me importo.

— É, se você não se importa o problema é delas, não seu.

Ela ri.

— Também penso assim. Sei que pode ser um pouco difícil não dizer de uma vez o que penso por receio de alguma coisa, mas, no final das contas, eu consigo.

— E todo esse receio é só timidez?

— Tenho medo de ferir os sentimentos das pessoas.

— Não deveria.

PERIGOSAS ACHERON

Victoria balançou sua cabeça de um lado para o outro e desafivelamos nossos cintos de segurança. Depois de sairmos do carro, ela me respondeu:

— Talvez realmente não deveria ligar tanto, mas acho que esse é um trabalho constante.

Me aproximei dela e segurei seus ombros.

— Me diga o que você pensa sobre mim.

— O quê?

— Seja sincera. Diga, de coração, uma coisa impulsiva que você pensa sobre mim. Não precisa ser boa.

— Determinada.

— Não, Victoria. Você tem que dizer algo como “vaca” ou “louca” ou “megera” ou “fria”.

— Essas são coisas que você pensa sobre si mesma ou o que acha que as outras pessoas pensam

sobre você?

— A segunda opção — falei pouco confiante.

Victoria sorria.

— Acredito que você é confiante demais para realmente querer saber sobre o que pensam de você.

Pensei, no primeiro instante, em pedir que ela me dissesse o que diziam, porém, balancei minha cabeça.

— Obrigada — agradei, mas não sabia exatamente sobre o quê.

— Agatha... Depois nós podemos conversar?

Assenti.

— Com certeza.

Vimos a mulher que eu iria conversar com facilidade. Não só a reconhecemos pela foto nas PERIGOSAS ACHERON

redes sociais, mas mesmo que não houvesse, era a única mulher no ambiente com aparência de acima de vinte anos.

LII

Christopher

— *Que semana* —

comentei.

— Pois é. — Agatha respondeu, soprando.
— Convenci uma mulher a fazer um exame de corpo de delito. Meu ex marido foi preso. Caso exposto. Victoria pediu demissão.

— Quer conversar sobre alguma dessas coisas?

— Uma coisa de cada vez, certo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe, tenho todo o tempo para você. — Sal começou a chorar e eu me levantei da cama. — Depois de limpar Sal tenho todo o tempo para você.

Ela riu, mas levantou da cama junto comigo.

— Acho que agora quero pensar em Victoria — começou a falar quando eu tirava Sal do berço. — Ela merece um emprego melhor e eu sempre soube que a agência para ela era só uma passagem.

— Mas?

— Mas eu realmente gostava dela.

— Gostava? Ela ainda vai continuar trabalhando por umas três semanas para você. — Ri ao limpar Sal que parava de chorar.

— É, é. — Percebi que seu tom de voz mudou e a olhei depois de colocar uma outra fralda em Sal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o problema?

— Eu sei que você está conseguindo a estabilidade necessária no teatro, mas pensei que, em meio período, você poderia trabalhar para mim.

Continuei a encarando antes de ela continuar:

— Você não precisaria mais trabalhar como modelo, já teria uma renda fixa.

— Meio período? Você não precisa de alguém no expediente integral?

— Precisaria, por isso, poderia contratar outra pessoa, uma estudante estagiária. Atualmente, vejo que é melhor ter uma estagiária do que uma pessoa integralmente.

— Mas se você contratar duas, terá um período integral.

— É verdade, mas qualquer coisa, posso demitir você e promover a outra pessoa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem me contratou e já pensa em me demitir?

— Você aceita? — Ela franziu seu cenho e eu abracei Sal.

— Só tenho um pedido.

— Diga.

— Posso levar meu filho, senhora?

A Ruiva sorriu.

— Você tem certeza disso? — ela insistiu.

— Você está me contratando por pena?

— Não, nunca seria isso.

Eu acenei e dei de ombros.

— Então está tudo bem.

— Você aceitou fácil demais... — Ela pegou Sal de meus braços e se sentou na cadeira horrível de balanço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me ajoelhei ao seu lado e comecei a fazer caretas para Sal.

— Queria que eu recuasse? — perguntei a Agatha.

— Não é isso, só estranhei...

— Ruiva, — A olhei. — estarei perto de você, poderei levar nosso filho e ainda ganharei dinheiro pra isso.

Ela sorriu.

— Não é um trabalho tão fácil quanto você imagina e você terá que atingir o nível de Victoria.

— Atingir o nível de Vicky já é demais.

Minha Ruiva gargalhou.

— É verdade.

Sal balbuciou chamando nossa atenção.

— O que foi, querido? — Agatha brincou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Ma-ma* — ele balbuciou.

— Mamãe? — Ela estremeceu. — Ele me chamou de mamãe?

— Talvez só foi um “mama” aleatório.

— Não estrague o meu momento. — Me fuzilou com o olhar.

Franzi meus lábios.

— Foi mamãe, com certeza foi mamãe.

Piscou para mim.

— Ele me chamou de mamãe! — confirmou.

— Primeiro mamãe! — Bati palmas antes de beijar seu rosto e o de Sal. — Quero papa agora! — brinquei com ele que nem me deu atenção já que Agatha o segurava para cima o fazendo gargalhar.

Agatha parecia mais tranquila depois da

PERIGOSAS ACHERON

prisão de seu ex marido, mesmo que ela não tivesse contado a mim como foi a sua conversa com a mulher que o denunciou. Ambos sabíamos que poderia não durar muito e mesmo depois de ela me contar que ele estava quebrado, desconfiei. O hotel que ele se hospedou em Salvador era um dos melhores. A não ser que ele conseguisse favores, se não fosse isso, ele ainda tinha algum dinheiro — muito, por sinal.

No entanto, mesmo assim, nós estávamos mais tranquilos, ele não tinha nenhum poder sobre nós.

De toda a forma, eu sentia que ainda havia uma ponta sem nó, não sobre o ex marido de Agatha, mas a forma que ela estava agindo; mais tranquila, de fato, mas ainda assim eu sentia que havia algo diferente, algo que ainda a estressava.

— Você acha que ela está bem, bem mesmo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— perguntei a Benny que dirigia meu carro enquanto eu estava no banco de trás, ao lado de Sal.

— Depois que o outro foi preso? Com certeza.

— Você não acha que há nada de estranho nela? — continuei.

— Ela é meio estranha às vezes. Período menstrual, talvez.

— Ela diria que esse é um comentário sexista.

— Sexista? Ela definitivamente não diria isso — falou. — Agatha provavelmente mandaria nós calarmos nossa boca sobre seu período menstrual.

— É, mais provável. Revirando seus olhos ainda.

— Revirando os olhos! — Ele gargalhou. — Com certeza!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para onde estamos indo? — Encarei a rua.
— Pensei que iríamos para a clínica.

— Antes preciso... tomar um sol — Benny disse.

— Não seria melhor depois?

— Não, quero tomar um sol agora.

— Que coisa estranha de se dizer — comentei.

Ele estacionou o carro perto do Parque da Cidade em Salvador e descemos do carro com um guarda-sol para cobrir Sal. Eu nunca pensei que eu me tornaria um homem adulto que usaria guarda-sol.

Entramos no Parque que, por ser um dia de semana, estava mais vazio que o esperado.

— Eu vou comprar um... algodão doce. — Benny apontou sem jeito para um rapaz distante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que carregava os algodões doces.

— Mas você está em dieta.

— Só um não mata.

— É pura açúcar e cuspe.

— Não, nada a ver... — falou enquanto já se afastava. — Pode dar uma volta sem mim.

— Novamente estranho — comentei, olhando para Sal.

Meu celular tocou em meu bolso traseiro.

— Chris? — Agatha falou antes de mim.

— É normal que a pessoa que atenda fale antes.

— Sem tempo. Onde você está?

— Parque da Cidade.

— Não, não isso. Onde exatamente.

— Passando perto de bancos azuis e

PERIGOSAS ACHERON

vermelhos.

— Venha para a grama.

— Grama? — Olhei para a minha direita e esquerda. — Há grama em todo o lado.

— Seu lado esquerdo. — Já a imaginava revirando seus olhos.

Caminhei a minha esquerda e vi o monte de grama e árvores.

— Por que você está aqui? — questionei.

— Queria te ver em um lugar diferente.

Pouco depois a vi encostada sob uma árvore e sorri. Ela estava definitivamente fora de seu habitat natural. Vestia um short e uma camiseta enquanto estava sentada em uma canga — ou o que eu achava ser uma canga.

— Piquenique? — Eu me animei e me sentei com Sal no meio da canga. Ele balbuciava

animado, como se soubesse o que estava acontecesse. — Eu achei que não demoraríamos aqui e deixei a bolsa com as coisas de Sal no carro.

— Não tem problema. — Agatha apontou para a sua própria bolsa. — Sempre levo algumas coisas dele aqui.

— E Benny?

— Está dando voltas.

— E fingindo comer algodão doce.

— O quê?

— Nem queira saber — brinco. — Mas o que é tudo isso?

Coloquei Sal sentada entre nós, com suas costas encostadas na bolsa de Agatha. Havia algumas besteiras para comermos e alguns sucos. Seus olhos estavam focados de mim para Sal e havia um brilho diferente nele. Hoje, ela parecia

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda mais linda e ainda mais tranquila. Eu me sentia bem em vê-la bem, finalmente.

— Eu pensei bastante sobre o nosso futuro nas últimas semanas. — Ela não deixava de me olhar e eu acreditava que nunca a tinha visto sentar de pernas dobradas, era uma completa besteira, mas ela parecia ainda mais relaxada.

— Que bom... Eu acho.

— E você estava certo.

— Certo sobre o quê?

— Sobre que precisávamos sentir que era certo, apenas isso. Tínhamos, na verdade... *eu tinha* que parar de analisar tudo e apenas sentir.

— Certo... — Eu não sabia se realmente acreditava no que estava acontecendo.

Minha Ruiva tirou de um embrulho sobre a canga um pequeno pacote e me entregou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero me ajoelhar. Não quero fazer uma grande declaração. Mas tudo que eu quero é me casar com você para oficializar o que já temos.

Eu sorri e agarrei a caixinha. Quando a abri, encontrei um lindo anel. Simples e delicado.

— Agatha... Não precisava.

— Precisava sim. É o que você queria, o que eu também quero...

Neguei com um aceno de cabeça.

— Você quem estava certa, Ruiva — falei.
— Nós não precisamos nos casar para oficializar o que temos. Podemos só continuar sermos o que somos. Mas eu aceito o anel. Eu quero ser seu noivo para sempre.

Ela sorriu.

— Namorado soa muito infantil, não é?

Acenei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Definitivamente. Nós somos além.
Parceiros, companheiros...

— Isso parece algo que os gays falam para serem aceitos com seus namorados.

— É verdade. — Fiz uma careta.

— Somos noivos agora.

— Ótimo, noivos soa melhor.

Ela segurou uma de minhas mãos e com a sua livre, brincou com Sal que estava distraído com um brinquedo de pelúcia.

— Christopher Tyler, você aceita ser meu noivo para sempre?

— Agatha Lancellotti, eu aceito ser o seu noivo para sempre. Você aceita ser a minha?

Seu sorriso foi tão bonito quanto sensual.

— Eu aceito. É claro que eu aceito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu aceito também uma declaração, daqueles de casamento.

Gargalhou.

— Calma, uma coisa de cada vez.

— Meu Deus, noivei com uma mulher insensível.

— Ei... — Ela bateu em meu ombro e eu ri.

PERIGOSAS ACHERON

LIV

Agatha

— *Eu pareço melhor, não pareço?* — Benny me fez olhá-lo da cabeça aos pés.

— Você está ótimo. — E era verdade. Ele tinha engordado, quase voltado ao seu peso de alguns anos. Já conseguia dormir melhor e, em consequência, não sofria com olheiras. Se alimentava melhor, já que tinha mais apetite. E não

parecia sofrer com nenhuma reação.

— Ótimo, ótimo, ótimo — começou a repetir enquanto andava de um lado para o outro em minha agência. — Vou voltar a trabalhar como antes!

— Você já me falou sobre isso — pontuei.
— E, além disso, nessas últimas semanas você já estava trabalhando.

— Não me senti trabalhando. Estava apenas ajudando Chris a se estabilizar aqui.

— Ele já sabia a maioria das coisas antes de começar.

— Mas depois da minha ajuda sabe mais.

Eu revirei meus olhos.

— Tá, tá bom.

— Como está se sentindo sem Victoria?

— Já estou há quase três meses sem ela e só agora você me pergunta?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — Acenou.

Suspirei.

— Estou bem. Até trocamos mensagens agora.

— Sério? Você fez uma amiga jovem e otimista?

— Por que você inseriu “jovem”?

— Você nasceu com mais de cinquenta anos, baby.

Gargalhei.

— Mas, sério, como você está se sentindo?

Ele maneou sua cabeça de um lado para o outro.

— Tenso, mas estou otimista.

— Quer que eu te acompanhe?

— Não, preciso ir sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei minhas mãos.

— Tudo bem, qualquer coisa me mande notícias. E ao sair, chame Chris.

Depois que Benny foi embora, Chris entrou em minha sala. Hoje Sal estava com Ian e Júlia, mas, na maioria dos dias ele ficava entre mim e Chris ou Benny até completar dois anos e o colocarmos em uma creche. Algumas creches não aceitavam crianças que ainda usassem fraldas, sendo assim, estavam pensando que, se ele continuasse com um bom desenvolvimento, a tiraríamos dele.

— Olá senhora. — Assim que ele entrou, fechou a porta atrás de si. — Chamou por mim?

Eu estava sentada em minha espreguiçadeira, virada para a minha sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chamei sim. — Cruzei e descruzei minhas pernas.

Ele se sentou na beira da espreguiçadeira que eu estava e usava uma daquelas suas antigas faixas. Quando percebeu que eu a observava, a tocou e falou:

— Brinquei de tirar umas fotos. Estou bem?

Sorri.

— Isso me lembra os velhos tempos. O começo.

Ele sorriu e assentiu.

— É verdade.

Christopher tocou para minha coxa, descansando nela e ocasionalmente apertando. Nossos olhos se conectaram. Seu olhar negro me inundava e realmente me lembrava o começo de tudo, a tentação, a provação antes do sexo, antes de

PERIGOSAS ACHERON

qualquer envolvimento.

Ele se sentou e seu peitoral roçava em meu braço, sobre o pano fino da camisa, eu sabia que ele estava fazendo isso de propósito. Chris sabia bem como me tentar, mas agora ele me devastava.

Ele descansou sua testa na lateral da minha cabeça e sua boca estava colada em minha orelha, sua barba me arrepiava, mesmo sem ele se mexer.

— Ambos sabemos que eu estou aqui para algo mais — brincou, mas sua voz soou tão sexual e sensual que eu não ri e sim prendi meu ar.

Christopher me deu tempo suficiente para assenti e sorrir, então, sem esperar, ele colocou sua outra mão em minha nuca e virou meu rosto delicadamente, mas não foi tão delicado quando sua boca tocou na minha.

Seu beijo foi possessivo e faminto. Eu o

beijei da mesma forma que ele me beijava. Realmente parecia que não nos beijávamos há tempos. Sentir seus lábios parecia ser sempre uma novidade e eu amava cada segundo das sensações que ele me proporcionava.

Eu quebrei nosso beijo para me sentar em seu colo, mesmo sobre panos da minha calça e da dele, eu conseguia sentir seu membro ereto, e ele posicionava-se perfeitamente em minha vagina. Era um encaixe certo, *perfeito*.

As mãos de Christopher passavam por todo o meu corpo, até uma parar em meu cabelo e a outra em minha coxa. As minhas mãos estavam em seu cabelo, puxando-o de leve. Chris gemia em minha boca e era absurdamente sensual ouvir o som quase gutural e totalmente rouco dele.

Christopher afastou sua boca da minha e tirou minha camisa e o forro, deixando-me de sutiã.

Christopher grunhiu e rapidamente me carregou da espreguiçadeira, pondo-me deitada sobre ela.

Ele ficou em pé ao lado da mesma e tirou sua calça, sua faixa estava caindo e ele puxou de vez, jogando-a no chão. A sua cueca era de um tom escuro, em contraste com sua pele, me chamando completa atenção para o marrom-escuro, beirando a preto, dela. Ele não tirou sua cueca tão rápido, antes disso, ele colocou suas mãos no botão de minha calça e abriu, em seguida abriu também o zíper, sem prologar mais ele tirou minha calça, mas não meu salto alto.

Agora eu estava de lingerie e salto alto preto, enquanto Chris estava de cueca e mais nada. O sorriso que ele me deu foi devastador ao ponto de meu coração falhar uma batida e retornar a bater muito mais rápido.

Gemi de antecipação quando Chris começou

a beijar meu corpo todo, começando pela minha panturrilha e subindo até parar em minha coxa, devagar ele tirou minha calcinha, roçando seus dedos por toda minha perna e me arrepiando completamente.

Depois de jogar minha calcinha no chão, ele começou a beijar meu pescoço, descendo até parar sobre meu seio, dessa vez ele não foi devagar ao tirar meu sutiã.

Quando dei por mim Christopher já estava nu e seu corpo pairava sobre o meu. Não hesitei em puxá-lo mais para mim, e fazer o que eu queria fazer: cravar meu salto em sua bunda.

Ele gemeu e reivindicou minha boca para ele. Eu estava completamente entregue. Eu, naquele momento, era sua. Completamente sua.

— Ruiva, você é, sem dúvida, minha devastação. — ele sussurrou em minha orelha, meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo enrijeceu com sua voz rouca.

No entanto, eu achava que eu quem deveria dizer aquilo que Christopher Tyler era a minha completa devastação. A mudança da minha vida, de meus pensamentos, o meu amadurecimento. Me fez ser mãe e uma mulher melhor. Me fez me sentir viva e feliz. Me fez me entregar. Me tentou tanto quanto me devastou.

LV

Christopher

Eu ainda não tinha

comentado que me sentia melhor com

um nome menor. Me fez me sentir mais humano,

mesmo que meu pai tivesse discutido comigo

durante horas sobre, mas, no fim, ele entendeu. Não

ficou do meu lado, era claro; mas entendeu.

Nos últimos meses ele estava indo e vindo para Salvador e continuava me ligando semanalmente. Era bom, mas eu sentia que não mudaria a nossa relação, mas seria bom para meu filho. Ele teria um avô, pelo menos. Se eu contasse meu tio, dois. Com minha tia, obviamente três.

Mas era claro que nem tudo poderia ser perfeito e quando Agatha e eu voltamos para casa depois de buscamos Sal em Ian e Júlia, encontramos Benny chorando enquanto bebia um líquido transparente em um copo de uísque.

— Benny! — Agatha gritou tirando copo dele. — Você não pode beber!

— É água — falou, com a voz sussurrante e a cabeça baixa.

Agatha cheirou o copo e bebeu um gole, percebi quando sua boca formou a expressão “ah!” e em seguida ela entregou o copo para seu amigo e

PERIGOSAS NACIONAIS

se sentou ao seu lado no chão.

— Por que você está bebendo assim?

— Nada para mim dá certo! — gritou e eu me sentei em seu outro lado, com Sal em meu colo.

— Como não? — Agatha tentou. — Você tem um emprego, uma casa, um namorado.

— Um emprego na agência da minha amiga e a casa desta não conta!

— Mas Benny...

— Não, chega! — Ele praticamente deitou no chão enquanto cobria seu rosto. — Eu não aguento mais me sentir imprestável. É como se eu fosse o único a não evoluir.

— Não evoluir? — Eu ri. — Você trocou as fraldas de Sal melhor do que Agatha e eu. Você nos ouviu discutir e não se intrometeu em nenhum momento, mesmo que em certos pontos, eu tenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza que você teria uma opinião. Você cuidou da casa, limpou, cozinhou, fez um excelente café.

— Chris, isso é ridículo! — Benny continuou sem tirar suas mãos de seu rosto.

— Não, não é. Porque você demonstrou com esses tantos meses que você consegue conviver com as pessoas de maneira pacífica, amistosa. Sem incomodar ninguém. Você deixa de dar a sua opinião, o que muitas pessoas podem dizer que é fraqueza, mas eu vejo como coragem. Porque quando você, por exemplo, não respondeu meu tio, você não estava nem aí para ele, você pensava em mim e como a sua opinião poderia afetar a mim. E isso é um nível de empatia que as pessoas normalmente não têm. Um nível de força que as pessoas não têm.

Toquei no ombro dele e Sal saiu de meu colo, se deitando ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um grande homem, Benjamin. — Ele finalmente tirou as suas mãos de seu rosto e percebeu que Sal o imitava. — Eu não daria um nome menos importante ao meu filho.

Ele riu.

— Não tem medo que ele ‘vire’ gay por má influência? — ele ironizou.

— Se houvesse essa possibilidade, será que existiria algum gay no universo?

Percebi o sorriso de Agatha para mim e, em seguida, ela piscou. Eu tinha dado uma boa resposta.

Benny coçou seu queixo e voltou a se sentar enquanto Sal continuou deitado no meio da sala.

— Isso é um bom questionamento — comentou. — Mas será que todo mundo era hetero no começo da humanidade?

PERIGOSAS ACHERON

— O ‘começo’ você quer dizer na *Teoria do Big Bang* ou Bíblia?

— Meu Deus. — Agatha suspirou. — Onde chegamos?!

No fim, descobrimos que Benny continuava com câncer. E ele se mudaria com seu namorado. Iria para perto, mas sairia de casa. Era estranho, mas eu me acostumei a viver com ele, porém sabia que esse momento chegaria. Ele parecia melhor, mas Agatha já tinha deixado claro que o visitaria sempre que possível, mesmo o seu namorado sendo enfermeiro. Benny a lembrou de um detalhe:

— Nós trabalhamos juntos, baby! Você me verá todo dia.

Era verdade. Eu também o veria todo dia

PERIGOSAS NACIONAIS

como assistente da Ruiva, o que estava dando incrivelmente certo. Às vezes levava Sal para o trabalho, continuava cuidando do teatro e marcando peças próximas e quando ele completasse dois anos Agatha já tinha dito que nós poderíamos viajar mais já que ele não seria um “fazedor-de-necessidades-na-fralda”, segundo ela.

Bati na porta do escritório de Agatha e entrei na segunda batida, a encontrando sentada atrás de seu computador com Sal em seu colo. Ela digitava furiosamente e assim que me viu, levantou seu olhar brevemente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Horário do almoço. — Estendi nossos *yaksobas*.

— Daqui a pouco, Chris.

— Mas posso começar a comer?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, claro.

Ela tinha uma mesa de centro e coloquei o seu yaksoba sobre esta, enquanto já comia o meu com alguns garfos grudados na caixinha. Não conseguia comer com *hashi*.

Quando eu já tinha terminado de comer, ela se levantou com Sal em seu colo e o colocou no meu.

— Ele vai comer que horas? — perguntei.

— Nos vendo comer, você sabe que ele vai querer. Mas seu horário de almoço é daqui a... — Ela encarou o seu relógio. — Meia-hora.

Eu ri.

— Daqui a meia-hora então para você, amigão. — Sal riu quando eu brincava com ele.

— Você queria me falar alguma coisa? — ela questionou com sua boca meio cheia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero sim, na verdade.

— Diga.

— Acho importante que você saiba que estou pensando em vender o meu apartamento. Nós somos um casal e acredito que este é o tipo de coisa a ser conversada.

Ela sorriu e colocou uma mão em meu ombro.

— É sim, querido. É importante para mim saber disso e dizer que eu não concordo.

— Por quê? Teríamos mais dinheiro.

— Mais dinheiro agora, de uma vez. Seu apartamento em poucos anos pode render muito mais, tanto para aluguel quanto para uma venda futura. Agora é um mal momento para vendê-lo.

— Eu perderia alguma coisa?

— Você deixaria de ganhar. Pesquise sobre o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mercado financeiro e sobre valores da venda na região do seu apartamento para ver.

Eu abaixei a minha cabeça.

— Agatha, quero trocar de carro. Não preciso de um melhor ou nada do tipo, mas preciso de um mais econômico. Esse está me custando demais.

— Eu posso te ajudar com isso.

— Como? Não quero que você me dê dinheiro.

— Não te darei dinheiro, te ajudarei com a venda do seu atual, com economia e financiamento ou compra à vista de um próximo mais econômico e melhor.

Abracei Sal e falei com ele:

— Você tem uma mamãe perfeita e eu tenho uma mulher perfeita!

Ele riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Ma-mã!* — Já pronunciava um pouco melhor.

— Papa também. Maravilhoso — continuei.

— *Papá!* — Bateu suas palmas.

— Mas voltando a sua mãe, sabia que ela é mão-de-vaca incrível? Vamos ficar ricos desse jeito.

— Chris! — Agatha bateu em meu ombro e eu beijei o canto de sua boca.

Ela já tinha terminado de comer e estava com seus braços cruzados e sua testa franzida para mim.

— Que foi?

— Não diga ao nosso filho que eu sou mão-de-vaca! — Ela o tirou de meu colo.

— Digo o quê?

Dessa vez, ela olhava para ele o fazendo sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A sua mamãe é uma mulher extremamente econômica. Vamos ser bem sucedidos por causa dela.

— “Extremamente econômica.” “Bem sucedidos” — ironizei. — Uma criança não entende nada disso.

Minha Ruiva virou sua cabeça em minha direção.

— E entende mão-de-vaca?

— Claro que entende.

Me inclinei na direção dela e comecei a conversar com Sal.

— Mão-de-vaca, filhão. Sua mãe é uma.

— Mã-mã — o pequeno disse.

— Tenho certeza que ele está tentando dizer *mão*.

Agatha me fuzilou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não ensine o nosso filho a dizer mão-de-vaca.

— O que vou ensinar?

— Papai é um besta, filho. — Agatha começou a soletrar. — B-e-s-t-a.

— Não ensine o nosso filho a falar besta!

Ela piscou para mim.

— Não ensine mão-de-vaca. — Seu olhar continuou em mim por um momento. — Aposto que você quer me chamar de vaca agora, certo?

— Um pouco.

Revirou seus olhos.

— Besta.

— Não! — Passei minha mão em meu cabelo e Sal ria.

— *Be-be!*

PERIGOSAS ACHERON

Nesse momento, Agatha e eu viramos para ele e falamos em uníssono:

— Não!

— *Be-be!*

A vida não era perfeita e isso não era nenhuma novidade. Agatha e eu não viveríamos sempre felizes e brincando com o nosso filho, assim como não aconteceria com Ian e Júlia que também tinham noivado, mas, diferentemente da Ruiva e eu, eles, em algum momento, realmente casariam. Benny estava bem, na medida do possível. Seu relacionamento também parecia estável.

Primeiramente, Agatha e eu aproveitamos a casa vazia. Depois, começamos a sentir falta de Benny. Em seguida, sentimos a presença de Sal. Agatha já tinha me alertado que dizer “presença de PERIGOSAS ACHERON

Sal” soava estranhíssimo e levemente assustador, no entanto, eu rebatia que conseguia ser algo além. Quando eu dizia “presença de Sal” era literalmente isso. Ele conseguia deixar um brinquedo em cada canto da casa, com isso, a falta de Benny foi preenchida por Sal bagunçando tudo. Absolutamente tudo.

Em um dia, Agatha e eu percebemos que era o momento certo para adotarmos um cachorro. Benny já tinha dito que cuidaria de um quando fossemos viajar; Ian também ajudaria.

Com isso, adotamos um labrador.

Podia ser mais clichê? Transformei a minha própria vida em uma história. Assim como eu pensei há tanto tempo enquanto me afastava de Agatha que a vida era como uma história com finais irregulares, aquela era a nossa história e, felizmente, nós poderíamos escrevê-la como

queríamos. Vivemos como queríamos.

— Você está feliz? — perguntei a minha Ruiva certa manhã.

— Estou me sentindo completa como nunca estive...

— Você não está grávida, está?

Ela riu.

— Não... *Eu acho.*

— Está brincando? — quase gritei.

— Calma, estou! — Mas gargalhava.

Estávamos deitados no chão, no meio da sala, enquanto Sal corria ao nosso redor. Às vezes ele pisava em nossos braços ou pernas, mas viveríamos. E como viveríamos.

Não seríamos sempre felizes, eu supunha. Não viveríamos sem ter uma discussão, um grito, uma reclamação. Nós nunca seríamos perfeitos e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso era ótimo. No entanto, não tentaríamos chegar à perfeição, mas continuaríamos tentando. Dia após dia.

Eu nunca poderia imaginar o poder de uma mulher sobre a minha vida. Eu nunca poderia imaginar que àquela Agatha Lancellotti com seu vestido vermelho, em uma festa enjoada, seria quem era atualmente em minha vida. Eu nunca poderia imaginar que algo que começou como uma simples tentação se tornou minha completa devastação.

PERIGOSAS ACHERON

Nota da Autora

Meu plano era publicar um conto de Ian e Júlia antes deste livro, se chamaria Ardor. No entanto, diante desta história que saltava em minha mente repentinamente, preferi escrevê-la primeiro.

Sobre o Benny, não quis finalizar a história dele. Eu não sei se ele terá um futuro longo e saudável ou se sua história será trágica. Decidi deixá-la por aberto. Acredito que se finalizasse de uma maneira triste, Benny não mereceria e se fosse feliz do nada, não seria real.

Espero que a leitura tenha sido prazerosa. Sinta-se livre para avaliar e conhecer outras obras minhas também à venda na Amazon.

[Trilogia - Os Amantes e Prazer](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

Trilogia Prazer:

- 1: [Prazer, Destruidor](#)
- 2: [Prazer, Puritano](#)
- 3: [Prazer, Pecaminoso](#)

[Box Prazer](#)

Trilogia Os Amantes:

- 1: [Deixe-me Te Amar](#)
- 2: [Arrisque-se e Ame](#)
- 3: [Envolva-se No Amor](#)

[Box Trilogia Os Amantes Completa](#)

Série Você (SPIN-OFF DA TRILOGIA OS AMANTES, MAS SEM NECESSIDADE DE SEREM LIDOS EM ORDEM):

PERIGOSAS ACHERON

[Amar Você](#)

Amador:

[Tentador](#)

Contatos:

[Jasmin Palumbo no Wattpad](#)

[Jasmin Palumbo](#) no Facebook